

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA GERAL E ROMÂNICA



**OMISSÃO DE CONSTITUINTES PÓS-VERBAIS NO UMBUNDU (LÍNGUA
BANTU): NUMA PERSPETIVA COMPARADA COM O PE**

Agostinho Adão Aurélio

Trabalho Final orientado pela Professora Doutora **Maria Gabriela Ardisson Pereira de Matos**, professora associada, elaborado especialmente para obtenção do grau de **Mestre em Linguística**.

=Dissertação=

2017

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA GERAL E ROMÂNICA



**OMISSÃO DE CONSTITUINTES PÓS-VERBAIS NO UMBUNDU (LÍNGUA
BANTU): NUMA PERSPETIVA COMPARADA COM O PE**

Agostinho Adão Aurélio

Trabalho Final orientado pela Professora Doutora **Maria Gabriela Ardisson Pereira de Matos**, professora associada, elaborado especialmente para obtenção do grau de Mestre em **Linguística**.

=Dissertação=

2017

“Nós somos o que fazemos repetidamente, a excelência não é um feito, e sim, um hábito.”

Aristóteles.

Dedicatória

Ao Edson, ao Riquelme, ao Laércio, meus filhos
e a Sra. Iraquiela Mutambuleno, minha esposa, à Sra. Domingas Augusta,
minha mãe.

À memória do Sr. Aurélio Pedro, meu pai.

Agradecimentos

Este trabalho não teria sido conseguido se não tivesse a colaboração daquelas pessoas que de alguma forma, direta ou indiretamente, contribuíram com o seu saber. Por isso, cabe-me agora agradecer.

Quero, em primeiro lugar, agradecer a Deus, por me conceder o dom da vida porque sem ele nada seria possível.

À minha orientadora, Professora Doutora Maria Gabriela Ardisson Pereira de Matos, por aceitar orientar-me. Agradeço, sobretudo, toda sua generosidade e humildade científica e humana, pela sua paciência, exigência e rigor na orientação deste trabalho, pela sua nobreza do caráter, pela sua amizade, e pela disponibilidade de tempo que sempre demonstrou na discussão do trabalho, algo que jamais esquecerei e por isso, ser-lhe-ei eternamente grato.

À minha família, especialmente à Sra. Iraquiela Edith Mutambuleno, minha esposa, por me apoiar nesta empreitada, tentando colmatar o vazio que eu deixei na educação dos nossos filhos, enquanto me formava, aos meus filhos o meu sentido de agradecimento pela compreensão, pelo tempo que ficavam sem poderem ouvir historinhas do papá na hora de dormir, saibam pois, meus filhos, sem o vosso apoio não seria possível alcançar este objetivo.

Ao coletivo de professores da Faculdade de Letras (FLUL) pela sua contribuição, nomeadamente, à Professora Inês Duarte pelo encorajamento, numa altura em que acabava de chegar, à professora Armanda Costa, à professora Nélia Alexandre pela sinceridade, aos professores Tjerk Hagemeyer e Hugo Cardoso pela simpatia; à professora Madalena Colaço, Telmo Mória, Rui Marques, Celeste Rodrigues, Ernestina Carrilho, Fernanda Prata, Ana Maria Martins, Manuela Ambar, entre outros, pelos conhecimentos que me transmitiram.

Aos funcionários da secretaria académica, pelo profissionalismo, especialmente à Sra Da Arlete pelo carinho e humildade que lhe é característica. Um agradecimento vai também para o professor doutor João Boaventura Ima Panzo pelo incentivo; ao governo da Lunda Norte, por me ter concedido licença a tempo integral, sem a sua boa vontade não seria possível.

Aos meus colegas do curso Ana Krajinovic, Vera Lacsán, pela amizade e, especialmente à Fernanda pela generosidade e humanidade, pela oferta de um livro que muito me ajudou, ao Emmanuel Pina, Percilda Nhate, Abdelkarim, ao Luís, à Eliandra Irina,

à Teresa Marcelino, pelo companheirismo, amizade e sobretudo, pelo apoio incondicional, o meu eterno agradecimento.

Aos meus amigos e irmãos, Carlos Domingos Trinta, Edgar Jacob Essuvi, Félix Chinjengue Matias Manuel, pelas sugestões e discussões, pelas lágrimas caídas quando tudo parecia desmoronar-se, o meu muito obrigado pelo vosso amparo e encorajamento. Ao colega José Kambuta pela disponibilidade na discussão do trabalho e sugestões que muito contribuíram, o meu obrigado, ao colega Mateus Segunda, por tudo o meu profundo agradecimento.

A todos aqueles que aqui não foram mencionados mas que tenho a consciência de que de alguma forma deram o seu contributo, desde já vai o meu muito obrigado e as minhas sinceras desculpas.

Resumo

Com a evolução da linguística moderna, desde a década de 80, a ideia da competência linguística como um sistema de regras específicas deu lugar a Gramática Universal (GU) que estabelece um conjunto de princípios gramaticais comuns partilhados por todas as línguas naturais, bem como das diferenças previsíveis entre elas. O Programa Minimalista atual foi concebido por Chomsky (1993, 1995) no âmbito da Teoria de Princípios e Parâmetros. Entende-se por Princípios, as propriedades gramaticais que são válidas para todas as línguas naturais, ao passo que os Parâmetros são compreendidos como as possibilidades de variação entre as línguas. O presente estudo visa o estudo da *Omissão de Constituintes Pós-verbais no Umbundu, uma língua Bantu, em comparação com o PE*.

Desde o período colonial, a educação em Angola foi concebida em língua portuguesa. Ainda após a independência, o ensino continuou a ser unicamente ministrado em língua portuguesa como herança da doutrina colonial. Por isso, as línguas nacionais ficaram marginalizadas, apesar de em 1978, o governo angolano ter criado o Instituto Nacional de Línguas, atualmente designado Instituto de Línguas Nacionais, com o objetivo de investigar e organizar a estrutura de base científica das línguas nacionais, com vista à sua valorização e divulgação, como parte da herança cultural do povo angolano e perspetivar a sua inserção no sistema educativo. Com efeito, ainda hoje, é gritante a falta de quadros para o cumprimento desse desiderato. Assim, por forma a contribuir no estudo da sintaxe das LB em geral, e do Umbundu em particular, o presente trabalho pretende compreender a morfologia do verbo no Umbundu, tendo em conta a sua influência na sintaxe, estabelecer os aspetos centrais da ordem de palavras e as relações de concordância, verificar a existência dos constituintes pós-verbais omitidos e caracterizar os tipos de omissões.

O presente estudo adopta essencialmente uma perspetiva descritiva, baseada fundamentalmente no confronto entre o Umbundu e o Português e nas propostas presente na bibliográfica, para o Português Europeu (PE) e para o Inglês. Para o Umbundu os dados foram constituídos a partir do conhecimento do autor como falante nativo dessa língua, e na confirmação desses juízos junto de outros falantes nativos da mesma língua. Os dados do Umbundu analisados apontam para existência de construções elípticas legitimadas principalmente pelo Vprincipal e pontualmente pelo Vaux, distinguindo-se assim do PE em que a elipse é legitimada tanto pelo Vprincipal quanto pelos Vaux e semi-auxiliares.

Palavras-Chave: Umbundu, línguas Bantu, morfologia verbal, construções elípticas, Português Europeu.

Abstract

With the evolution of modern linguistics, since the 1980s, the idea of linguistic competence as a system of specific rules has been replaced by a notion of Universal Grammar (UG), which establishes the grammatical principles shared across natural languages, but it also predicts the possibility of divergent properties in some domains. The Minimalist Program that started with Chomsky (1993, 1995) emerged within the Principles and Parameter theory. Principles are grammatical properties found in all languages, while Parameters are possibilities of language variation. This thesis studies the omission of postverbal constituents in Umbundu, a Bantu Language, in comparison with European Portuguese.

Since the colonial period, Angolan education has employed only European Portuguese, and this colonial heritage has continued even after its independence. Because of the prevalence of Portuguese, the Angolan languages became marginalized. However, in 1978, the government created the National Institute of Languages in order to promote and enhance the research in national languages as cultural heritage of Angola, aiming at their implementation in the educational system. Nevertheless, even today there is still a lot of improvement needed in this field. The present work intends to contribute to the study of Bantu languages by focusing on verbal morphology in Umbundu. In particular, this thesis studies the influence of morphology on syntax, as well as word order, agreement, and types of omissions of postverbal constituents.

This study adopts a descriptive approach, mainly based on a comparative analysis between Umbundu and European Portuguese and on proposals presented in the literature on European Portuguese and English. The linguistic data of Umbundu is based on the author's knowledge as a native speaker of the Language and confirmed by other native speakers of Umbundu. The analysed data shows that elliptic constructions are licenced by the Vprincipal and rarely by Vaux. This is different from European Portuguese where ellipsis is licenced by Vprincipal, Vaux, and semi-auxiliaries. This fact is related with the verbal morphology of Umbundu.

Keywords: Umbundu, Bantu languages, verbal morphology, elliptic onstructions, European Portuguese.

Índice

Dedicatória	i
Agradecimentos.....	ii
Resumo.....	iv
Abstract	vi
Índice.....	vii
Índice de Tabelas.....	x
Lista de Abreviaturas	xi
Introdução.....	16
0.1. Justificação do Objeto de Estudo e Objetivos	18
0.1.1. Objetivos	19
0.2. Perspetiva de Análise	19
0.3. Estrutura do Trabalho.....	20
0.4. Metodologia	20
Capítulo I: Angola, Panorama Linguístico.....	22
1.1. Situação Geolinguística e Sociolinguística de Angola	22
1.1.1. O Umbundu e a Sua Zona de Difusão.....	23
1.1.2. Estatuto Social das LB Faladas em Angola e da Língua Portuguesa	28
Capítulo – II: Aspetos Morfológicos das Línguas Bantu e do Umbundu – sua repercurssão na sintaxe	33
Introdução	33
2.1. Aspetos Morfológicos das Línguas Bantu.....	33
2.1.2. Morfologia Verbal - Estrutura do Verbo nas Línguas Bantu	35
2.1.2.1. Estrutura do Verbo nas LB	36
2.1.3. Valor sintático dos morfemas que se ligam ao verbo nas LB	37
2.2. Morfologia Verbal do Umbundu.....	45
2.3. Notas finais.....	52
Capítulo III: Aspetos Sintáticos nas Línguas Bantu e no Umbundu	53
3.1. A Sintaxe das LB: estrutura da frase e ordem de palavras	53
3.1.1. A sintaxe do Umbundu: estrutura da frase e ordem de palavras	57
3.2. Sistema de Verbos Principais e Verbos Auxiliares.....	58

3.2.1. Verbos Principais	58
3.2.2. Verbos auxiliares.....	60
3.3. Concordância de sujeito vs. Concordância de objeto.....	64
3.4. Estrutura funcional da frase e posição do verbo em Umbundu	66
3.4.1. Representação da estrutura funcional da frase em Umbundu.....	66
3.4.2. Movimento do verbo e Expressões Adverbiais no Umbundu	67
3.4.3. Advérbios modificadores do SV no Umbundu.....	69
3.5. Notas Finais.....	71

Capítulo IV: Omissão de Constituintes Pós-verbais no Umbundu e no PE .. 73

Introdução	73
4.1. Conceito de elipse. Elipse vs. Categoria vazia	74
4.2. Tipos de Elipse no PE e no Umbundu	76
4.2.1. O PE e as construções elípticas	76
4.2.2. O Umbundu e as construções elípticas.....	79
4.3. Elipse do SV, ACN, Objeto Nulo e Despojamento – propriedades comuns e distintivas no PE e no Inglês	81
4.3.1. Caracterização da Elipse do SV no PE e no inglês	82
4.3.1.1. ACN, Elipse do SV vs. Objeto Nulo no PE.....	84
4.3.1.2. Despojamento vs. Elipse do SV no PE.....	90
4.4. Elipse do SV, ACN, Objeto Nulo e Despojamento no Umbundu – propriedades comuns e distintivas.....	93
4.4.1. Elipse do SV vs. ACN vs. Objeto Nulo no Umbundu.....	93
4.4.2. Construção de Despojamento no Umbundu – expressão “vo” como único legitimador de Despojamento.....	97
4.5. Elipse do SV.....	100
4.5.1. Tratamentos Propostos na Literatura para o Inglês e o PE.....	100
4.5.2. Elipse do SV vs. Objeto Nulo nas LB	104
4.6. Elipse do SV no Umbundu – distribuição e legitimação	110
4.6.1. Distribuição da Elipse do SV no Umbundu.....	110
4.6.2. Legitimação de Elipse do SV no Umbundu	112
4.7. Notas finais	114

Capítulo – V: Conclusões..... 116

Referências bibliográficas.....	120
---------------------------------	-----

Índice de Figuras

Figura 1: mapa da divisão administrativa e geográfica de angola	22
Figura 2: mapa ilustrativo da zona de difusão e grupos de línguas bantu	24
Figura 3: mapa representativo das línguas mais faladas em Angola	25
Figura 4: gráfico das línguas mais faladas em Angola	26
Figura 5: mapa representativo das línguas mais faladas de angola, segundo o instituto de geodesia e cartografia, Angola, 2002.....	27
Figura 6: Mapa ilustrativo da distribuição das línguas Bantu conforme a estratégia de codificação de Tempo-Aspetto	41

Índice de Tabelas

Tabela 1: Tabela ilustrativa dos verbos no infinitivo no Umbundu e no PE 46

Tabela 2: Tabela ilustrativa dos prefixos de flexão 46

Lista de Abreviaturas

(-) – Fronteira entre morfemas

1^apl – primeira pessoa do plural

1^as – primeira pessoa do singular

2^apl – segunda pessoa do plural

2^as – segunda pessoa do singular

3^a pl – terceira pessoa do plural

3^aps – terceira pessoa do singular

A – aspeto

ACN – Anáfora do Complemento Nulo

ADJ – adjetivo

ADV – advérbio

APL - aplicativo

ART - artigo

AUX – auxiliar

CF – com referência

Cl - clítico

cl1 – classe 1

cl7 – classe 7

CP – grupo de complementador

CO – concordância de objeto

CS – concordância do sujeito

DET – determinante

DP – grupo de determinante

EXTS – extensões

FLEX – flexão

FUT – futuro

GGT – Gramática Generativa Transformacional

GT – Gramática Tradicional

GU – Gramática Universal

i.e. – isto é

IND – indicativo

INF – infinitivo

LB – língua Bantu
LN – língua nacional
LO – língua oficial
LOC – Locativo
LP – língua portuguesa
MN – morfologia nominal
MO – marca de objeto
MS – marca de sujeito
MV – morfologia verbal
N – nome
NEG – negação
NEUT – neutro
NP – grupo nominal
∅ – morfema zero
OD – objeto direto
OI – objeto indireto
Op. cit – opção citada
OVS – objeto-verbo-sujeito
p.e. – por exemplo
PA – Português de Angola
PAS – passado
PASS – passivo
PE – Português Europeu
PI – pré-inicial
PL – plural
PM - Programa Minimalista
PN – pessoa-número
PREF – prefixo
PREFN – prefixo nominal
PREP – preposição
PRES – presente
PRET – pretérito
PREV – pré-verbal
PROG - progressivo

Pron – pronome
RADJ – radical adjetival
RD – radical
REFL - reflexivo
RN – radical nominal
RV – radical verbal
RV.RED – radical verbal reduplicdo
S.D – sem data
SA – sintagma adjetival
SF – sufixo final
SG – singular
SN – sintagma nominal
SOV – sujeito-objeto-verbo
SP – sintagma preposicional
SUF – sufixo
SUFN – sufixo nominal
SV – sintagma verbal
SVO – sujeito-verbo-objeto
T – tempo
T.A – tradução do autor
TEMA D – tema derivado
TEMA F – tema flexionado
TMA – tempo-modo-aspeto
TPP - Teoria de Princípios e Parâmetros
TV – tema verbal
V – verbo
VAUX – verbo auxiliar
VF – vogal final
VOS – verbo-objeto-sujeito
VPE – VP ellipsis
Vpleno – verbo pleno
Vprincipal – verbo principal
VPT – topicalização do sintagma verbal
VS – verbo sujeito

VSO – verbo-sujeito-objeto

VT – vogal temática

Introdução

O Umbundu é uma língua Bantu (LB) pertencente a família Níger-Congo (cf. Nurse & Philippson, 2003, Ngunga, 2004, Nurse, 2008). É falada em Angola, fundamentalmente, na região centro-sul do país, como veremos mais adiante.

Não foram identificados, até ao momento da elaboração deste estudo, trabalhos sobre o Umbundu, no âmbito da sintaxe propriamente dita, apesar de já no século XX missionários católicos terem estudados aspetos gramaticais das LB, e do Umbundu em particular. Nos referidos trabalhos, destacam-se, as *Gramáticas do Umbundu* de Nascimento (1894), de Santos (1962a, 1962b) e de Valente (1964), todas elas gramáticas gerais. O trabalho de Santos intitulado “*Gramática Comparada dos falares bantos angolanos*”, apesar do título, apresenta apenas um conjunto de dados das LB faladas em Angola sem, no entanto, apresentar uma análise puramente linguística e comparativa. Há ainda a considerar o trabalho de Schadeberg (1990), intitulado “*A sketch of Umbundu*” e, por último, o *Dicionário Português - Umbundu* de Valente & Le Guennec (S.D).

Apesar da sua importância, sobretudo, do ponto de vista histórico, esses trabalhos não dão ao leitor uma visão precisa da língua, uma vez que não são trabalhos especializados. O trabalho de Schadeberg (1990) distingue-se dos demais por apresentar uma perspetiva linguística mais atual, i.e., de acordo com as teorias linguísticas modernas. De salientar que o referido trabalho tem, essencialmente, como pano de fundo a interface entre a fonologia e a morfologia do Umbundu.

De modo geral, e como já assinalamos, não identificamos estudos especializados que tratem de tópicos meramente sintáticos no Umbundu. Por essa razão, pensamos que este estudo surge, assim, como um contributo para o estudo da sintaxe do Umbundu, relativamente à omissão de constituintes pós-verbais e da Elipse do SV, em particular. Por isso, é nosso interesse que o presente estudo sirva como ponto de partida e de incentivo a mais investigadores, interessados no estudo da sintaxe das LB, e, na sintaxe do Umbundu em particular, e quiçá, no português falado em África em geral, na medida em que à exceção dos trabalhos de Ngoyani (1996, 1998) para o Swahili e Ndendeule, os de Ngonyani & Githinji (2006) para o Chingoni e Kikuyu, e as análises de Goldeberg, 2005 e Funakoshi, 2014, não identificamos outros trabalhos realizados relativamente à Elipse do SV nas línguas Bantu, no português falado em África, nem no português falado em Angola.

O presente estudo tem como objeto central a omissão de constituintes pós-verbais no Umbundu, língua Bantu, doravante (LB).

Motivado pelo interesse pessoal de aprofundar e aperfeiçoar os conhecimentos em sintaxe, por forma a contribuir para o estudo da sintaxe das LB faladas em Angola e do Umbundu, e da sintaxe do português falado em Angola, surgiu-nos o interesse de desenvolver este estudo que visa, essencialmente, como já referimos, os constituintes pós-verbais omitidos no Umbundu.

Neste sentido, frases como as do PE ilustradas em (1), (2) e (3) serão relevantes no presente trabalho.

- (1) a. O Edson tem faltado muito às aulas ultimamente e a Marina também tem [-].
b. O Edson tem faltado muito às aulas ultimamente e a Marina também [-].
- (2) a. O Riquelme quis fazer um mestrado em Física e os pais aprovaram [-].
- (3) A – Já encontraste os livros de que andas à procura?
B – Já procurei [-] em todo o lado e não imagino onde possam estar. (cf. Duarte & Costa, 2013:2339)

Em (1) ocorrem construções designadas na literatura de Elipse do SV (cf. 1a) e Despojamento, uma construção de elipse que por vezes se confunde com elipse do SV mas que omite todo o predicado incluindo o verbo (cf. 1b) (cf. Matos, 1992, 2003, 2013, 2017). O exemplo em (2) é ilustrativo da construção designada de Anáfora de Complemento Nulo, doravante (ACN) (cf. Matos, 2003, 2013, Cyrino & Matos, 2006a, b); Em (3) omite-se o argumento interno do verbo “procurar” com a função sintática de objeto direto. Esta construção é designada, na literatura (cf. Raposo, 1986, Duarte & Costa, 2013) de Objeto Nulo.

Apesar de aparentemente, estas construções apresentarem características comuns, elas são distintas umas das outras, dado que exibem propriedades diferentes. É disso que se vai ocupar o presente estudo (cf. Cap. IV).

A descrição de qualquer língua depende, fundamentalmente, de três fatores, nomeadamente: o conhecimento do autor de como a língua funciona, a quantidade de dados apresentados e a abordagem teórica (cf. Nurse & Phillipson, 2003). Considerando a complexidade morfológica que as LB apresentam e a sua influência na sintaxe, o presente trabalho, embora não tenha por objeto de estudo a morfologia, acaba tendo um respaldo morfológico. Assim, no presente estudo antes de passarmos para o que constitui o nosso objeto de estudo, iniciaremos a nossa análise a partir da morfologia do verbo, no sentido de

percebermos qual é o comportamento dos elementos (morfemas) que formam o verbo nessa língua.

Na maioria das línguas, o verbo apresenta uma flexão mais complexa do que qualquer outra classe gramatical da língua, (cf. MATEUS, *et al.*, 1990, Villalva, 2008). Nas línguas latinas a flexão tem um papel relevante, sendo mais produtiva nos verbos do que nos nomes, e manifesta-se sob a forma de número e género nos nomes e de tempo, modo e aspeto (TMA) nos verbos. Nas LB a flexão verbal organiza-se de forma aglutinante, dada a característica aglutinante dessas línguas, (Nurse, 2008:28). O capítulo II deste trabalho vai-se ocupar da morfologia do verbo nas LB.

0.1. Justificação do Objeto de Estudo e Objetivos

Angola apresenta uma sociedade pluriétnica e plurilingue, em que os grupos étnicos aparentemente diferentes uns dos outros, não terão as suas línguas no futuro (cf. Batibo, 2008), se não forem feitos esforços no sentido de estas serem estudadas, já que só se concebe a contribuição linguística por via do Português.

A política colonial Portuguesa levada a cabo em alguns países africanos, nomeadamente nas ex-colónias, particularmente em Angola, ao longo de vários anos, não permitiu o estudo das LB (nacionais) faladas no país. O colono estabeleceu políticas que proibiram o seu ensino e concomitantemente a sua utilização como língua de contato entre os povos. Proibiu, igualmente, a sua utilização ao nível institucional, (cf. Cap. I desta dissertação). Esta política fez com que as línguas nacionais fossem relegadas ao convívio familiar ou a fins religiosos. Por outro lado, tendo em conta as condições e o contexto em que se deu a transição do colonialismo para a independência e a escolha do Português como língua oficial, não foram implementadas medidas concretas destinadas à promoção e estudo das línguas nacionais o que conduziu a um défice de quadros nessa área. A falta de especialistas, resultante das razões acima aludidas, faz com que não haja estudos significativos sobre as línguas nacionais.

Entendemos que não se consegue construir uma sociedade multicultural e plurilingue sem que cada grupo tenha a sua própria identidade. Neste sentido, julgamos ser necessário e urgente o estudo das LB, faladas em Angola, tendo em conta que estas representam o património cultural dos povos. Por esta razão, decidimos trazer à discussão o estudo das LB faladas em Angola, com particular realce para o Umbundu, de forma a ajudar a sensibilizar as

entidades e a sociedade angolana em geral, para a premência de um investimento incisivo e eficaz nas LB, bem como para a sua constante divulgação ao mesmo tempo que fica aqui um desafio lançado aos investigadores em linguística em geral.

0.1.1. Objetivos

Cientes das dificuldades do desafio a que nos propusemos, por forma a contribuirmos no estudo da sintaxe das LB faladas em Angola e, do Umbundu em particular, pretendemos:

- (i) Compreender a morfologia do verbo no Umbundu, tendo em conta a natureza aglutinante que as LB apresentam e a sua influência na sintaxe;
- (ii) Estabelecer os aspetos centrais da estrutura frásica do Umbundu tendo em conta a ordem de palavras, as relações de concordância entre o verbo e os seus argumentos;
- (iii) Estabelecer classes das expressões adverbiais que permitem determinar a existência de movimento do verbo no Umbundu;
- (iv) Verificar a existência ou não de omissão de constituintes pós-verbais;
- (v) Caraterizar os tipos de omissões envolvendo o predicado verbal que podem ou não ocorrer nessa língua.

0.2. Perspetiva de Análise

As investigações atuais em linguística têm dado particular destaque à descrição das línguas naturais, estabelecendo, sistematicamente, análises comparativas. Neste sentido, privilegiando uma abordagem sintática, o presente estudo enquadra a sua abordagem na Teoria de Princípios e Parâmetros (TPP) atual (cf. Chomsky, 1981, 1995). Entretanto, no presente trabalho serão relevantes estruturas que permitem a omissão de constituintes pós-verbais nas línguas em estudo, o Umbundu e o PE, respetivamente, bem como estruturas com alteração da ordem básica de palavras, tendo em conta a posição possível das expressões adverbiais no Umbundu.

0.3. Estrutura do Trabalho

O presente trabalho apresenta a seguinte estrutura: a primeira parte é a introdução. Nesta parte do trabalho, apresentam-se as principais linhas que orientam o presente estudo, nomeadamente, a definição do objeto de estudo e dos objetivos, a especificação da perspetiva de análise, tendo em conta o quadro teórico que orienta o estudo, a metodologia, bem como os procedimentos da investigação. No primeiro capítulo apresenta-se de forma breve a situação geolinguística e sociolinguística de Angola, procurando, fundamentalmente, contextualizar a República de Angola, no que tange à situação sociolinguística do país, à zona de difusão do Umbundu, bem como ao estatuto social das línguas nacionais e do português no país.

O segundo capítulo debruça-se sobre a morfologia das LB e do Umbundu, em particular, destacando essencialmente a morfologia verbal. O terceiro capítulo debruça-se sobre a sintaxe do Umbundu, destacando, essencialmente, a ordem de palavras e as categorias expressas pelo verbo, as categorias funcionais e o movimento do verbo para o núcleo funcional frásico Flexão (ing. Inflection) e o sistema de verbos no Umbundu, tendo em conta a colocação das expressões adverbiais na frase. O quarto capítulo, que dá título ao presente estudo, dá conta da omissão de constituintes pós-verbais no Umbundu em comparação com o PE. No quinto e último capítulo, apresentam-se as principais conclusões deste estudo, seguindo-se as referências bibliográficas.

0.4. Metodologia

Para a elaboração do presente estudo, utilizamos essencialmente, o método de consulta bibliográfica e o método comparativo. A adoção do método de consulta bibliográfica foi motivada, por um lado, pela complexidade da própria língua (Umbundu) e, por outro lado, por ser um tópico ainda pouco explorado nas LB (cf. Ngonyani, 1996a, 1996b, 1998, Ngonyani & Githinji, 2006, Goldeberg, 2005 e Funakoshi, 2014). Pensamos, inicialmente, na elaboração de um inquérito, entretanto, tivemos que abandonar essa ideia tendo em conta, primeiro, como já referimos, a complexidade da própria língua, segundo, a dificuldade de se encontrar falantes jovens fluentes e adultos escolarizados que permitissem a sua adequada aplicação.

Admitindo que as semelhanças e diferenças que podem ser observadas numa língua e/ou noutra, contribuem para uma melhor compressão do seu comportamento, na tentativa de verificarmos diferenças e semelhanças entre o Umbundu e o PE, utilizamos o método comparativo (cf. Marconi & Lakatos, 2003, Freixo, 2011). Segundo as autoras, este método permite, num estudo descritivo, averiguar a analogia e as diferenças, entre os elementos de uma estrutura a analisar. Em termos de classificação e explicação permite a construção de tipologias e apontar causas entre os fatores presentes e ausentes, respetivamente, Marconi & Lakatos (2003:107).

Os dados analisados, para o PE e o inglês, foram reunidos de diversas fontes, em especial de Matos (1992, 2003, 2013, 2017), Cyrino & Matos (2006a, 2006b, 2016) entre outros, para o PE, e de Hankamer & Sag (1976), Johnson (2001), Aelbrecht & Haegeman (2012) entre outros, para o inglês. Para as LB, os dados foram obtidos a partir dos trabalhos de Ngoyani (1996a, 1996b, 1998), Ngonyani & Githinji (2006), Goldeberg (2005), Funakoshi (2014), entre outros. E para o Umbundu, os dados foram constituídos com base no conhecimento do autor, como falante nativo do Umbundu.

Assim sendo, os dados foram elaborados de acordo com os contextos em que a elipse está prevista a ocorrer, em línguas como o Inglês o Português.

Tal como foi já referido, o presente estudo por apresentar um cariz meramente comparativo, por forma a verificar se o fenómeno ocorre ou não no Umbundu, recorreremos às frases do português e a partir delas ver se podem ou não ocorrerem nos mesmos contextos e qual seria, nesses contextos, o comportamento do Umbundu.

De realçar que o Umbundu aqui descrito é o Umbundu falado na província de Benguela. Todavia, os dados apresentados são baseados na gramática e dicionário do Umbundu e na intuição do autor. O dicionário serviu-nos como fonte de consulta para a construção dos exemplos discutidos no presente trabalho. Salienta-se igualmente que os mesmos (dados) foram objeto de testes, ou seja, para que o nosso trabalho tivesse consistência, quanto aos dados tivemos que os testar com outros falantes do Umbundu, repartidos entre falantes nativos da província de Benguela e falantes nativos da província do Huambo, tal como já foi referido acima.

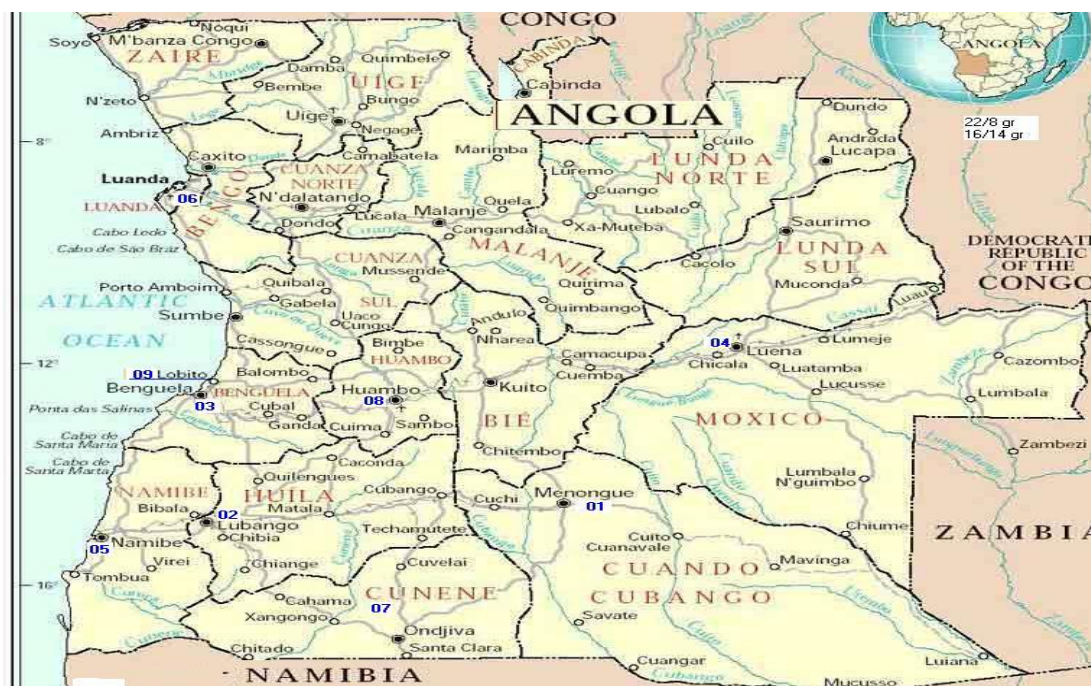
Capítulo I: Angola, Panorama Linguístico

Neste capítulo, na tentativa de percebermos o percurso da língua portuguesa (LP) e a situação a que foram expostas as LB, pretendemos apresentar de forma breve primeiro, a situação geolinguística de Angola, tendo em conta as áreas de distribuição geográfica das LB faladas neste país, segundo, a situação sociolinguística de Angola, desde a época colonial até ao momento atual.

1.1. Situação Geolinguística e Sociolinguística de Angola

A República de Angola está localizada na Costa Ocidental da África, na Região da África Austral conjuntamente com países como: África do Sul, República Democrática do Congo, Botswana, Lesoto, Madagáscar, Malawi, Maurícias, Moçambique, Namíbia, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia e Zimbabwe. Tem uma extensão de 1.246.700km², e 18 províncias. Tem como sua capital a cidade de Luanda. As suas fronteiras são delimitadas ao Norte e ao Nordeste pela República Democrática Congo, a leste pela República da Zâmbia e a sul pela República da Namíbia. É banhada a Oeste pelo Oceano Atlântico, conforme o Mapa abaixo ilustra.

FIGURA 1: MAPA DA DIVISÃO ADMINISTRATIVA E GEOGRÁFICA DE ANGOLA¹



¹ Mapa disponível em <http://www.uniaonet.com/afangola.htm>. Consultado à 30-04-2016

Os dados do censo de 2014 indicam que Angola tem uma população estimada em 25 789 024 habitantes, sendo a província de Luanda a mais representativa com cerca de 6 945 386 habitantes, representando 27% da população, seguindo-se as províncias da Huila, Benguela, Huambo, com 10%, 9% e 8% da população, respetivamente, INE (2016:31-32).

Angola, assim como a maioria dos países africanos é constituída maioritariamente por população de origem Bantu, embora haja um pequeno grupo de Khoisans. É também importante destacar a presença de população branca², para além dos “mestiços” de descendência africana e europeia, ou seja, que têm um dos progenitores de raça branca ou negra.

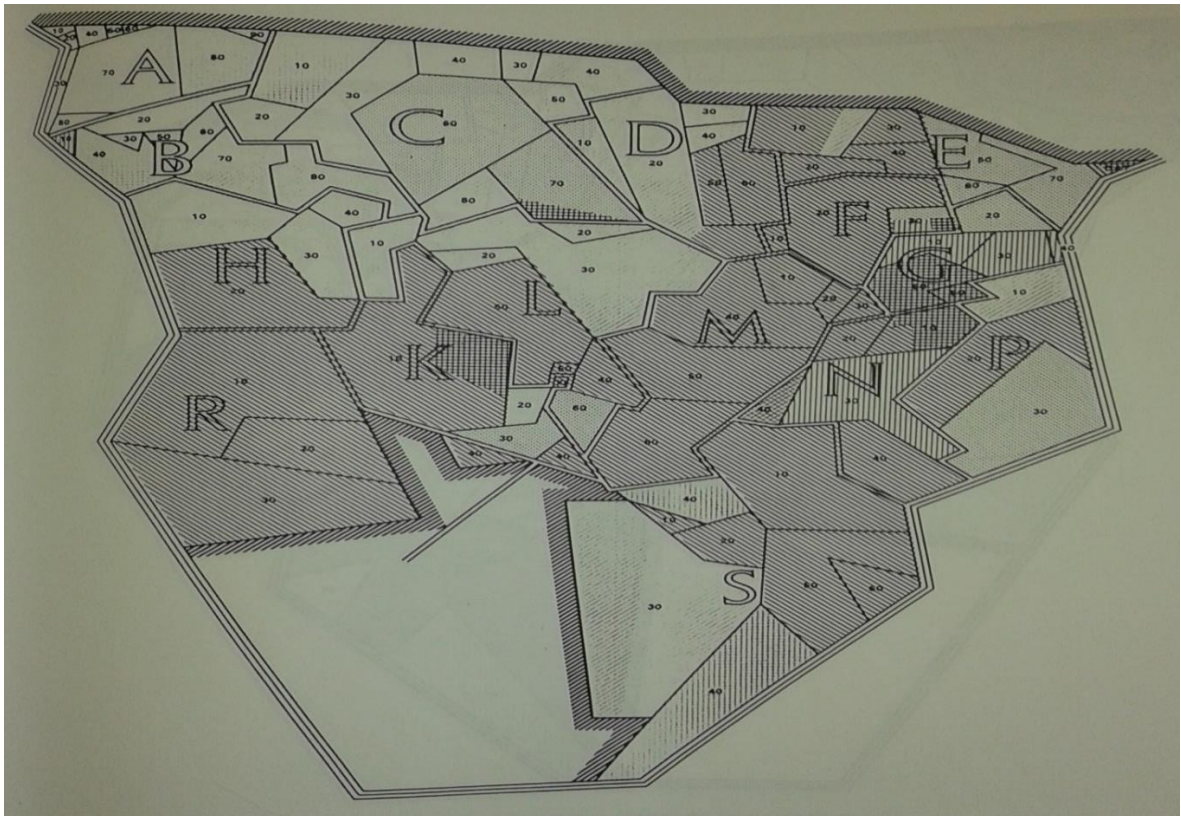
Apesar de ser um país quase totalmente Bantu é composto por uma diversidade de etnias, sendo as etnias Ovimbundu, Ambundu e Bakongo as mais representativas. A sua situação linguística afigura-se bastante complexa, dada a grande diversidade linguística que se verifica no país, o que contribui para a variação linguística, sobretudo, no aparecimento da variedade do “português de Angola”.

1.1.1. O Umbundu e a Sua Zona de Difusão

O Umbundu é uma das oito LB, oficialmente reconhecidas como línguas nacionais, faladas em Angola. É falada fundamentalmente na região centro-sul do país que compreende as Províncias do Huambo, Bié, Benguela e Namibe, conforme o Mapa ilustrativo abaixo. De salientar que para além das províncias indicadas, o Umbundu cobre também uma parcela das províncias do Kwanza Sul e Huila. De acordo com a classificação de Guthrie (1967) o Umbundu faz parte do grupo R, conjuntamente com línguas como o Nyaneka, o Kuanyama, entre outras (cf. Guthrie, 1967:60-61), como se ilustra na figura 2. Dada a elevada densidade populacional da região em que ela é falada é a língua mais falada em Angola depois do Português.

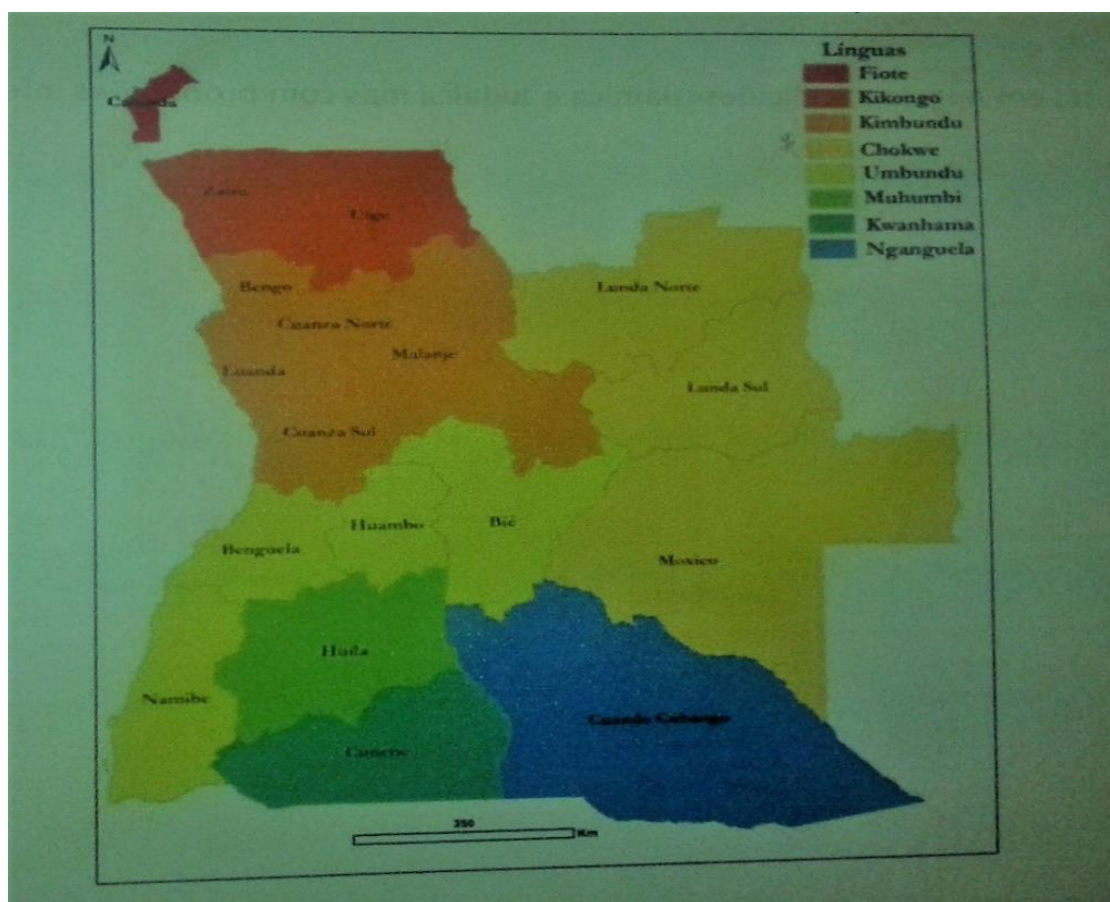
² Brancos nascidos em Angola na época colonial e que optaram por nacionalidade angolana. Segundo dados não oficiais essa população representa apenas 1% da população.

FIGURA 2: MAPA ILUSTRATIVO DA ZONA DE DIFUSÃO E GRUPOS DE LÍNGUAS BANTU



Guthrie (1967:71, Vol. I)

FIGURA 3: MAPA REPRESENTATIVO DAS LINGUAS MAIS FALADAS EM ANGOLA



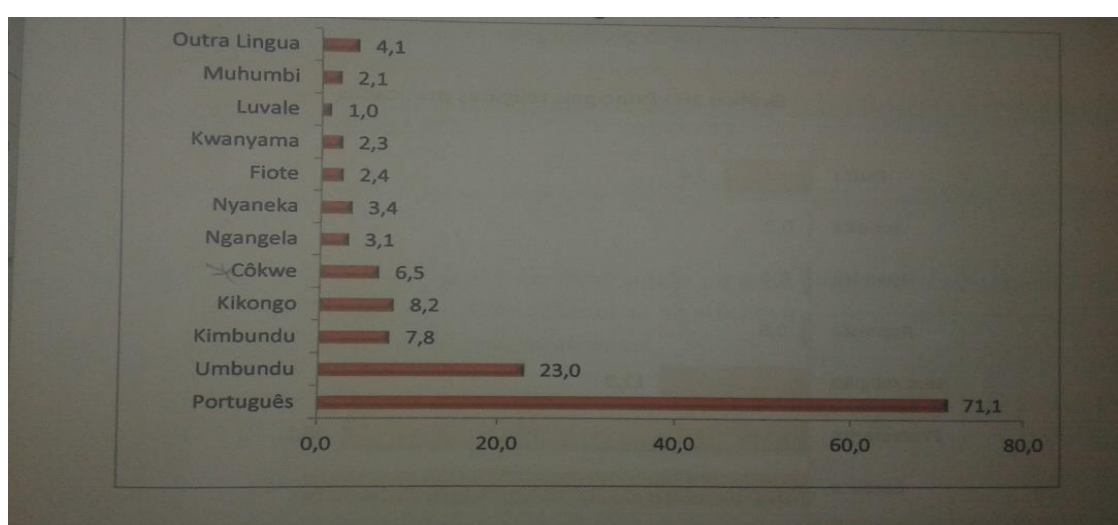
INE (2016:51)

O mapa acima (cf. Figura 3) apresenta não só os grupos de línguas faladas em Angola, como também as respetivas etnias, e a sua localização ou principais zonas de difusão. Assim, e tendo por base o mapa da figura 3, o grupo étnico Bacongo tem como língua o Kikongo e abarca as províncias do Uíge, Cabinda e Zaire. O grupo étnico Tucokwe tem como língua o Cokwe e situa-se na região Nordeste do país, cobre as províncias da Lunda Norte, Moxico e Lunda Sul; O grupo étnico Ambundu tem como língua o Kimbundu e representa as províncias de Luanda, Bengo, Kwanza Norte, Malanje e a província do Kwanza Sul. O grupo etnolinguístico Vangangela tem como língua o Ngangela e oficialmente localiza-se na província do Kuando Kubango, mas a sua influência também se faz sentir nas províncias limítrofes do Bié e do Moxico; O grupo étnico Ovambo expressa-se em duas línguas, representando dois subgrupos do grupo ovambo, nomeadamente o Kwanyama e Ndonga e situa-se na província do Cunene; O grupo étnico Ovanhaneka-Nkumbi tem como língua de comunicação o Nhaneka e situa-se maioritariamente na província da Huíla e por último, o

grupo etnolinguístico Ovimbundu tem como língua o Umbundu, que é falada nas províncias do Bié, Huambo, Benguela, Namíbe. Como foi já assinalado, representa o grupo de língua Bantu mais falado em Angola depois do Português, (cf. Fernandes & Ntongo, 2002, INEA, 2016).

De acordo com os dados do censo 2014 estima-se que cerca de 23% da população fala a língua Umbundu, tal como ilustra o gráfico abaixo, o que equivale a um número superior a cinco milhões de habitantes.

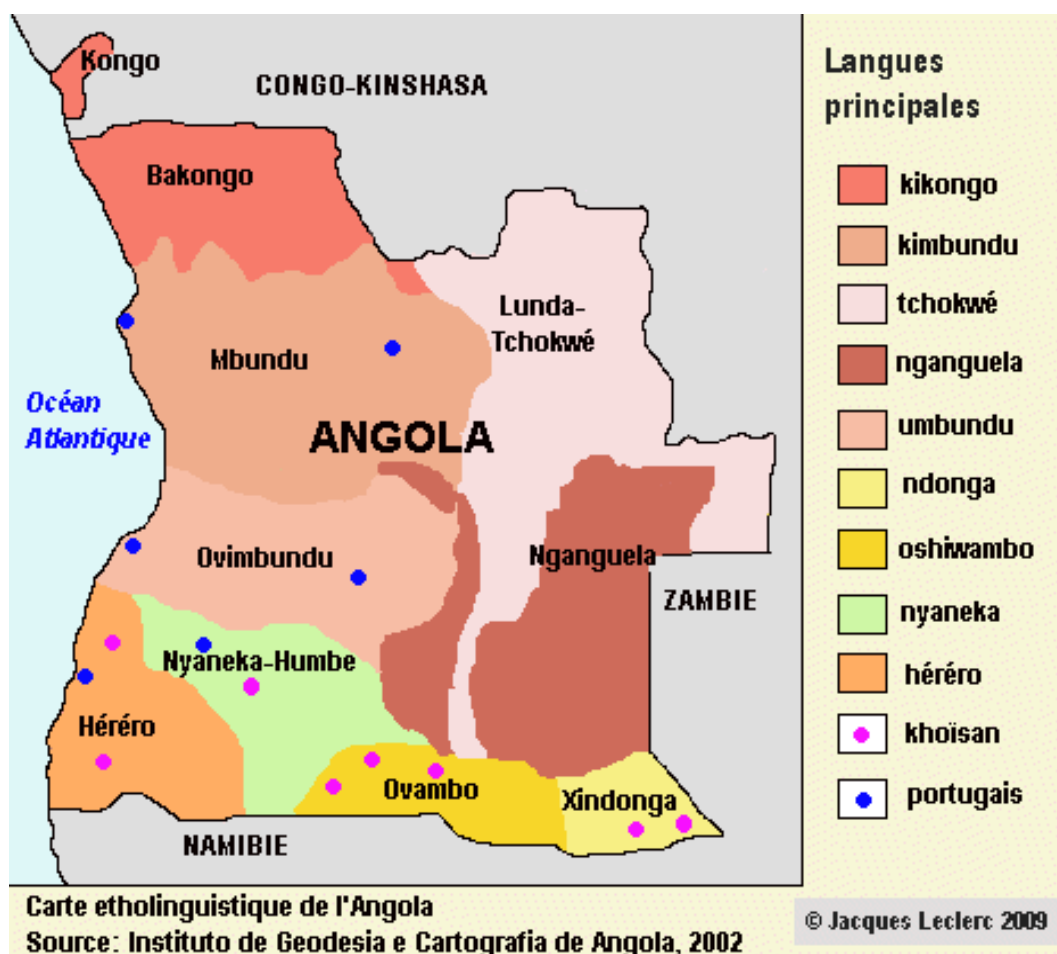
FIGURA 4: GRÁFICO DAS LÍNGUAS MAIS FALADAS EM ANGOLA



INE (2016:51)

No entanto, embora se trate de dados recentes, achamos que o mapa da figura 3 não reflete na íntegra a realidade linguística do país, relativamente à distribuição das línguas faladas em Angola, inclusivamente o Português. Apesar de os dados indicarem ser a língua mais falada no país, a língua portuguesa não está representada no mapa. Por isso, achamos que faria sentido um mapa como o de Jacques Leclere (2009) que a seguir apresentamos, por entendermos que, embora apresenta igualmente limitações, este mapa ilustra melhor o contexto angolano.

FIGURA 5: MAPA REPRESENTATIVO DAS LÍNGUAS MAIS FALADAS DE ANGOLA, SEGUNDO O INSTITUTO DE GEODESIA E CARTOGRAFIA, ANGOLA, 2002



(apud, Chicumba, 2012)

Apesar dos dados, considera-se que atualmente a distribuição das línguas nacionais não é uniforme, fruto da vaga de migrações que se registaram durante a guerra que assolou o país, durante quase 30 anos, como nos confirma Panzo:

Apesar de as línguas nacionais angolanas de origem Bantu estarem frequentemente associadas, cada uma delas, a determinadas zonas do território, fruto do processo migratório motivado por vários fatores, mas sobretudo pela guerra de que o país foi alvo durante muitos anos, há pequenas comunidades de falantes de língua materna (nacional) diferente da língua nacional predominante numa dada região, (Panzo, 2013:47).

Como já foi referido, o Umbundu é a língua bantu falada na região centro-sul e, entre as LB, a mais falada em todo o país depois do português, língua não bantu. Com efeito, nesta

região do país deverá ser abordada tanto como L1, quanto como L2, na medida em que é falada pelos adultos como L1 e falada pelos jovens como L2 (cf. Cruz, 2013). Atualmente é quase impossível encontrar-se crianças em zonas urbanas e suburbanas que adquiram o Umbundu como L1, sendo, contudo, provavelmente possível que tal aconteça em zonas rurais.

1.1.2. Estatuto Social das LB Faladas em Angola e da Língua Portuguesa

Independente da diversidade linguística que se verifica no país, o Português continua a sobrepor-se às demais línguas com as quais coabita, tendo em conta o seu estatuto de língua oficial e o facto de ser a língua da administração pública e do ensino. Atualmente, o número de falantes que a têm como língua materna tem crescido entre a população mais jovem, fruto da política linguística de oficialização do português que o país adotou. Dados anteriores ao censo de 2014 estimavam que cerca de 20% da população era falante do português, (cf. Inverno, 2009). Com efeito, dados recentes estimam que cerca de 71% da população fala a língua portuguesa (cf. figura 4), sendo que o maior número de falantes se concentra nas zonas urbanas, com cerca de 85%, e o menor nas zonas rurais com cerca de 49% de falantes, INE (2016:51).

Paralelamente ao que sucedeu na Península Ibérica em relação a imposição do Latim pelos romanos, os portugueses, como potência colonizadora, impuseram a sua língua e cultura aos povos encontrados no território angolano, Nzau (2011:60).

A história situa o início das relações entre Angola e Portugal em 1482, quando Diogo Cão chegou pela primeira vez nas margens do rio Zaire. Apesar de os portugueses terem chegado a Angola na data indicada só mais tarde, no século XIX, teve início a colonização deste país (Gonçalves, 2013:157). Devido a esse facto, até 1975, data da independência, a língua portuguesa era usada por uma minoria da população que a tinha como língua segunda (L2). Gonçalves salienta ainda que durante vários séculos Angola e Moçambique ocuparam uma posição periférica do conjunto dos territórios dominados por Portugal, sendo que nessa altura o governo (português) tinha as suas atenções viradas para o Brasil e para a Índia, regiões economicamente mais atrativas, o que originou o atraso da ocupação efetiva dos referidos territórios na segunda metade do século XIX e meados do século XX (*Ibdem*).

É importante referir-se que duas épocas marcaram a história de Angola. Primeiro, a época colonial, e segundo, a época pós-colonial. Na primeira, a sociedade angolana apresentava dois grupos: um grupo dos negros angolanos, e outro, dos brancos Portugueses.

O grupo dos brancos portugueses (colonizadores) adotando uma política assimilacionista³ fez com que os negros angolanos fossem agrupados em dois subgrupos distintos, um grupo dos assimilados e um dos não assimilados ou simplesmente indígenas⁴, como foram designados.

O primeiro era assim designado por apresentar assimilação dos hábitos e costumes europeus. O estatuto de “assimilado” criado pelo colonizador traduzia-se em “benefícios”, como p.e., os filhos dos assimilados poderiam ir à escola na companhia de meninos brancos e também tinham direito a nacionalidade portuguesa, (cf. Panzo, 2013). Por outro lado, o grupo considerado indígena era composto por indivíduos de raça negra ou seus descendentes que não possuíam os hábitos individuais e sociais do cidadão português. Este facto fez com que a língua portuguesa fosse vista como língua de prestígio e de ascensão social, Vilela (1999:179).

Na verdade, o estatuto de “assimilado” tinha como objetivo fundamental ter o melhor controlo da comunidade negra e, trazer benefícios económicos para a sociedade colonial. E como consequência, as LB ficaram circunscritas ao convívio familiar, tal como atesta o Decreto-lei N° 39 666, sobre o Estatuto dos Indígenas Portugueses nas Províncias:

Artigo 2.º (...) nas escolas católicas é proibido ensinar as línguas indígenas (...);

Artigo 3.º (...) a utilização das línguas indígenas no catecismo não é permitida a não ser como auxiliar durante o período do ensino elementar da língua portuguesa;

1. É proibido o emprego das línguas indígenas ou qualquer outra língua, à excepção do português, por escrito ou por panfleto, jornal (...) na catequese das missões, nas escolas e em todos os contactos com as populações locais (...).

(*apud*, Panzo, 2013:49).

Como se pode depreender, o colono português proibiu literalmente o uso das línguas nacionais (LB), inibindo assim, o seu desenvolvimento e divulgação. Chicumba (2012) afirma que;

³ Modelo Francês, que defendia que a língua colonial ou do colonizador deveria ser a única língua de contacto no ensino e o instrumento que propicia a assimilação cultural, (cf. Barreto, 1977 *apud* Gonçalves, 2013:159).

⁴ (...) Consideram-se indígenas das referidas províncias os indivíduos de raça negra ou seus descendentes que, tendo nascido ou vivido habitualmente nelas, não possuam ainda a ilustração e os hábitos individuais e sociais pressupostos para integral aplicação do direito público e privado dos cidadãos portugueses, (Decreto-lei N.º 39 666, Estatuto dos Indígenas Portugueses das Províncias da Guiné, Angola e Moçambique, publicado no Diário do Governo, 1ª Série, N° 110, Lisboa *apud* Panzo, 2013:48).

Pretendia-se com estas instruções delimitar o campo de acção e a influência das línguas “indígenas” e permitir a proeminência da LP na comunidade local cujo objectivo era o início do processo glotofágico das LN, (Chicumba, 2012:28).

Tal como sucedeu em África, particularmente em Angola (cf. Chicumba, 2012, Panzo, 2013) e Moçambique (cf. Rego, 2012), o mesmo ocorreu no Brasil (cf. Severo, 2014), quando no século XVIII se intensificou a promoção da língua portuguesa em um contexto monolíngue, através do Decreto dos Índios, tal como se pode depreender no trecho do Diretório dos Índios, século XVIII:

Sempre foi máxima inalteravelmente prática em todas as Nações, que conquistaram novos Domínios dos Índios, introduzir logo nos povos conquistados o seu próprio idioma, por ser indisputável, que este é um dos meios mais eficazes para desterrar dos povos rústicos a barbaridade dos seus antigos costumes; (...), que se introduziu neles o uso da língua do príncipe, que os conquistou, que se lhes radica também o afeto, a veneração e a obediência ao mesmo príncipe. (...) para desterrar esse perniciosíssimo abuso, será um dos principais cuidados dos Diretores, estabelecer nas suas respectivas Povoações o uso da Língua Portuguesa, não consentindo por modo algum, que os meninos e as meninas, e todos os Índios usem da língua própria das suas nações, (...), mas unicamente da Portuguesa (...), (Severo 2014:15-16).

Isto mostra que a língua portuguesa sempre foi utilizada pelo colonizador como forma de dominar e subjugar os diferentes povos e culturas, (cf. Makoni & Meinhof, 2004, Irvine, 2008, *apud* Severo, 2014:12).

A independência conseguida em 1975 fez com que Angola adotasse uma língua que pudesse servir como língua de comunicação entre instituições e também como língua de “unidade nacional⁵”. Uma vez que as LB faladas em Angola se circunscrevem às zonas ou regiões, e cada uma apresenta características particulares e típicas dessa língua, assim, a escolha

⁵ É uma expressão ainda polémica, quanto a nós, na medida em que se compararmos Angola com outros países, como por exemplo a África do Sul que tem mais de 10 línguas oficiais, sendo a maioria de origem Bantu, isso levar-nos-ia a pensar que a expressão “unidade nacional” foi apenas uma estratégia política, baseada nos interesses do colonizador.

recaiu sobre a língua portuguesa, na medida em que essa não era língua de “ninguém”. A partir dessa altura a língua portuguesa passou a ser a língua de unidade nacional, através da qual se contactam instituições administrativas do estado, é a língua veicular para todo o sistema de ensino. O estatuto de língua de unidade nacional e, conseqüentemente língua oficial permitiu e ainda hoje permite a preservação do seu estatuto de língua de prestígio, herdado da situação colonial. A valorização que se dá à língua portuguesa torna as LB faladas em Angola vulneráveis, sem importância entre os mais jovens, tal como se pode perceber no dizer de Panzo (2013):

A sua contínua sobrevalorização relegou, em grande medida, as línguas nacionais para um papel cada vez mais secundarizado, sem grande importância prática para os jovens das grandes cidades que as consideram como as línguas dos avós, (Panzo, 2013:50).

Apesar do interesse do governo angolano na valorização das línguas nacionais, com a introdução de algumas delas no Sistema de Ensino, sobretudo, no Sistema de Ensino de Adultos, para além do espaço dedicado às línguas nacionais, na Televisão Pública de Angola (TPA), e na Rádio Nacional de Angola (RNA), através da Radio Ngola Yetu (T.A, Nossa Angola), ainda assim, a situação sociolinguística de Angola continua a favorecer o Português, sendo que as línguas nacionais permanecem circunscritas ao domínio privado.

Apesar dos esforços do governo de se inserirem as línguas nacionais no sistema de ensino, e da Constituição da República de Angola estabelecer no seu artigo 19º, no ponto 2 que “O Estado valoriza e promove o estudo, o ensino e a utilização das demais línguas de Angola, bem como das principais línguas de comunicação internacional;” estes esforços parecem que esbarram-se em gavetas, no sentido em que, as línguas nacionais continuam a ser pouco valorizadas, não se vislumbrando uma política linguística séria de proteção das línguas nacionais, pondo desta forma em risco o seu futuro. Frequentemente ouve-se pretextos de que as LB incitariam ao tribalismo, regionalismo, divisionismo, e que, alegadamente, estes fatores comprometeriam a unidade nacional. Todavia, estes pretextos servem apenas, no nosso entender, para adiar a implementação, prevenção e divulgação das línguas nacionais. Entendemos também que a valorização das línguas nacionais, nossas línguas, e, a conseqüente oficialização não representa, nem representaria, absolutamente, nenhum perigo, se tivermos

em conta que Angola não seria o primeiro país africano a ter línguas nacionais de origem Bantu como línguas oficiais.⁶

Dada a dinâmica sociocultural a que Angola está exposta, sobretudo a guerra que assolou o país tornou-se num fator determinante do aumento do número de falantes da língua portuguesa. Com efeito, é preciso salientar que devido ao facto de se tratar de uma variedade não nativa, adquirida como L1 por uns e L2 por outros, em um contexto em que teoricamente predomina a norma padrão europeia, verifica-se, em larga escala, o surgimento de uma variedade do Português, o “Português de Angola” (PA). O surgimento da variedade do PA é, por um lado, motivado pelo contato com as LB, línguas maternas da maior parte da população e, por outro lado, pela falta de acesso à gramática do Português Europeu, (cf. Gonçalves, 2013).

Em síntese, por razões históricas, protegido pelo Decreto-lei Nº 39 666 referido na secção 1.1.2, o português continua a sobrepor-se às línguas nacionais e goza do estatuto privilegiado de ser a língua oficial, o que faz com que as línguas nacionais ou LB, continuem, política e socialmente, a ser relegadas para segundo plano, i.e., circunscritas a uso restrito, nomeadamente, no meio familiar ou em fóruns religiosos, e continuam, portanto, a desempenharem papéis tidos como secundários. Apesar de já haver programas, na rádio e na televisão, emitidos em línguas nacionais, há-de continuar assim se não forem adotadas políticas linguísticas claras e consentâneas para a sua valorização e divulgação. A situação é tão constrangedora que inclusivamente os falantes das respetivas línguas pensam mesmo que as suas próprias línguas não tem importância nenhuma e como tal, supõem mesmo que não faz nenhuma diferença aprende-las muito menos considera-las como objeto de estudo. Por isso, julgamos que para que as línguas nacionais (LB) tenham o lugar merecido, maiores esforços devem ser feitos, i.e., que os projetos do governo sobre a valorização e divulgação das línguas nacionais sejam mais efetivos e concretos, que a sua implementação seja mesmo um facto e não apenas conveniente. No nosso entender, para que as políticas linguísticas que pretendem a valorização e divulgação das línguas nacionais sejam efetivas, tal implica a formação de quadros vocacionados para o ensino das mesmas e para a produção de material de ensino e aprendizagem, o que pressupõe mais investimentos na investigação científica destas línguas.

⁶ A título de exemplo, como já referimos na nota 4, a África do Sul tem oficialmente 11 línguas, das quais 10 línguas autóctones e isso não tornou o país dividido, pelo contrário manteve a sua verdadeira identidade.

Capítulo – II: Aspectos Morfológicos das Línguas Bantu e do Umbundu – sua repercursão na sintaxe

Introdução

O presente capítulo debruça-se sobre a morfologia do verbo (doravante (MV) nas línguas Bantu (LB) em geral, e no Umbundu em particular, tendo como objetivo compreender a influência da morfologia na sintaxe. Assim, o presente capítulo está organizado da seguinte forma: na secção 2.1 assinalam-se os aspectos morfológicos gerais relevantes das LB, nomeadamente, a estrutura do verbo, o valor sintático dos morfemas que se ligam ao verbo, procurando compreender a sua influência, tanto na morfologia propriamente dita, como na sintaxe em particular; na secção 2.2 apresentam-se os aspectos morfológicos do verbo no Umbundu; na secção 2.3 apresentam-se as principais notas finais deste capítulo.

2.1. Aspectos Morfológicos das Línguas Bantu

A morfologia tem por objeto descrever as estruturas e os processos de formação de palavras em qualquer língua natural, tendo por base as unidades mínimas **Morfemas/lexemas** que compõem uma palavra (cf. Azuaga, 1996, Villalva, 2008, Mota, 2016). A presente secção dedica-se, como já referimos, à descrição da morfologia das LB, retendo o essencial da morfologia do verbo.

As LB são ricas em morfologia flexional, e em morfologia derivacional (cf. Nurse & Philippson, 2003; Katamba, 2003; Ngunga, 2002, 2004, Cumbane, 2008). Os autores partem do pressuposto de que nas LB cada elemento (morfema) que compõe uma palavra (Nome, Verbo, Adjetivo, etc.) contém um significado. As palavras nas LB apresentam a forma típica, prefixos-base-sufixos. Ou seja, a estrutura morfológica do nome, p. e., consiste de duas partes, um radical nominal (RN) e um prefixo ou um morfema zero (\emptyset), que precedem o RN, a que o nome pertence (Ngunga, 2002; Andrade, 2007). Pelo contrário, os verbos apresentam uma estrutura morfológica diversa, no sentido em que o verbo na forma infinitiva apresenta um morfema de infinitivo na posição inicial e o radical verbal, e na forma finita apresenta uma estrutura com vários elementos (morfemas), sendo que cada um destes desempenha uma função específica.

Os morfemas que precedem o radical verbal (RV) são prefixos que podem especificar entre outras coisas, pessoa ou classe nominal do sujeito, categorias flexionais como tempo,

aspeto, negação, etc. O radical verbal pode ser dividido em duas partes, sendo uma delas a base verbal (BV), nos termos de Schadeberg (2003:72) e Andrade (2007:112). No presente trabalho, este constituinte será referido como RV e um sufixo final (SF), como em (1a), ilustrativo de uma estrutura simples do verbo na forma finita no Umbundu. Esta análise é também válida para os nomes derivados de verbos, como mostra o exemplo (2a) em que o nome *Ulimi* “cultivador” deriva do verbo *Okulima* “cultivar”.

(1) Umbundu

a. U-lim-i

PN-RV-VF

“Agricultor”

b. Tw-a-lim-a

1pl-TMA-RV-VF

“Nós cultivamos”

No geral, tanto os nomes como os verbos apresentam uma base precedida de um ou mais morfemas ligados (cf. Andrade, 2007:122). Veja-se os exemplos em (2) e (3) ilustrativos de nome e em (3a) ilustrativos de nome derivado, e o exemplo em (3b).

(2) Yao:

a. mu-si

PN - RN

“aldeia”

b. lu-sulo

PN - RN

“Rio”

(3) Ngangela

a. mu-pika

PN - RN

“escravo”

b. mu-lómo

PN - RN

“boca”

Com efeito, aplicando essa análise nas formas verbais finitas teremos SF como parte da morfologia flexional do verbo, (cf. 1a), ao passo que nos nomes derivados, o SF será um sufixo nominal (SN), (cf. 1b).

2.1.2. Morfologia Verbal - Estrutura do Verbo nas Línguas Bantu

Na secção anterior, demos conta de alguns aspetos relevantes da morfológica nas LB e, apresentamos sinteticamente o comportamento morfológico do verbo e do nome nessas línguas. Na presente secção procuramos destacar essencialmente a morfologia do verbo nas LB e apresentar a sua estrutura tendo em conta o que foi já proposto na literatura, (cf. Schadeberg, 1990; Ngunga, 2004, Andrade, 2007, Nurse, 2008, entre outros).

O léxico das línguas naturais dispõe de um conjunto de unidades (palavras) de diferente natureza, mas que partilham algumas características comuns (Villalva, 1996:1). Formadas a partir de um radical (RD)⁷, ao qual se associa os constituintes temáticos, as palavras dão origem ao tema que recebe os sufixos (SUF) de flexão. Outra característica dos RD tem a ver com o facto de estes incluírem informações lexicais sobre a subcategorização morfológica a que pertencem, (op. cit). No PE, p. e., ao RV está associado um traço que indica a conjugação, e aos RADJ e RN está associado um traço de classe nominal a que pertencem. Este traço é definido, no português, pelo índice temático e pelo género, (*Idem*). Os verbos apresentam-se morfológicamente na forma infinitiva ou finita. Quando ocorrem na sua forma finita apresentam informações de tempo, de modo, de aspeto (TMA), de pessoa e de número (PN). Por definição, os verbos constituem a classe de palavras cujos elementos denotam ações, atividades, processos ou estados, (Raposo *et. al.*, 2013: 329).

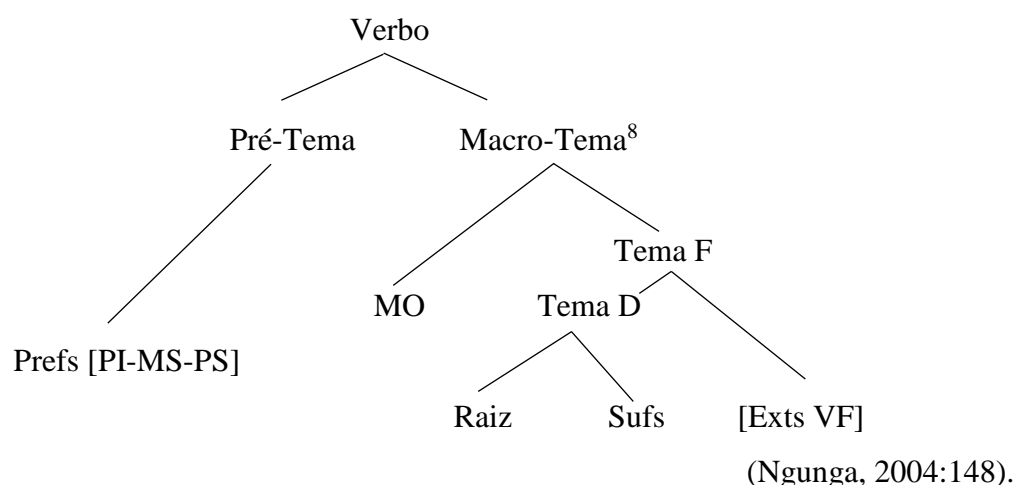
Nas LB, o verbo apresenta uma estrutura bastante complexa, mais complexa do que a das línguas Românicas, nomeadamente o Português. Existem várias propostas que dão conta da estrutura do verbo nas LB, (cf. Schadeberg, 1990, Ngunga, 2004, Andrade, 2007, Nurse, 2008 entre outros).

⁷ Por definição RD é a unidade lexical que pertence a uma categoria sintáctica principal, que pode ser, um radical adjectival (RADJ), um radical nominal (RN), um radical verbal (RV), sendo lexicalmente determinada e coincide com a categoria sintáctica das palavras simples em que ocorrem, Villalva (1996:2)

2.1.2.1. Estrutura do Verbo nas LB

O seguinte esquema, de Ngunga (2004), representa a estrutura do verbo nas LB:

(4)



O Verbo é constituído por um conjunto de morfemas, nomeadamente, prefixos: prefixo inicial (PI), raiz verbal, sufixos⁹, marca de sujeito (MS), pós-sujeito (PS), doravante, tempo-modo-aspeto (TMA), marca de objeto (MO), extensões verbais (Exts) e vogal final (VF)¹⁰, cada um destes morfemas desempenha na estrutura do verbo, uma função sintática específica.

Apesar de a maioria das LB apresentarem uma estrutura verbal interna muito complexa, nem todas LB podem ser representadas pela mesma estrutura, como se percebe nas palavras de Ngunga:

A representação da estrutura verbal das LB não segue uma ordem rígida, ou seja, nem todas as LB se podem representar pela mesma estrutura, embora possa ser adaptada por qualquer LB, contudo, não é obrigatório que todas tenham todos elementos aqui representados, (Ngunga, 2004:149).

Como se pode constatar em (4) o verbo constitui, nas LB o núcleo da frase já que nele estão concatenados todos os constituintes. De assinalar que nas LB todos os afixos distintos

⁸ Não especificamos aqui o Pré-Tema, e o macro-Tema, porque não foram igualmente especificados no original. Assim, o Tema F de acordo com o original é o tema flexionado, o Tema D é o tema derivado.

⁹ No presente trabalho, adoptaremos apenas a designação Extensões verbais (EXTs), tendo em conta que o autor não faz nenhuma referência sobre a função específica do morfema SUF, por outro lado, dado que a literatura linguística define sufixo – todo o morfema que ocorre em posição pós-verbal, achamos ser apenas uma questão de conceitos, (cf. Nurse, 2008:37). Relativamente a raiz verbal (RV) constitui a parte invariável da palavra (cf. Villalva, 2008), não tem nenhuma influência, pensamos nós, na morfologia do verbo. Por essa razão não foi destacado.

¹⁰ No português não existe vogal final, com efeito, este constituinte é designado na literatura da área por vogal temática VT (cf. Villalva e Silvestre 2014). De realçar que nas LB este constituinte permanece invariável no infinitivo de todos os verbos, Ngunga (2004:152).

das extensões (que são de natureza derivacional), quer sejam prefixos, quer sufixos do RV envolvem flexão verbal. Entretanto, a estrutura morfológica do verbo nas LB e a sua relação com a estrutura das frases será ilustrada nas secções seguintes.

2.1.3. Valor sintático dos morfemas que se ligam ao verbo nas LB

Na maioria das LB a negação é realizada na posição pré-verbal, com exceção de algumas línguas em que a marca de negação é descontínua. Assim, o prefixo pré-inicial, com a notação PI corresponde, tipicamente, à marca de negação, normalmente ligado ao verbo, exceptua-se desse grupo de línguas, por exemplo, o Changana. Nessa língua, a negação, realiza-se em função dos tempos verbais para além de apresentar um prefixo de negação ocorrendo em posição pré-inicial (NEG1) apresenta também uma outra marca de negação (NEG2) em posição final ou no interior da estrutura do verbo, como se ilustra nos seguintes exemplos, (cf. Ngunga, 2004).

(5) a. **A**-hi-lum-**i**

NEG-MS.3^apl-morder/PRES-NEG

“Não mordemos.”

b. **A**-hi-luma-**nga**

Neg-MS.3^apl-morder/PRET-NEG

“Não mordemos.”

c. **A**-hi-**nga**-ta-luma

NEG-MS.3^apl-NEG-TMA-morder/FUT

“Nós não morderemos.”

Como se pode observar, os exemplos em (5) mostram a particularidade dessa língua Bantu relativamente às demais, que realizam a negação em posição pré-inicial.

MS é o morfema co-referente do sujeito que funciona como marca de concordância. Nas frases afirmativas, este constituinte nas LB ocupa a posição inicial na estrutura do verbo, como se pode observar nos exemplos abaixo, em que o negrito marca os constituintes concordantes.

(6) a. **N**ihikhu noomala

(Makhuwa)

“O dia acabou”

b. **E**xima yoomala

“A massa acabou”

c. **xingove xiwile** (Changana)

“O gato caiu”

(cf. Ngunga, 2004:156).

Porém, na oralidade o sujeito pode ser omitido. Os exemplos em (7) e (8) ilustram isso mesmo.

(7) **(Umbundu)**

a. (ovo) vanda kepia

3^aPL Ø.ir/PRET campo/lavra

“(eles) foram à lavra/campo”

b. (Ame) ndi-kalisukula ale.

1^aSG MS.1^as-banhar ADV.já

“(Eu) já vou tomar banho”

(8) **(Yao)**

a. (uwe) **tu**-kuja kumingunda

1^aPL MS-ir(PRES) machambas

“(Nós) já vamos às machambas”

b. (wune) **n**-guja kuhoonga

1^aSG MS-ir(PRES) tomar banho

“(Eu) já vou tomar banho”

(Ngunga, 2004:157)

Nos exemplos dados, os parenteses indicam que os pronomes podem ser omitidos, na medida em que a sua ausência não origina frases agramaticais, muito menos inviabiliza o sentido da frase. A sua ocorrência é facultativa, sendo obrigatória a ocorrência da MS, o que parece mostrar que as LB permitem sujeito nulo consistente.

Em algumas línguas a omissão da marca de sujeito (MS) só é possível no modo imperativo em que existe apenas um único sujeito possível, a segunda pessoa gramatical. Estão neste grupo o Umbundu, o Changana, o Ronga, o Tshuwa, tal como se ilustra nos exemplos em (9).

(9) Umbundu

a. Lia! “come!”

Kwende! “vai!”

Pekela! “dorme!”

Changana

b. Tsutsuma! “corre!”

Famba! “vai” (Ngunga, 2004)

Ronga

c. Dondza! “aprende!”

Khoma! “agarra!” (Ngunga, 2004)

Tshuwa

d. Gonza! “aprende!”

Famba! “vai” (Ngunga, 2004)

Observa-se que o marcador de sujeito nas formas verbais imperativas dadas está ausente, i.e., nestes contextos o morfema que marca o sujeito é zero (\emptyset).

No português, a flexão verbal gera as formas simples que se incluem em duas categorias morfossintáticas, tempo-modo-aspeto, que codifica morfologicamente as informações de TMA, e Pessoa e Número (PN), (cf. Villalva, 2008).

Nas LB, a maioria das codificações de TMA envolve uma combinação de três componentes, nomeadamente flexão verbal (FLEX), o tom e o uso de morfemas que funcionam como verbos adicionais, nos termos de Nurse (2003:92). Segundo o autor, estes últimos morfemas ocorrem na maioria das LB como verbos auxiliares, tal como se ilustra com os seguintes exemplos do autor para o Swahili:

(10) a. Tu – ta - nunu-a

1ªPL-FUT-comprar-VF

“Vamos comprar.”

b. Tu-li-nunu-a

nós-PRET-comprar-VF

“Tínhamos comprado/comprámos.”

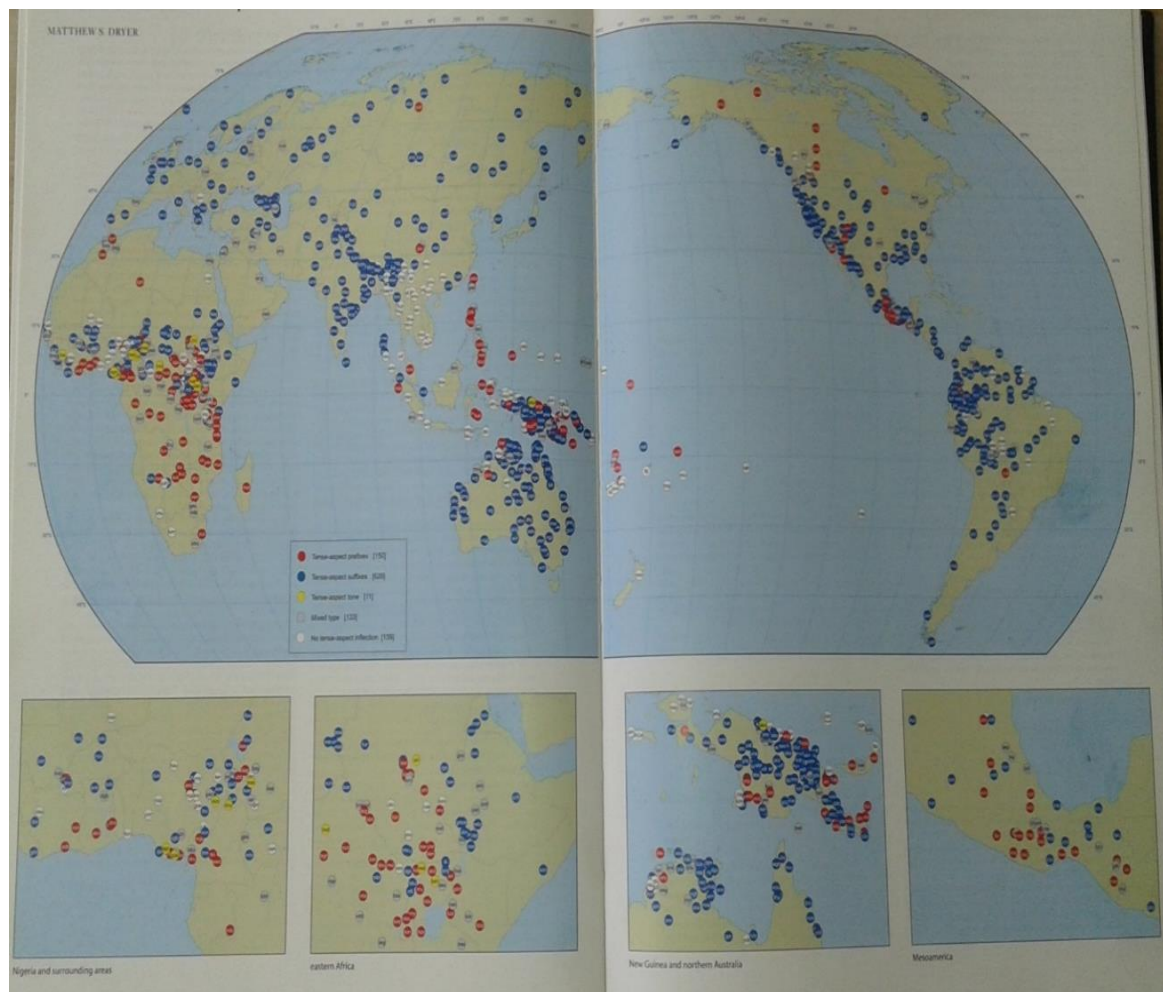
Considerando os exemplos e os argumentos do autor, não é possível afirmar com clareza que os referidos morfemas são na verdade verbos auxiliares, não obstante a não existência de verbos auxiliares autónomos nessas línguas.

Com efeito, nas LB o padrão comum de auxiliaridade parece ser o que estabelece que o elemento verbal com valor de auxiliar ocorre tipicamente como um morfema na estrutura interna do verbo. Estes morfemas comportam-se como os Vaux das línguas com morfologia verbal mais pobre, carregando essencialmente a mesma informação. É isso que tentamos perceber no capítulo seguinte.

O consenso sobre a codificação de TMA nas LB parece divergir. Duas hipóteses concorrem para a determinação de TMA: A primeira defende que, nas LB o marcador de Tempo ocorre primeiro e o de Aspetto depois, i.e., dependendo da estrutura do verbo o marcador de Tempo ocorre na posição PREV e o de Aspetto, na posição final. A segunda defende que, uma única palavra verbal pode ter informações de Tempo e de Aspetto, ou vários aspetos, mas apenas um único tempo, Nurse & Philippon (2003:92).

As divergências que se observam na literatura sobre como as LB codificam a informação de TMA, parecem mostrar que esta codificação nas LB não é uniforme, variando de língua para língua, ou ainda que é conforme com a sua zona de difusão (cf. Guthrie, 1967, Drayer, 2005), tal como se pode observar no mapa abaixo, em que as zonas a vermelho indicam línguas que codificam TA na posição prefixal, as zonas a azul indicam línguas que codificam essa informação na posição sufixal, as zonas a amarelo indicam línguas em que a codificação é apenas tonal e as zonas a cinzento indicam línguas que não apresentam flexão de tempo e de aspeto (TA).

FIGURA 6: MAPA ILUSTRATIVO DA DISTRIBUIÇÃO DAS LÍNGUAS BANTU CONFORME A ESTRATÉGIA DE CODIFICAÇÃO DE TEMPO-ASPETO



(Dryer, 2005:284-285)

Existem outras línguas que adotam outras estratégias, como p.e., o uso do tom para codificar a informação de TMA, é o caso do Lingala, língua falada na R.D.Congo. Nesta língua, a informação de TMA manifesta-se na VF (cf. 11b), em negrito, e na posição pré-verbal (cf.13c), portanto, na MS.

(11) a. To-sal-aka

MS.3^aPL-trabalhar-HAB (indicativo)

“Trabalhamos (regularmente)

b. To-sal-áka

MS.3^aPL-trabalhar-HAB (Conjuntivo)

“Trabalhemos (regularmente)

c. **Tó**-sal-aka

MS.3^aPL-trabalhar-PRET

“Trabalhámos”

(cf. Nurse & Philippson, 2003)

Contrariamente ao que sucede em algumas LB, em que a VF codifica também informação de TMA, no Swahili e no Umbundu, este marcador não codifica nenhuma informação. Para além dos constituintes já referidos, há ainda a destacar a presença na estrutura do verbo de marcadores pronominais ou marcadores de objetos (MO) e de Extensões verbais (Exts). Diferente do PE, em que os argumentos internos ocorrem, geralmente, à direita do verbo, as LB admitem três estratégias de marcação de objetos, (Nurse, 2008:215). Existem LB que admitem a ocorrência do MO em posição pré-raiz verbal, precedendo imediatamente a RV, como p.e., o Kikuyu em (12), outras que admitem este constituinte na posição pós-verbal. Neste grupo de línguas, o MO pode ocorrer em posição pós-verbal, sucedendo imediatamente a raiz verbal (cf. 13) ou em posição final, depois da VF (cf. 13c), como pronome clítico ou como pronome independente. E por último, o grupo de línguas em que o MO não tem uma posição definida, podendo ocorrer tanto em posição pré-verbal como em posição pós-verbal, ou como MO, e/ou como clítico, é o caso do Lunda (cf. 13), (Nurse, 2008:215).

(12) a. ni-ndi-raa-mu-he-ire

FOC-MS.1^aSG-Pret-MO (3^aSG)-dar-ASP

“Dei (a) ele”

b. ni-ndi-raa-ka-he-an-ire

FOC-MS-PRET-MO (DEM)-dar-Ext-ASP

“Eu dei-o’

(13) a. N-a-**mw**-ink-a mukánda

1^aSG-TMA-MO-dar-VF livro

“Dei o livro a ele.”

b. N-a-**mw**-ink-á-**wu** kánsi

1^aSG-TMA-MO1-dar-VF-MO2 criança

“Dei isto à criança.”

c. N-a-**mw**-ink-á-**wu**

1^aSG-TMA-MO1-dar-VF-MO2

“Dei-lhe isso.”

(cf. Kawasha, 2002 *apud* Nurse, 2008:216).

Os exemplos mostram a marcação de objeto em posição pré-verbal, em que o MO precede imediatamente o RV (cf. 13a, b e c) e em posição pós-verbal, em que o MO ocorre depois da VF. De referir que o Lunda, nas construções de duplo objeto permite a co-ocorrência de dois morfemas que marcam os dois objetos OD e OI na estrutura interna do verbo, onde o marcador do OI ocorre antes do marcador do OD, ou seja, o marcador do OI ocorre antes da RV e o marcador do OD ocorre depois da RV, portanto, em posição sufixal imediatamente depois da VF (cf. 13b, c). Um dos aspetos mais relevantes da morfologia verbal nas LB residem nas Exts verbais, dado que estas influenciam, fundamentalmente, a valência do verbo, (cf. Mutaka & Tamanji, 2000; Mchombo, 2004; Nurse, 2008). Designadas “sufixos” em Meeussen (1967), as Exts são morfemas derivacionais¹¹ que se acrescentam à RV para lhe modificar o sentido, a morfologia bem como a sintaxe, tendo em conta o número inerente de argumentos internos, (cf. Mutaka & Tamanji, 2000; Ngunga, 2004).

A grande maioria das Exts verbais nas LB expressam categorias derivacionais (ou de mudança de valência). De assinalar que, as Exts verbais que modificam a valência do verbo são atestadas em todas as LB, é o caso p. e., das Exts causativas e aplicativas. É importante salientar que, para além das já mencionadas, existem outras que de acordo com a literatura da área são frequentes em todas LB, nomeadamente: o recíproco e/ou reflexivo, o passivo, o intensivo, o estativo, o frequentativo, o reversivo, o impositivo, etc., (cf. Mutaka & Tamanji, 2000; Schadeberg, 2003; Ngunga, 2004; Mchombo, 2004; Hyman, 2007, Cumbane, 2008).

Neste sentido, no presente estudo serão relevantes as Exts causativas e aplicativas, tendo em conta a sua influência na estrutura do verbo. Outras serão pontualmente referidas. As Exts causativas e aplicativas têm efeito sobre o verbo. O causativo quando é adicionado ao verbo monovalente (com um único argumento), tipicamente, muda o seu valor e passa a ter um valor bivalente (com dois ou mais argumentos). Dito de outro modo, quando a Ext

¹¹ Nas LB as Exts verbais dividem-se em dois grupos: (i) Extensões verbais produtivas - produtivas pelo facto de nele se atribuir, por um lado, significados de TMA, e sufixos que afetam a valência do verbo, por outro; (ii) Extensões verbais não produtivas –assim consideradas, por não terem qualquer repercussão na valência do verbo, ou seja não alteram o valor do verbo e, na maioria dos casos não se lhes atribui qualquer significado ou função específica, (MUTAKA & TAMANJI, 2000:176).

causativa é adicionada a um verbo intransitivo, p. e., este adiciona ao verbo um sujeito que funciona como agente e, o sujeito gramatical torna-se objeto. Observe-se exemplos de Chechewa que ilustram essa situação.

(14) a. Chigawênga chi-ku-sêk-a.

terrorista MS-TMA-rir.pres-VF

“O terrorista está a rir.”

b. Kalulú a-ku-sék-éts-á chigawênga.

Lebre MS-TMA-rir-CAUS-VF terrorista

"A lebre está a fazer rir o terrorista.”

c. Mkángó u-ku-phkwány-íts-a chigawéngá maûngu.

leão MS-TMA-esmagar-CAUS-VF terrorista abóboras

“O leão está a fazer o terrorista esmagar abóboras.”

d. *Mkángó u-ku-phwány-á chigawéngá maûngu.

Leão MS-TMA-esmagar-VF terrorista abóboras

(cf. Mchombo, 2004:75)

O exemplo em (14a) mostra uma estrutura morfológica verbal em que o Vprincipal é um verbo intransitivo, sem adição de qualquer Ext. Entretanto, verifica-se em (14b e c) que a adição na estrutura do verbo das Exts causativas “-éts-”, (14b) e “-íts-” (14c) muda a estrutura da frase. Assim, a presença das Exts “-éts-” e “-íts-” introduz nas respectivas frases novos NPs, *Kalulú* e *Mkángó*, que assumem as funções sintáticas de sujeito da frase causativa, e o sujeito gramatical da frase intransitiva passa a ocupar a posição de objeto da frase. A agramaticalidade de (14d) mostra que o novo NP não pode ocorrer em construções não causativas.

Outra Ext que merece atenção é o aplicativo. A literatura dá conta de que estas duas Exts têm sido fundamentalmente destacadas em línguas de duplo objeto, (cf. Mutaka & Tamanji, 2000; Mchombo, 2004, Cumbane, 2008). A diferença entre ambas é, essencialmente, semântica e gramatical. Ou seja, a diferença nas duas construções prende-se com funções semânticas e gramaticais associadas ao NP introduzido pelas Exts causativa e aplicativo. Assim, em construções causativas o novo NP tem um valor agentivo, tipicamente ocorre como um sujeito gramatical (cf. 14), e o aplicativo introduz na frase NPs não agentivos. Em Chechewa e Kinande, p. e., uma construção aplicativo é usada para introduzir na estrutura argumental do verbo expressões nominais com o papel semântico de beneficiário, (cf. Mutaka & Tamanji, 2000; Mchombo, 2004; Hyman & Mchombo, 1992, *apud* Mchombo, 2004:75),

bem como funções sintáticas de instrumento, locativo e circunstancial. Os exemplos de Chechewa em (15) ilustram isso mesmo.

(15) a. Kalulú a-ku-phík-á maûngu.

Lebre MS-TMA-cozinhar-VF abóboras

“A lebre está a cozinhar abóboras.”

b. Kalulú a-ku-phík-**il**-á mkángó maûngu.

lebre MS-TMA-cozinhar-APL-VF leão abóboras

“A lebre está a cozinhar (para) o leão abóboras.”

(cf. Mchombo, 2004:75).

O exemplo em (15b) atesta bem as diferenças que se podem verificar entre as construções causativas e aplicativas. Neste exemplo, o novo argumento *mkángó* é introduzido como objeto direto e a ele está associado a função semântica de beneficiário.

2.2. Morfologia Verbal do Umbundu

A complexidade estrutural do verbo nas LB, em que informações dadas noutras línguas por elementos lexicais são dadas por morfemas, faz com que sejam consideradas línguas aglutinantes, (cf. Nurse & Philippson, 2003; Ngunga, 2004; Andrade, 2007; Nurse, 2008, entre outros).

Como se viu, nas LB a formação do verbo, tipicamente, consiste numa sequência de morfemas afixais ligados à raiz, marcando as categorias flexionais como a categoria TMA, por exemplo.

A classificação morfológica dos verbos no Umbundu apresenta características particulares. No PE, os verbos são agrupados em três conjugações e são geralmente citados a partir do infinitivo, (Villalva & Silvestre, 2014:123). A preferência que se dá aos verbos no infinitivo nesta língua decorre do facto de que, nessa forma (infinitivo) a VT tem realizações fonéticas distintas, sendo [a] para a primeira conjugação, [e] para a segunda conjugação e [i] para a terceira conjugação. Repare que essa tripartição que os verbos apresentam, não tem qualquer relevância sintática ou semântica, sendo que a sua justificação é estritamente morfológica, intimamente relacionada com a flexão, (op. cit.).

Como já foi referido, no Umbundu os verbos apresentam uma estrutura particular no infinitivo são tipicamente marcados pela mesma VT [a], tanto na forma marcada¹², como na forma não marcada, (cf. Schadeberg, 1990, Ngunga, 2004). Tendo em conta essa característica, torna-se evidente que a distinção dos verbos segundo a conjugação não se aplica, na medida em que seria impossível classificá-los como verbos da primeira, segunda ou da terceira conjugação, o que parece evidenciar que nessa língua existe uma única classe de verbos. Confronte-se os seguintes paradigmas do Umbundu com os do PE.

(16)

TABELA 1: TABELA ILUSTRATIVA DOS VERBOS NO INFINITIVO NO UMBUNDU E NO PE

Verbo/Conjugação	Português			Umbundu		
	1 ^a	2 ^a	3 ^a	-	-	-
Infinitivo	observar	beber	permitir	okutala	okunhwa	okutava
	lavar	comer	partir	okusukula	okulia	okwenda

Relativamente à flexão verbal, constata-se que no Umbundu, e nas LB em geral, contrariamente ao que sucede no PE, em que a flexão verbal é realizada na posição sufixal, nesta língua a flexão é realizada, como já referimos, tipicamente na posição pré-verbal, embora se admita haver flexão na posição final (cf. Nurse & Philippson, 2003:90). O Umbundu apresenta cinco (5) prefixos de flexão, em pessoa/número que se distribuem conforme o quadro abaixo.

TABELA 2: TABELA ILUSTRATIVA DOS PREFIXOS DE FLEXÃO

Prefixo de flexão em pessoa e número	1 ^{as}	2 ^{as}	3 ^{as}	1 ^{apl}	2 ^{apl}	3 ^{apl}
Presente	ndi-	e-, o-	o-	tu-	u-	va-
Passado	nda-	wa-	wa-	tw-	wa-	va-

Como o quadro ilustra, quando o verbo é conjugado no presente, no singular, a 1^{ap} apresenta o prefixo ndi-, a 2^{ap} apresenta os prefixos “e-” e “o-”, a 3^{ap} o prefixo “o-”. O plural apresenta os prefixos “tu-” “u-”, “va-”, para a 1^a, 2^a e 3^a pessoas, respetivamente. Quando o

¹² Embora alguns verbos admitam, sobretudo, no pretérito a terminação em [i], o padrão comum é a terminação em [a]. Exceptua-se os tempos compostos que tipicamente terminam em [e].

verbo é conjugado no pretérito, a flexão em pessoa e número apresenta as formas *nda-* para a 1ªsg, *wa-* para a 2ªsg e 3ªsg e 2ªpl, *tw-* para a 1ªpl, como se ilustra nos seguintes exemplos com os verbos *okutanga* “estudar”: **nditanga** – “eu estudo”; **ndatanga** – “eu estudei”; **watanga** – “ele estudou”; **twatanga** – “nós estudámos”, etc.

Em termos de funções sintáticas estes prefixos desempenham na estrutura do verbo as funções de marca de sujeito (MS). De referir que a presença destes constituintes na estrutura do verbo é de ocorrência obrigatória, mesmo quando o sujeito gramatical é lexicalmente realizado, exceto nas frases imperativas e infinitivas. Entretanto, algumas MS distinguem-se apenas por tom, como são os casos das 2ªsg e 3ªsg. Assim, na 2ªsg o tom é baixo e é alto na 3ªsg, (cf. Hyman e Kisseberth, 1998, Ngunga, 2004, Nurse, 2008).

Em contraste com o PE, em que os verbos são citados a partir do infinitivo, no Umbundu, e nas demais LB os verbos são citados, geralmente, a partir da sua forma finita (cf. Schadeberg, 1990; Nurse & Phillipson, 2003; Ngunga, 2004; Nurse, 2008), uma vez que na estrutura de um verbo no infinitivo distinguem-se apenas dois constituintes: um prefixo verbal (marca do infinitivo) *oku-* classe 15 e uma base verbal a que se junta o prefixo. Veja-se p. e., o verbo *okuwala* “vestir”. Na representação deste verbo teríamos *oku-* prefixo verbal (marca do infinitivo), e *-wala* base verbal. Como dissemos, um verbo na forma finita apresenta uma estrutura muito complexa, quando comparada com línguas como o Português, por exemplo. No entanto, essa complexidade varia de língua para língua, podendo ser ilustrada de várias maneiras (cf. Schadeberg, 1990; Nurse, 2003; Ngunga, 2004, Andrade, 2007).

Schadeberg (1990), com base em Meesseun (1967), considera que o verbo no Umbundu se caracteriza pela seguinte estrutura:

(17) 1 2 3 4 5 6 7 8 9
 (PI + I + Fo + Fo2 + preR = VB + Fi + Fi2 – CI)
 Neg MS TMA NEUT MO RV TMA PL LOC

(cf. Schadeberg, 1990:29)

Segundo o autor, a anotação PI (pre-inicial) corresponde a marca de negação; I (Inicial) corresponde a marca de sujeito; Fo (formativo) corresponde a marca de TMA; Fo2 (?), esta anotação não foi especificada pelo autor; PreR/VB (raiz verbal) morfema com significado lexical, mas não tem flexão; Fi (final) corresponde ao marcador de TMA; Fi2 (final 2) corresponde a marca do vocativo plural; CI (locativo). Olhando para a proposta de Schadeberg são visíveis as diferenças, relativamente a proposta de Ngunga (2004), (cf. 6). Parece-nos que

a proposta de Schadeberg apresenta problemas, tendo em conta a presença dos morfemas Fo2 (como neutro), PL (como marca de vocativo plural) e do morfema CL (como marca de locativo). A presença destes morfemas não tem uma interpretação transparente, como ilustra o exemplo do autor.¹³

- (18) Ka - tw - á- ka -va - u = pandwíl -il - i - ko.
 NEG SCd TAM IT Ocd OCdVB TAM PL LOC
 not we PAST go them you thank-for PAST 'PL there
 “we did not go there to thank them for you (pl).”

(Schadeberg, 1990:29)

Como se pode constatar, o exemplo do autor não é claro. Por exemplo, “-a-” como marca de TMA é na verdade uma marca aspetual “ASP”, marcando o aspeto perfetivo. O morfema “ka-” que o autor considera como um neutro no Umbundu é uma marca de tempo (T) futuro e o morfema “u-” como marca de objeto, que na variante padrão não tem realização. Por outro lado, no Umbundu o locativo (LOC) nunca se liga à estrutura do verbo e ocorre sempre isoladamente.

Por isso, em vez da análise de Schadeberg (1990), achamos que seria conveniente que a estrutura do verbo no Umbundu fosse tida em conta a partir da forma do presente, por considerarmos que a mesma pode ser expandida através da adição de morfemas, cujo propósito é localizar o processo ou estado de coisas no espaço ou no tempo, ou para descrever alguma circunstância que lhe é aplicável, dando origem a uma estrutura complexa, como a apresentada em (18), que pensamos ter sido analisada a partir de um verbo no pretérito. Considere-se agora o verbo *okupandula* “agradecer”, conjugado no presente do indicativo na forma afirmativa e negativa.

- (19) a. ndi-pandul-a
 MS.1^aSG-RV-VF
 “Aplaudo”
 b. si-pandul-a
 NEG-RV-VF
 “Não aplaudo”
 c. Tw-a-pandul-a¹⁴

¹³ Apresentamos o exemplo original (do autor) tendo em conta que a sua tradução seria marginal no sentido pretendido pelo autor.

¹⁴ Este verbo no Umbundu também significa agradecer, (cf. *twapandula* “agradecemos”).

MS.1^aPL-TMA-RV-VF

“Aplaudimos”

d. Ka-tw-a-pandw-il-e

NEG-MS.1^aPL-TMA-RV-APL-VF

“Não aplaudimos”

Como se pode observar, o mesmo verbo conjugado no presente do indicativo, sem adição de nenhum morfema, apresenta uma estrutura simples quando comparada com a proposta de Schadeberg (1990). No entanto, a estrutura vai-se tornando complexa à medida que vai dando lugar à entrada de mais morfemas (cf. 19c-d). Contudo, pode dizer-se que no Umbundu a estrutura do verbo pode ter um RD¹⁵ simples (19a-b) e/ou um RD complexo (cf. 19d), no sentido em que os verbos no presente apresentam uma estrutura simples e no pretérito apresentam, tipicamente, uma estrutura complexa.

Tendo em conta os problemas que a proposta de Schadeberg apresenta, no presente estudo, a estrutura do verbo no Umbundu será baseada na proposta de Ngunga (2004) e de Nurse (2008), por considerarmos que esta aproxima-se mais à estrutura do verbo no Umbundu. Assim, com base na proposta dos autores achamos que o verbo no Umbundu apresenta a seguinte estrutura:

(20) 1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7

NEG MS TMA (MO) RV (EXTS) VF

Existem entre as LB aquelas que a codificação da informação de TMA é feita em posição pré-verbal e outras que codificam essa informação em posição pós-verbal¹⁶. O Umbundu enquadra-se no grupo de línguas que codifica a informação de TMA na posição pré-verbal, tipicamente, entre o MS e a RV, embora se admita também a possibilidade de, nos pretéritos, poder ocorrer na posição pós-verbal o morfema aspetual (A). Assim, no Umbundu distinguem-se os seguintes morfemas que codificam a informação de TMA: o presente do indicativo dependendo das características do verbo pode ser marcado por um morfema zero (Ø) ou por um MS *ndi-* (cf. *nditanga* “ eu estudo”), o pretérito é marcado pelo morfema *a-*

¹⁵ Denominam-se RD simples aquele que não tem adição de qualquer morfema de extensão (cf. 21a, b, c). Os RD complexos ou derivados como também são denominados na literatura da área são, geralmente constituídos por um radical simples e um ou mais sufixos de extensão, (cf. 21d) (Ngunga, 2004:153).

¹⁶ Cf. a secção 2.1.2, deste trabalho.

(cf. *watanga* “ele estudou”), o futuro é marcado pelo morfema *ka-*¹⁷ (cf. *tukatanga* “nós iremos/vamos estudar”, o condicional e o imperfeito do conjuntivo é marcado pelo morfema *nda-*, (cf. *ndandatanga* “eu estudaria”; *nda ndatangele* “ se eu estudasse”).

Relativamente as Exts verbais, como referimos, estes morfemas quando são adicionados a um verbo modificam o seu sentido, a sua morfologia e, sobretudo, alteram-lhe as relações de transitividade, (Ngunga, 2004:174, Nurse, 2008:37).

No Umbundu, as Exts mais frequentes são: os morfemas aplicativos “-el-” e “-il-”, o causativo “-is-”, o passivo “-iw-”, e o reversivo “-ul- ou -ulul-”, ocorrendo tipicamente na posição pós-verbal. No Umbundu ocorre também marcadamente o recíproco ou reflexivo, “-li-¹⁸”. Entretanto, distingue-se de outras línguas como o Changana p.e., pelo facto de que no Umbundu, este morfema ocorre em posição pré-verbal (cf. 21e, d), ao passo que no Changana ocorre em posição pós-verbal. A ocorrência de um morfema de Ext com um determinado radical, como faz notar Ngunga (2004), depende de fatores semânticos, morfológicos ou sintáticos. Veja-se os exemplos a seguir com os verbos *okuyikula* “abrir”, *okumola* “ver”, *okukuta* “amarrar”.

(21) a. oku-yiku-il-a “abrir para alguém”

INF-amarrar-APL-VF

b. oku-mol-is-a “fazer ver”

INF-ver-CAUS-VF

c. oku-mol-iw-a “ser visto”

INF-ver-PASS-VF

d. oku-kut-ulul-a “desamarrar”

INF- amarrar-REV-VF

e. oku-li-mol-a “ver-se mutuamente”

INF-REC-ver-VF

¹⁷ Note-se que morfema “ka-” para além de marcar o tempo futuro, ocorrendo depois da MS é também o marcador canónico da negação. Quando marca negação ocorre na posição pré-inicial, tal como se ilustra em (20) e nos seguintes exemplos com os verbos Okwenda “ir” e Okulya “comer”.

(i) ndikanda “irei”, tukanda “iremos”, ukanda “irão”, etc; ndikalya “comerei”, tukalya “comeremos”, ukalya “comereis”, etc.

(ii) katwandele “não fomos”, kalile “não comeu”, katwalile “não comemos”.

Relativamente ao plural, no Umbundu a flexão de número e género, contrariamente ao que sucede ao PE em que a flexão ocorre no final da palavra, i.e., em posição pós-verbal, nesta língua (Umbundu), a flexão de número e género ocorre sempre em posição pré-verbal.

¹⁸ De referir que este morfema pode, igualmente, ocorrer tal como foi já referido no texto, como reflexivo (REFL), em contextos tais como: ndalilumana “morder-se”, ndalivalula “ferir-se/magoar-se”, etc.

f. oku-li-kwat-is-a “ajudar-se mutuamente”

INF-REC-ajudar-VF

A grande maioria das línguas do mundo e, das LB, em particular, expressam a noção de frequência das ações, de iteração, etc., mediante a adoção da estratégia de reduplicação, podendo ser parcial ou total (cf. Ngunga, 2004:181, Rubino, 2005:114)¹⁹. Veja-se p. e., o caso de Changana e Nyungwe, línguas Moçambicanas.

(22) a. Changana:

-famba-famba “andar repetidamente”

-hundza-hundza “passar repetidamente”

-khoma-khoma “pegar repetidamente”

b. Nyungwe:

-fafanidza “apagar os sinais, as pegadas”

-gogomola “picar com o bico, furando”

-jejera “ser frio”

(Os exemplos são de Ngunga, 2004)

Os exemplos aqui apresentados mostram os casos da reduplicação total normal, em que o reduplicante, que se prefixa ao RD, é repetido totalmente, (cf. 22a) e a reduplicação parcial, (cf. 22b) em que a parte sublinhada corresponde a parte parcialmente reduplicada.

No Umbundu tal como sucede nas demais línguas moçambicanas, parece ocorrer a reduplicação total normal e a reduplicação parcial, como se ilustra nos exemplos seguintes.

(23) a. Ndi-lima-lima

“cultivar repetidas vezes ou frequentemente, (cf. tenho cultivado)”

b. Ndi-tanga-tanga

“estudar repetidas vezes ou frequentemente, (cf. tenho estudado)”

c. Ndi-lya-lya

“comer repetidas vezes ou frequentemente (cf. tenho comido)”

d. Ndi-wala-wala

“vestir repetidamente ou frequentemente (cf. tenho vestido)”

¹⁹ A reduplicação é um processo que consiste na repetição de uma parte ou de todo o tema que pode ocorrer em todas as categorias e posições morfológicas. Designa-se reduplicação total quando todo o morfema é reduplicado e, é parcial quando apenas uma parte é reduplicada, Ngunga (2004:181).

e. Ndi-lyla-lyla

“chorar repetidas vezes ou frequentemente (cf. tenho chorado)”

f. Ndi-enda.da

“ir repetidas vezes ou frequentemente (cf. tenho ido)”

Como se pode constatar nestes exemplos, à semelhança do Changana, Dema, Manyika Nsenga, entre outras línguas moçambicanas, o Umbundu para exprimir a noção de repetição e frequência, adota a estratégia de reduplicação total normal e parcial, como se ilustra nos exemplos em (25), em que a repetição das bases *-lima* do verbo *okulima* “cultivar”, *-tanga* do verbo *okutanga* “estudar”, *-lya* do verbo *okulia* “comer”, *-wala* do verbo *okuwala* “vestir”, *-lyla* do verbo *okulyla* “chorar”, respetivamente, acrescentam à base a noção de frequência e repetição.

2.3. Notas finais

O presente capítulo debruçou-se sobre a morfologia do verbo nas LB em geral, e do Umbundu em particular. Procurou-se, fundamentalmente, evidenciar as propriedades morfológicas dos verbos nas LB e a sua influência na sintaxe. Tendo em conta os aspetos morfológicos gerais e verbais observados, verificou-se que os verbos (como os nomes) apresentam uma base precedida de um ou mais morfemas ligados (cf. Ngunga, 2004, Andrade, 2007, Nurse, 2008, entre outros). Verificou-se que os verbos nessas línguas são formados por um conjunto de morfemas que constroem a sua estrutura, desempenhando cada morfema uma função sintática específica.

Capítulo III: Aspectos Sintáticos nas Línguas Bantu e no Umbundu

O capítulo anterior ocupou-se da morfologia verbal das LB e do Umbundu. O presente capítulo procura dar conta da sintaxe das LB, em geral e do Umbundu, em particular, destacando essencialmente a estrutura da frase e a ordem de palavras. Neste sentido, o presente capítulo está organizado da seguinte forma: a seção 3.1 ocupa-se da sintaxe das LB e do Umbundu, tendo em conta a estrutura da frase e a ordem de palavras; a seção 3.2 procura compreender as propriedades dos verbos principais e auxiliares no Umbundu; a seção 3.3 debruça-se sobre a concordância do sujeito e a concordância do objeto; a seção 3.4 dá conta da estrutura funcional no Umbundu, do movimento do verbo e da colocação das expressões com valor adverbial e por último, a seção 3.5 apresenta as principais notas finais deste capítulo.

3.1. A Sintaxe das LB: estrutura da frase e ordem de palavras

A literatura diz que, as frases não são uma sequência linear de palavras. Elas obedecem a uma hierarquização em que há constituintes que se formam a partir de outros constituintes até se chegar ao nível da palavra, (Mateus *et al.*, 2003:436). Nas frases básicas do PE é possível considerar a existência de dois constituintes imediatos, sendo um, o SN sujeito e outro o SV, incluindo essencialmente o verbo e eventuais complementos e modificadores, numa alusão à ordem SVO (*Idem*), como se pode ver nos seguintes exemplos, onde as expressões em itálico (cf. 26a-b) representam o SVE os constituintes o *Félix* e os *jornalistas* representam, o SN sujeito.

- (24) a. O Félix *resolveu a equação corretamente*.
b. Os jornalistas *aplaudiram a decisão do sindicato*

Nos exemplos dados, cada constituinte estabelece com o outro uma relação gramatical, ocorrendo segundo uma ordem linear. O determinante “O” (cf. 24a-b) combina-se com “*Félix* e *jornalistas*”, respetivamente e conjuntamente formam o grupo nominal ou um sintagma nominal (SN) e, os verbos “*resolver* e *aplaudir*” combinam-se com a “*equação corretamente*” e com “*a decisão do sindicato*”, respetivamente e com eles formam o grupo verbal ou sintagma verbal (SV). A relação que se estabelece entre os constituintes atribui à frase, a forma final na língua. Assim, os padrões de ordem de palavras em PE, nas frases declarativas podem

ser descritos tendo em conta o parâmetro de colocação do verbo nesta língua, SVO, a estrutura temática e informacional dos enunciados, (cf. Ambar, 1992, Duarte, 1987, Mateus *et al.*, 2003:318 entre outros). Os exemplos em (24) apresentam a ordem canónica do português, SV, mas outras ordens não-canónicas são possíveis nesta língua. É o que acontece nos contextos de pergunta e resposta (cf. (25) e (26)) abaixo, em que os exemplos de (25b) e (26b) correspondem a informação nova, representando a ordem VOS (25b) e a ordem VSO (26b).

- (25) a. Quem comeu o bolo?
b. Comeu-o/ o bolo o João.
- (26) a. Quem comeu o bolo?
b. Comeram os miúdos o bolo.

(os exemplos são de Mateus *et. al.*, 2003:320)

Nas LB, a concepção geral sobre a estrutura da frase é que, ela apresenta a ordem básica SVO, (cf. Schadeberg, 2003; Nurse & Philippson, 2003; Mchombo, 2004; Nurse, 2008, entre outros). Porém, esta concepção parece que não reúne consenso total, como se pode perceber no dizer de Ngunga:

“ (...) a conclusão a que muitos linguistas chegam de que as LB são tipicamente SVO é, ou precipitada ou viciada, pela experiência dos investigadores que na sua maior parte são, geralmente, falantes de línguas como o inglês, francês e português, cuja sequência nessas línguas é SVO.”
(Ngunga, 2004:210)

Por esta razão, o autor sugere que o mais correto seria dizer-se que a ordem das palavras na frase nas LB é livre, o que faz muito sentido dado o carácter extremamente aglutinante da forma verbal (Ngunga, 2004:211). Apesar disso, a opinião de Ngunga encontra alguma resistência no seio dos investigadores (cf. Nurse & Philippson, 2003; Nurse, 2008). Os autores argumentam que, apesar de algumas LB permitirem alterações da ordem dos constituintes da frase, teoricamente possíveis, a ordem de palavras nunca é livre, na medida em que a sua variação está sujeita à condição de que, as funções sintáticas e os papéis semânticos possam ser identificados de forma independente da ordem das palavras, (Nurse & Philippson, 2003:129).

Admite-se que para além da ordem básica SVO é possível, em algumas LB, a ocorrência da inversão da ordem de palavras. Mous (1997) faz notar que a ordem de palavras

em algumas LB, como o Tunen, língua falada nos Camarões, é SOV em oposição à ordem SVO, que se acredita ser a característica da maioria das línguas. De acordo com o autor, nesta língua a ordem SVO só é possível em contextos em que o objeto em posição pós-verbal carrega o foco contrastivo obrigatório (cf. 27b), (Mous, 1997 *apud*, Bearth, 2003:1.34):

- (27) a. Mè-ná mwəlúkú tál
 1ªSG- PAS vinho pôr
 “Pus o vinho (na mesa).”
 b. Bò Mè-ná tálá á mөлùk
 Não 1ªSG-PAS pôr ASP vinho
 “Não, eu pus o vinho (na mesa).”

(cf. Bearth, 2003:134)

Du Plassier & Visser (1992) alegam que, a liberdade da ordem de palavras nas LB, talvez dependa da disponibilidade da concordância gramatical como um mecanismo de compensação para resolver ambiguidades sintáticas decorrentes da variação da ordem de palavras, (du Plassier e Visser, 1992 *apud* Bearth, 2003:128). Fazendo alusão a língua Xhosa, (cf. 30) os autores argumentam que, quando uma construção apresenta um verbo de dois argumentos essa língua permite alteração da ordem de constituintes, sem prejuízo do sentido da frase, i.e., os prefixos nominais estabelecem com o nome uma relação de concordância, permitindo a identificação dos constituintes na frase como sujeito e/ou objeto, respetivamente, apesar da inversão da ordem. Assim, nos exemplos dados *Sadile* e *U-m-dúdò*, independentemente da posição em que ocorrem, podem ser identificados como sujeito e objeto, respetivamente.

- (28) a. ú-Sándilè ú-á-wù-mémà ú-m-dúdò
 MS.3ªSG-Sándilè CS-TMA-MO1-chamar MO1-MO2-dança
 b. w-á-wù-mémà ú-Sándilè ú-m-dúdò
 CS-TMA-MO1-chamar MS.3ªSG -Sándilè MO1-MO2-dança
 c. ú-Sándilè ú-m-dúdò ú-á-wù-mémà
 MS.3ªSG -Sándilè MO1-MO2-dança CS-TMA-MO-v.chamar
 d. ú-m-dúdò ú-á-wù-mémà ú-Sándilè
 MO1-MO2-dança CS-TMA-MO-chamar MS-Sándilè
 e. w-á-wù-mémà ú-m-dúdò ú-Sándilè
 CS-TMA-MO1-chamar MO1-MO2-dança MS-Sándilè

f. ú-m-dú-dò ú-Sándilè ú-á-wù-mémà
 MO1-MO2-dança MS-Sándilè CS-TMA-MO1-chamar
 “Sandille chamou isso uma dança.”

(cf. Bearth, 2003:128)

De realçar que as diferentes alternâncias que se podem observar em (28), só são possíveis dado ao facto de que o sujeito e o objeto apresentam características de classe diferentes, u- classe 1 e wú- classe 3, (Bearth, 2003:128).

A grande maioria das LB evidencia que existem fenómenos que não podem ser generalizados, o Rwanda, é disso o exemplo. Kimenvi (1988), *apud* Bearth (2003:129) afirma que, diferentemente de Xhosa, no Rwanda para além da concordância do sujeito, a concordância gramatical está praticamente ausente na morfologia do verbo. Em virtude disso, nessa língua há uma ordem livre de ocorrência de objetos, exceto quando um deles traz informação nova. Entretanto, apesar de o autor considerar que o Rwanda não distingue entre as marcas de sujeito e de objeto, isso não impede que estes constituintes sejam recuperados sintática e semanticamente, mesmo quando ocorrem em posição invertida, (cf. 29b).

- (29) a. Umuhuûngu a-ra-som-a igitabo
 rapaz CS-pres-ler-FV livro
 “O rapaz está a ler o livro”
- b. Igitabo cyi-ra-som-a umuguûngu
 livro MS-TMA-ler-FV rapaz
 “O livro está a ser lido pelo rapaz.”

(cf. Bearth, 2003:129)

Estudos mostram que, nas LB cuja ordem é SOV ou OVS, para resolver a ambiguidade decorrente da inversão dos constituintes, os falantes recorrem à ordem canónica (ordem SVO) para desambiguar o sentido da frase, (cf. Beath, 2003:129). Possivelmente é o que se passa em (31b), em que o acordo de sujeito é controlado pelo objeto *igitabo* “livro” deslocado, e, o sujeito *umuguûngu* “rapaz” posposto, não desencadeia concordância, nem é introduzido por uma preposição, tal como acontece, p. e, no PE em que o agente passivizado é introduzido, tipicamente por uma preposição.

3.1.1. A sintaxe do Umbundu: estrutura da frase e ordem de palavras

O Umbundu encaixa-se na tipologia de línguas SVO, em que numa oração transitiva simples o objeto gramatical sucede, tipicamente o verbo, tal como mostram os exemplos em (30).

- (30) a. Omola wa-lya ombolo i-mosi.
criança MS-comer/Pret pão CO-um
“A criança comeu um pão.”

No Umbundu, a relação gramatical dos constituintes é influenciada fundamentalmente pela morfologia. Apesar disso, as frases básicas ou canónicas ocorrem segundo a ordem SVO. Entretanto, pode ocorrer outras ordens, como se pode observar nos exemplos seguintes:

- (31) a. Olodonge viange vi-a-kuat-a oloseteko viwa. (SVO)
alunos POSS MS-ASP-ter/Pret-VF resultados bons
“Os meus alunos tiveram bons resultados.”
- b. Vamue ka-va-linga.nga upange wavo. (SVO)
algun/a(s) não-MS-fazer/RED trabalho seu
“Algumas pessoas não tem feito o seu trabalho.”
- c. Ombolo i-mosi nda-lya (OV)
pão CO-um MS.1ªSG-comer/PP
“Comi um pão.”
- d. ?Ombolo wa-i-lya João. (OVS)
pão MS.3ªSG-MO.comer João
“O pão comeu o João.”

Em (31a, b) ilustra-se a ordem SVO, em (31c) ilustra-se a ordem OV, e o exemplo de (31d) ilustra a ordem OVS. A anomalia que se regista nesta frase mostra que embora o Umbundu admita a possibilidade da inversão da ordem dos constituintes (cf. 31c), como faz notar Mchombo (2004 entre outros), a ordem SVO constitui a ordem não marcada das frases declarativas do Umbundu.

Em suma, parece evidente que para a compreensão da sintaxe nas LB em geral, e do Umbundu em particular, e do seu contributo específico para a comunicação verbal, é necessário considerar os aspetos relevantes da morfologia e da sua interação com a sintaxe.

3.2. Sistema de Verbos Principais e Verbos Auxiliares

A presente secção dá primazia às propriedades dos verbos nas LB e, no Umbundu em particular. Procura-se evidenciar que nesta língua, os verbos não apresentam uma classificação baseada nas subclasses tal como sucede no PE²⁰, já que as extensões verbais podem alterar a valencia dos verbos e que na maioria dos casos estes pertencem ao grupo de verbos de dois lugares (cf. Bearth, 2003:122).

No PE, os verbos distinguem-se tendo em conta as suas propriedades de seleção categorial e semânticas de cada item lexical verbal, Mateus *et al.* (2003:295). Segundo Raposo *et al.* (2013:1192), a classificação dos verbos no PE assenta em duas dimensões binárias que se cruzam entre si, e permitem estabelecer quatro classes de verbos que se organizam em dois pares:

- (i) os que seleccionam vs. os que não seleccionam um argumento (sujeito);
- (ii) os que seleccionam vs. os que não seleccionam um argumento (complemento direto)²¹.

A escassez de dados publicados relativos ao Umbundu torna difícil a tarefa de oferecer uma descrição equilibrada que possa cobrir o essencial da sintaxe nessa língua. Apesar dessas limitações, consideramos que a nossa intuição como falante nativo do Umbundu, nos permitirá esboçar, embora não profundamente, o essencial da sintaxe do Umbundu, procurando perceber que propriedades de subcategorização os verbos nessa língua exibem.

Assim, a presente secção apresenta os seguintes tópicos: em 3.2.1 discute-se sobre as propriedades dos verbos principais no Umbundu; em 3.2.1.1 discute-se sobre as características dos verbos auxiliares nessa língua.

3.2.1. Verbos Principais²²

No PE, os verbos plenos (verbos principais) organizam-se tipicamente, tendo em conta o quadro de regência que a eles se associa. A relevância que se dá a essa organização permite

²⁰ (cf. Mateus *et al.*, 2003, capítulo 10).

²¹ Para melhor discussão ver Raposo (2013, cap. 28, secção 28.2.1) e seguintes.

²² Por definição os verbos principais ou verbos plenos, como também são chamados, são verbos que se caracterizam por possuírem determinadas propriedades de seleção semântica (tais como: número de argumentos e respetivos papéis temáticos), propriedades de seleção sintática, (categoria de cada argumento e relação gramatical que assumem na oração). No PE, p.e., distinguem-se as seguintes subclasses de verbos principais: verbos transitivos, ditransitivos, transitivos de três lugares, intransitivos predicativos, transitivos, etc., (cf. Mateus *et al.*, 2003).

que vários princípios e regras da sintaxe sejam sensíveis às diferentes classes, (Raposo *et al.*, 2013:1192).

As LB em geral, e o Umbundu em particular, dispõem de um conjunto de Exts verbais que se podem adicionar a RV, dando origem a uma nova RV. Tendo por base a literatura (cf. Mutaka & Tamanji, 2000:183), e considerando a sua influência na estrutura do verbo e a frequência com que ocorrem, nestas línguas, as Exts verbais podem ser agrupadas em dois grupos:

(i) Exts produtivas – são fundamentalmente as que afetam a valência do verbo, nomeadamente, o causativo (CAUS) e o aplicativo (APL).

(ii) Exts não produtivas – são assim designadas porque, tipicamente, na maioria dos casos não têm qualquer relevância na estrutura do verbo, portanto, não tem consequências sintáticas.

Neste sentido, no presente trabalho serão relevantes as Exts produtivas tendo em conta a sua influência na morfologia do verbo e na sintaxe, (cf. Mutaka & Tamanji, 2000, Nurse & Philippson, 2003, Nurse, 2008, entre outros). Observe-se o caso dos verbos *okukupuka* “cair” e *okunena* “trazer” no Umbundu, em (32) e (33) a seguir.

(32) a. Ekongamelã lia-kupuka.

Livro MS-cair/Pret

“O livro caiu.”

b. Luís wa-nen-a ekongamelã.

Luís MS.3ªSG-trazer/Pret-VF livro

“O Luís trouxe o livro.”

(33) a. Ekongamelã lia-kupuk-il-e posi.

livro MS-cair-APL-VF chão

“O livro caíra./ O livro tinha caído ao chão.”

b. Luís wa-nen-el-e ekongamelã.

Luís MS.3ªSG-trazer-APL-VF livro

“O Luís trouxera o livro./O Luís tinha trazido o livro.”

Em (32) apresentam-se exemplos de frases declarativas no Umbundu sem adição de nenhum morfema de Ext. Pelo contrário, os de (33) ilustram frases com adição do morfema de Ext. Como se pode observar, a adição do morfema aplicativo (APL) “-il-” afeta a sua valência (cf. (35a). o morfema “-el-” pode alterar o sentido, na medida em que nestes contextos,

os seus correlatos em PE, tanto podem ter uma forma simples (sem perífrase verbal), que expressa passado anterior (tradicionalmente designado como passado mais-que-perfeito composto), como podem ter a forma composta (com perífrase verbal). A questão que se coloca então é saber se as Exts aplicativas no Umbundu são também responsáveis por carregar propriedades de Vaux. Este tópico será retomado com maior profundidade nos trabalhos futuros.

De maneira geral, tanto os verbos de um argumento (cf. 34a), como os de dois argumentos (cf. 34b) podem ser modificados pela presença, na estrutura do verbo, de um morfema APL (cf. 34c), o que parece justificar o argumento de Bearth (2003), segundo o qual, a grande maioria dos verbos nas LB pertence ao grupo de verbos de dois lugares²³.

(34) a. Omola wa-yola vs. Omola wa-yol-el-e.

criança MS-rir vs. Criança MS-rir-APL-VF

“A criança sorriu.” vs. “A criança sorriera./A criança tinha sorrido.”

b. Eye wa-timbwil-a onanha l’kamba liaye.

3ªSG MS-partilhar-VF almoço Prep.amigo dele

“Ele partilhou o almoço com o seu amigo.”

c. Eye wa-timbwil-il-e onanha l’kamba liaye.

3ªSG MS-partilhar-APL-VF almoço Prep.amigo dele

“Ele partilhara o almoço com o seu amigo.”

“Ele tinha partilhado o almoço com o seu amigo.”

3.2.2. Verbos auxiliares

A literatura luso-brasileira defende que os verbos auxiliares (Vaux) sofreram um processo de gramaticalização, tendo como resultado a perda sémica, no sentido em que os verbos auxiliares perderam o seu significado original, cabendo a função de predicação ao verbo principal, (Said Ali, 1931, *apud* Gonçalves & Costa, 2002:12; Raposo, 2013:1223).

²³ A tradição gramatical luso-brasileira denomina-os **transitivos directos** – os que seleccionam um argumento externo e um argumento interno com a relação gramatical de objecto directo; **transitivos indirectos** – os que seleccionam um argumento externo e um interno com a relação gramatical de objecto indirecto, (cf. Mateus *et al.*, 2003:298).

Por definição Vaux²⁴ são verbos que se combinam com o verbo pleno (Vpleno) de uma oração, contribuindo com a informação de TMA, Raposo (2013:1221). Se por um lado, a tradição luso-brasileira admite a existência de uma classe de Vaux, por outro lado, admite a existência de divergências entre autores na classificação dessa subclasse (cf. Gonçalves & Costa, 2002:11). Neste sentido, o estabelecimento de uma lista de Vauxs para o português que reúna consenso está ainda longe de ser possível, se tivermos em conta Raposo (2013). O autor assinala que na prática, o estabelecimento de uma lista definitiva de verbos auxiliares, que reúna consenso é uma tarefa difícil, tendo em conta que os juízos dos falantes variam em função do comportamento deste ou daquele verbo e, considerando sobretudo o facto de ser impossível analisar todos os verbos que se podem combinar com uma forma não finita de outro verbo. Por isso, o autor propõe um conjunto de critérios que permitem distinguir contextos de Vplenos dos de Vaux tendo em conta as propriedades que estes exibem. Ver Raposo (2013:1224-1231).

Acredita-se que nas LB, alguns verbos terão também sofrido um processo de gramaticalização, (cf. Nurse, 2008). Como já foi referido, nas LB a formação do verbo normalmente, consiste numa sequência de afixos ligados à raiz que marcam, entre outras categorias, as categorias flexionais TMA descritas em termos de sequências de posições, em que cada posição pode ser preenchida por uma determinada classe de morfemas. Alguns autores têm argumentado que nas LB, os Vauxs também contribuem para a mudança da estrutura do verbo principal, (cf. Mutaka & Tamanji, 2000, Guldemann, 1999 *apud* Nurse, 2008, entre outros), com a incorporação de sequências de Vaux flexionado mais o infinitivo ou AUX flexionado mais o Vprincipal flexionado. Esta observação faz com que esses autores considerem que as LB manifestam duas estratégias para a presença de Vaux na frase (cf. Guldemann, 1999 *apud* Nurse, 2008:59-61). Os autores admitem mesmo que a forma Vaux flexionado + infinitivo é a mais difundida, na maioria das LB, i.e., em que o AUX é realizado não por um morfema, como sucede na maioria dos casos, mas por um verdadeiro AUX, como os exemplos do Umbundu em (35) ilustram, em que ocorrem os auxiliares *okasi* “Aux estar” e *okwenda* “Aux ir”.

(35) a. Maria okasi l’okulya olwoso.

Maria Aux.estar Prep.comer arroz

“A Maria está a comer arroz.”

²⁴ Tendo em conta que a distinção entre verbo auxiliar e semiauxiliar, é apenas de grau, (cf. Raposo, 2013:1223), uma vez que este trabalho não pretende fazer a distinção destes, no presente trabalho, ambos os verbos (auxiliar e semiauxiliar) serão tidos como verbos auxiliares.

- b. Carlos wenda ok-a-talavaya ko Mbaka.
 Carlos Aux.ir MS-TMA-trabalhar Prep Benguela
 “O Carlos vai trabalhar em Benguela.”

É importante assinalar que existem entre as LB aquelas que adotam, para além das já mencionadas, outras estratégias para dar conta da ausência de Vaux, como é o caso da reduplicação, que expressa o Progressivo (PROG) ou o Habitual (HAB). Línguas como o Swahili, o Solongo e o Umbundu, entre outras, enquadram-se neste grupo. Nestas línguas ocorrem estruturas compostas que envolvem o mesmo verbo, reduplicado, em que a primeira expressão ocorre no infinitivo e a segunda na forma flexionada ou finita. O que parece evidenciar que a parte reduplicada (segunda) ocorre como Vprincipal e a primeira (reduplicante) ocorre como Vaux (cf. 36), verbo *ter* mais o particípio do verbo *comprar*.

- (36) a. o-sumba tu-∅-súmb-anga Solongo
 INF-comprar/1ªPL-comprar-IPFV
 “Nós temos comprado.”
 b. ku-fa wa-naku-fa kwa njaa Swahili
 INF-morrer 3ªPL-PROG-morrer fome
 “Eles estão realmente a morrer de fome.”

(cf. Nurse, 2008:31)

Parece evidente que, embora os exemplos em (36) contenham propriedades que são típicas de Vaux, com efeito, não são unidades classificáveis como palavras, i.e., não são Vaux autónomos. Nestes contextos ocorre a estratégia de reduplicação do verbo principal para desempenhar essa função. Essa é uma das características típicas das LB. No entanto, é importante referir que existem contextos em que ocorrem Vauxs, como lexicais unidades autónoma (cf. 35).

Diferentemente de línguas como Swahili e Solongo que apresentam uma reduplicação total do verbo, no Umbundu, como dissemos, ocorre dependendo do verbo, a reduplicação parcial (cf. 37a), em que é reduplicada apenas uma parte da RV, e a reduplicação total (cf. 37b), em que se reduplica toda a RV. Nesta língua, quando ocorre a reduplicação total, tanto o reduplicante como a parte reduplicada ocorrem na forma finita.

- (37) a. ndi-enda.da.
 MS.1ªSG-ir.HAB

- “Eu tenho ido.”
- b. Etu tu-landa-landa.
1ªPL MS-comprar-HAB
“Nós temos comprado.”
- (38) a. Tw-andale kepia oloneke viosi.
MS.1ªPL-ir/Pret lavra dias todos (HAB)
“Nós iamós à lavra regularmente/habitualmente.”
- b. Twa-landal-e oloneke viosi akongamenlã omala k’ochitanda tcha
MS.1ªs-v.comprar-VF dias todos livros crianças Prep.mercado de
kongamelã.
livros
“Compravamos regularmente/habitualmente livros infantis na feira de
livros.”

De notar que no Umbundu, a par da reduplicação, a presença na frase da expressão *oloneke viosi* “todos os dias”, remete igualmente para uma leitura de habitualidade ou regularidade (frequência), (cf. 38).

Nas estruturas de complementação, i.e., estruturas que envolvem dois verbos plenos, ambos se comportam como pertencentes a orações distintas, no sentido em que o primeiro se comporta como um Vprincipal da oração subordinante e o segundo como verbo da oração subordinada, sendo que ambos apresentam flexão aspetual. O Swahili é disso o exemplo (cf. 39a) em que a expressão *tukizungumza* “a conversar”, p.e., funciona como uma oração completiva de *walituona* “eles viram-nos”.

- (39) a. Wa-li-tu-ona tu-ki-zungumza.
MS.3ªPL-PAS-MO-ver MS.1ªPL-ASP-conversar
“Eles viram-nos a conversar.”
- b. Tu-li-kuwa tu-ki-zungumza.
MS.1ªpl-PAS-estar MS.1ªpl-ASP-conversar
“Nós estivemos a conversar.”

(cf. Nurse, 2008:30)

Pelo contrário, no Umbundu, nas sequências verbais com verbo auxiliar, ocorre a forma Vaux flexionado + infinitivo e verificam-se critérios básicos de auxiliaridades:

1º O verbo auxiliar muda de significado: o verbo *okwenda* “ir” indica o futuro e não (ir verbo de movimento), (cf. (35b)).

2º O Vaux não atribui papéis temáticos aos argumentos, estes são selecionados pelo verbo principal. Assim, *okukala* “estar” pode ocorrer quando o verbo *okulia* “comer” está na ativa e pede por sujeito agente ou pode ocorrer quando o verbo *okulia* está na passiva e o seu sujeito é um tema.

- (40) a. Maria okasi l’okulia olwoso (ativa) **Umbundu**
(agente)
Maria Aux.estar Prep.v.comer arroz
“A Maria está a comer arroz.”
- b. Olwoso ukasi l’okul-iw-a la Maria
(tema)
arroz Aux.estar Prep.comer-PASS-VF pela Maria
“ O arroz está a ser comido pela Maria:”

Contudo, a ausência de outros critérios de auxiliaridade explícitos e bem definidos nas LB em geral, e no Umbundu em particular, não nos permite especificar cabalmente que propriedades sintáticas e semânticas dos Vaux nesta língua exibem. Por isso, achamos que só um inventário, como o proposto em Gonçalves (1996), Raposo (2013:1224), para o PE, poderia permitir uma caracterização mais fundamentada desta categoria de verbos.

Tendo em conta as dificuldades na definição de critérios de auxiliaridade, Myers (1998:231) propõe que a categoria AUX nas LB, em geral, pode ser entendida apenas como uma categoria morfológica, no sentido em que nestas línguas, o Vaux pode aparecer tipicamente dentro da estrutura do verbo, ocorrendo como um morfema.

Em trabalhos futuros, procuraremos analisar que morfema carrega as propriedades de Vaux, nesta língua. É importante referir que, apesar disso, existem contextos com verbos auxiliares que ocorrem como uma unidade autónoma (cf. 37).

3.3. Concordância de sujeito vs. Concordância de objeto

A ordem dos constituintes no Umbundu, e nas LB em geral, segue claramente regras definidas. A generalidade das línguas deste grupo, como vimos, manifesta obrigatoriedade de concordância no paradigma sujeito-verbo. O mesmo não se pode dizer em relação a

concordância verbo-objeto, no sentido em que nem sempre o paradigma verbo-objeto mostra concordância gramatical (cf. Bearth, 2003:123), exceto em contextos em que o objeto denota um referente humano específico, em que o MO precede a RV (cf. 41a), ou nos contextos em que o referente do objeto já está estabelecido como um tópico discursivo, (cf. 41b). Como se pode notar nesse exemplo, (cf. 41a) tanto o MO como o prefixo de classe do nome pertencem a classe 1. Com efeito, quando o objeto lexical não é realizado é substituído pelo MO (cf. 41b, d).

- (41) a. Mama a-na-m-penda mtoto
 mãe MS-PROG-MO-amar criança
 “A mãe ama a criança.”
- b. Mama a-na-m-penda
 mãe MS-PROG-MO-amar
 “A mãe ama-a.”
- c. Mtoto a-na-*ki*-soma kitabu
 criança MS-PROG-MO-ler livro
 “A criança está a ler esse livro.”
- d. mtoto a-na-ki-soma
 criança MS-PROG-MO-ler
 “A criança está a lê-lo.”

(cf. Bearth, 2003:123)

Em oposição ao Swahili (cf. 41), no Umbundu só o paradigma sujeito-verbo mostra concordância obrigatória, o que não se verifica no paradigma verbo-objeto (cf. (42a)). Porém, a MO pode coocorrer com o objeto lexical (cf. 42b), mas pode igualmente o objeto lexical não realizado ser substituído pela MO (cf. 42c).

- (42) a. Omalã va-lya ologumpa.
 crianças MS-comer amendoim.
 “As crianças comeram amendoim.”
- b. Omalã va-vi-lya, ologumpa.
 crianças MS-MO-comer amendoim.
 “As crianças comeram amendoim.”

- c. Omalã va-vi-lya.
crianças MS-MO-comer
“As crianças comeram (-nos).”

Entretanto, qualquer frase nas LB e no Umbundu, em particular, pode ser reduzida ao seu verbo sem no entanto deixar de funcionar como frase, (Bearth, 2003:126), (cf. *tukalima* “Nós vamos cultivar.”).

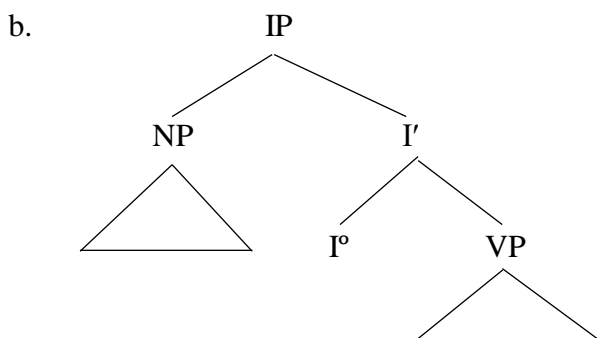
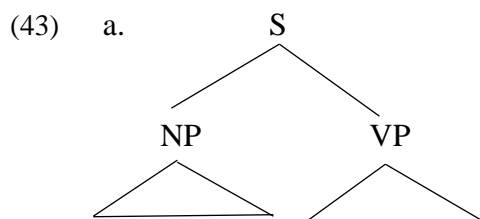
Em síntese, a concordância sujeito verbo no Umbundu é obrigatória nos contextos sujeito-verbo e, de acordo com os dados, parece não haver concordância obrigatória nos contextos verbo-objeto, porém, quando se admite a omissão de objetos (dependendo do verbo o objeto pode ou não ser realizado), podendo ser substituído por um MO. O Umbundu permite em certos contextos a co-ocorrência do MO com o objeto lexicalmente realizado.

3.4. Estrutura funcional da frase e posição do verbo em Umbundu

3.4.1. Representação da estrutura funcional da frase em Umbundu

Na literatura da linguística da Gramática Gerativa, a interação entre as categorias lexicais e funcionais da frase foi invocada para explicar as generalizações empíricas sobre a ordem de palavras, dependências ilimitadas, relações de polaridade, caso, concordância, entre outros aspetos, Benmamoun (2000:12). Tanto na Teoria de Princípios e Parâmetros (TPP), como no Programa Minimalista (PM) atual, admite-se que qualquer frase é composta por projeções de constituintes lexicais e funcionais, (cf. Chomsky, 1986, 1995, Stowell, 1981, Pollock, 1989). Deste modo, a ideia segundo a qual toda frase é regida por um núcleo de flexão verbal (I) permitiu alargar a Teoria X-barra à categoria frase (Stowell, 1981)²⁵ da estrutura frásica. Compare-se as seguintes representações em (44), em que (44a) ilustra a representação da frase anterior à Teoria de Princípios e Parâmetros e (44b) ilustra a representação da frase de acordo com a proposta de Stowell, em termos da Teoria X-barra:

²⁵ Nos estudos anteriores à Teoria X-Barra os elementos da frase eram representados ao mesmo nível, i.e., não existia um nível intermédio entre o nível lexical e o nível sintagmático. Assim, surgiu a Teoria X-Barra que propõe a existência de um nível intermédio entre os níveis lexicais e sintagmáticos. Ou seja, as categorias sintagmáticas, NP, VP, AP, PP, etc., têm como núcleos lexicais N, V, A, P, respetivamente, em que N', V', A', P', correspondem aos níveis de projeção intermédia.



No quadro atual, na rerepresentação de (44b), NP poderia ser um DP, como em Abney (1987), e o IP tem sido analisado como TP.

De salientar que, embora esta representação tenha vindo a ser reprecisada até hoje no que diz respeito às categorias funcionais em que IP se pode analisar será a utilizada neste trabalho, por entendermos que é suficiente para dar conta do nosso objeto de estudo.

3.4.2. Movimento do verbo e Expressões Adverbiais no Umbundu

Tal como no PE, no Umbundu a ordem não marcada (ordem canónica pode ser modificada pela presença na frase de uma expressão adverbial. A adoção de “**expressões com valor adverbial**” decorre do facto de que no Umbundu não existem verdadeiros advérbios, com particular realce aos advérbios de modo. Por isso, o Umbundu recorre às expressões com valor adverbial, nomeadamente, adjetivos, intensificadores, preposições, nomes, etc., para dar conta da ausência destas palavras. Existem no Umbundu expressões adverbiais que afetam determinados constituintes e podem alterar a ordem das palavras. Os seguintes exemplos ilustram alguns casos:

- (44) a. **Helã lyapita** kekumbi Carlos w-andele konjo y'elongiso²⁶.
 dia REF.passado à tarde Carlos MS.ir casa Prep.aprendizagem
 “Ontem à tarde, o Carlos tinha ido à escola.”
- b. Carlos **Helã lyapita**, kekumbi wa-andele konjo y'elongiso.
 Carlos dia REF.passado à tarde MS.ir casa Prep.aprendizagem
 “O Carlos, ontem, tinha ido à escola.”
- c. Carlos wa-andele **Helã lyapita**, kekumbi konjo y'elongiso.
 Carlos MS.ir ontem REF.passado à tarde casa Prep.aprendizagem
 “O Carlos tinha ido, ontem, à escola.”
- (45) a. João wa-tang-ulul-a *tchiwa* otchitangi.
 João MS-resolver-APL-VF bem problema
 “O João resolveu bem o problema.”
- b. #João wa-tang-ulul-a otchitangi *tchiwa*.
 João MS-v.resolver-APL-VF problema bem
 “O João resolveu o problema bem.”
- c. Libana o-tana *l'elumuha* *lyalwa* Umbundu.
 Libana MS-falar.Pres Prep.com+adj.perfeito muita(o) Umbundu
 “A Libana fala perfeitamente o Umbundu.”

De modo geral, no Umbundu como noutras línguas, as expressões adverbiais podem ser agrupadas em dois grupos distintos, nomeadamente, os que **modificam a frase** (cf. 44) e os que **modificam o predicado** (cf. 45), (cf. Costa & Costa, 2001, Adger, 2002, Costa, 2008, Raposo, 2013, para o PE). Os primeiros são assim designados por modificarem a frase e por poderem ocorrer em qualquer posição na frase, e os segundos são assim designados, por modificarem apenas o predicado e ocorrerem tipicamente em posição pós-verbal (cf. 44a-c). A marginalidade de (45b) decorre do facto de que no Umbundu a ocorrência deste advérbio em posição final não é parafraseável por “*O X resolveu o problema de um modo X*”. A interpretação possível desta frase no Umbundu é de que “*O X resolveu um bom problema*”, em que *tchiwa* tem valor adjetival.

²⁶ Atualmente para se referir a Escola admite-se o neologismo k'osicola “na escola”, (cf. *A Maria wandele k'osicola*. “A Maria tivera ido/tinha ido à escola.”)

No presente trabalho, tendo em conta o nosso objeto de estudo, serão relevantes os advérbios ou expressões com valor adverbial modificadoras do predicado. A escolha destes resulta do facto de serem considerados advérbios que ocorrerem em posição baixa, modificando o SV e que permitem determinar a posição do verbo na estrutura da frase.

3.4.3. Advérbios modificadores do SV no Umbundu

Desde Pollock (1989), assume-se que há línguas em que o verbo flexionado ocorre na sua posição final nas frases declarativas canónicas em I e outras em que ocorre em V. Admite-se que no PE os diferentes padrões de colocação do ADV são motivados pelo movimento generalizado de verbos (principais e Vaux) para a posição I, tal como os exemplos seguintes ilustram:

- (46) a. Os ladrões destruíram completamente o cofre.
 b. Os ladrões destruíram o cofre completamente.
 c. * Os ladrões completamente destruíram o cofre.

A agramaticalidade de (46c) mostra que o advérbio modificador do predicado não pode ocorrer antes do constituinte que modifica.

No Umbundu, porém, as expressões advérbiais configuram uma classe bastante complexa, em particular a subclasse dos advérbiais modificadores do predicado. Nesta língua, as referidas expressões adverbiais apresentam um comportamento semelhante ao PE, i.e., só podem ocupar uma de duas posições, ou em adjacência à direita do verbo, ou em adjunção à direita ao SV. Os exemplos em (47) ilustram isso mesmo.

- (47) a. Libana o-tana *l`elumuha* *lyalwa* Umbundu.
 Libana MS-falar.Pres Prep.com+adj.perfeito muita(o) Umbundu
 “A Libana fala perfeitamente o Umbundu.”
- b. Libana o-tana Umbundu *l`elumuha* *lyalwa*.
 Libana MS-falar.Pres Umbundu Prep.com+adj.perfeito muita(o)
 “A Libana fala o Umbundu perfeitamente.”
- c. Luís wa-linga *l'unate* *walua* o-seteko.
 Luís MS-terminar/Pret com.cuidado muita Det.teste
 “O Luís terminou cuidadosamente o teste/prova.”

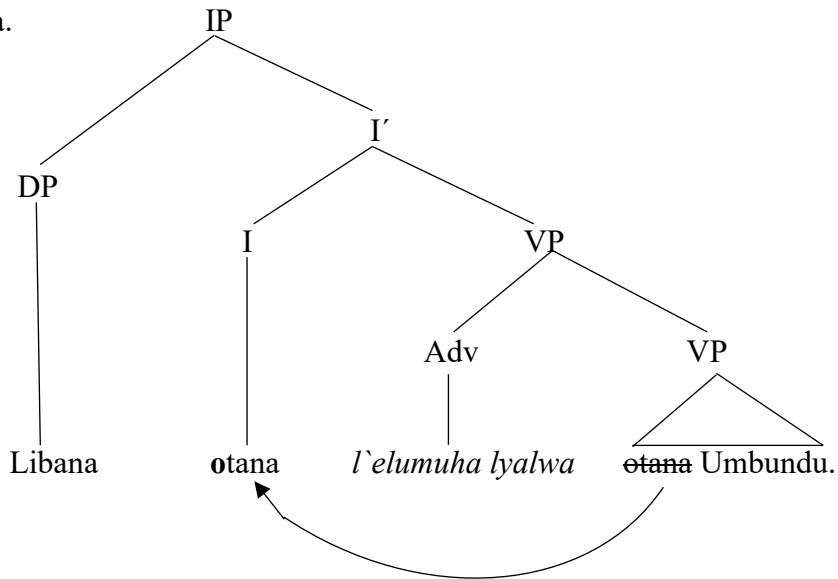
d. Luís wa-linga o-seteko l'unate walua.

Luís MS-terminar/Pret Det.teste com.cuidado muita

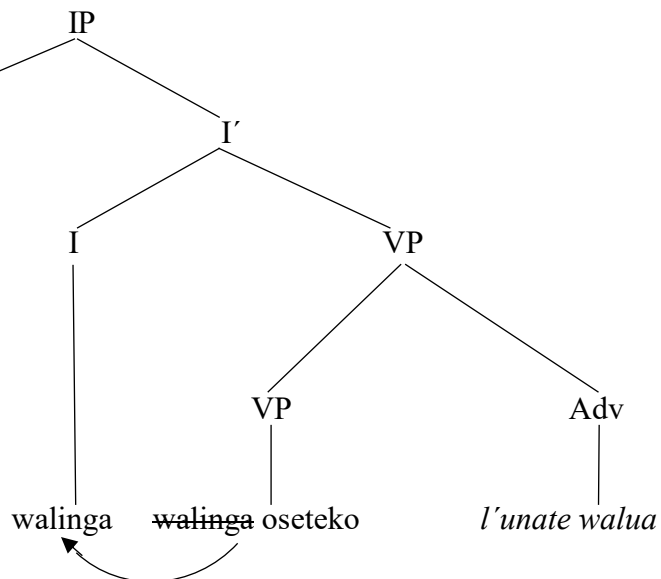
“O Luís terminou o teste/prova cuidadosamente.”

Apresentamos em (48) a seguir, a representação que dá conta da frase do Umbundu em (47a). Uma representação idêntica é atribuível a (47c). Em (48b) é proposta uma representação para (50d).

(48) a.



b.



É importante assinalar que, não existem no Umbundu advérbios de modo propriamente ditos pelo que os falantes de Umbundu recorrem a palavras morfologicamente autónomas²⁷ para dar conta dos referidos constituintes. Nos exemplos ilustrativos de (47) a combinação de uma preposição com um adjetivo e um quantificador equivale aos advérbios *perfeitamente e cuidadosamente*, respetivamente em Português.

Tendo em conta o que se propôs para outras línguas, incluindo o PE, no Umbundu a colocação dos advérbios ora em adjacência à direita do verbo, ou em adjunção à direita ao SV, parece mostrar a existência do movimento do verbo para a posição de I (Flexão).

3.5. Notas Finais

Em suma, neste capítulo debruçamo-nos fundamentalmente sobre a sintaxe das LB e da sintaxe do Umbundu, sobre as propriedades dos verbos principais e auxiliares, e analisamos igualmente o comportamento dos advérbios ou expressões com valor adverbial. Relativamente a sintaxe verificamos que no Umbundu a ordem SVO constitui a ordem não marcada, apesar de se admitir a possibilidade da alteração da ordem.

Relativamente aos Vprincipais, verificou-se que diferentemente do PE, em que os verbos se organizam tendo em conta o seu quadro de regência, nas LB e no Umbundu, em particular, essa regra não se verifica, na medida em que nessa língua os verbos dispõem de um conjunto de extensões verbais que se adicionam à RV. Neste sentido, tanto os verbos de um argumento como os de dois argumentos podem ser modificados pela presença de um morfema de extensão na estrutura do verbo.

Levando-se em conta os dados observados relativamente a categoria Vaux, percebe-se que tendo em conta a complexidade com que se analisam as estruturas verbais, parece evidente que não existem verbos auxiliares propriamente ditos, sobretudo, sequências Vux + formas participiais, mas sim morfemas que afetam a estrutura morfológica do verbo, exceto em alguns contextos que podem ocorrer os verbos *Okukala* e *Okwenda* “estar e ir”, respetivamente.

²⁷ Cf. a nota 1 deste capítulo.

De notar que o comportamento que os advérbios apresentam no Umbundu foi também observado no Swahili por Bearth (2003:125), como se pode observar nos exemplos do autor. Nestes exemplos, as expressões nominais que funcionam como coadjuvantes da forma ou locativo são marcados por preposições (*kwa upesi* "com velocidade") ou sufixos especializados (*Nyumba-ni* "em casa").

Ex.: Mama a-li-m#pa mtoto kitabu kwa upesi nyumba-ni leo
Mother she-PAST-him#give child book with speed house-LOC today
“Mother gave the child quickly the book at home today.”

Corroborando Raposo (2013), pensamos que só um inventário poderia dar conta dos verdadeiros critérios de auxiliaridade que o Umbundu adota, bem como verificar que morfema carrega a informação de Vaux.

Salientou-se ainda que as expressões adverbiais modificadoras de frase e as de predicado apresentam um comportamento semelhante ao PE. Ou seja, tipicamente no Umbundu, os primeiros modificam a frase e podem ocorrer em qualquer posição na frase, e os segundos modificam o predicado e apenas ocorrem em posição pós-verbal, i.e., ou em adjunção à direita do verbo ou à direita do SV.

Note-se que tendo em conta os dados observados sobre os ADV, verificou-se que não existe no Umbundu verdadeiros advérbios de modo. Para satisfazer a ausência destas palavras o Umbundu recorre a palavras autónomas, i.e., preposições, adjetivos, intensificadores e/ou nomes para desempenhar na frase a função de advérbio.

Tendo em conta as categorias lexicais e funcionais, a proposta de Pollock (1989) de que há línguas em que o verbo flexionado auxiliar ou principal se move para I (Flexão) parece adequar-se a representação da frase no Umbundu.

Levando-se em conta os aspetos observados nos capítulos II e III, conclui-se que tendo em vista a importância da morfologia na sintaxe nas LB, e no Umbundu, em particular, não se pode conceber um estudo puramente sintático se não se tiver em conta a morfologia.

Capítulo IV: Omissão de Constituintes Pós-verbais no Umbundu e no PE

Introdução

No presente capítulo, procuramos primeiramente, reunir alguns contributos teóricos e empíricos que nos permitiram compreender a noção de elipse e identificar diferentes tipos de elipse que podem ocorrer numa língua. Procuramos também saber que propriedades distinguem e aproximam algumas dessas construções no PE e no Inglês. Importa salientar que o relevo dado ao PE e ao Inglês surge na sequência de ser nessas línguas que essas construções já terem sido bastante exploradas. Procuramos seguidamente apresentar algumas propostas que dão conta dessas construções no Umbundu.

O presente capítulo está organizado da seguinte forma: a secção 4.1 debruça-se, de forma breve, sobre o conceito de elipse fundamentalmente, distingue o conceito de elipse do de categoria vazia. A secção 4.2 fornece um conjunto de tipos de elipses existentes no PE e no Umbundu. Nesta secção pretendemos identificar diferentes tipos de elipse que podem ocorrer nessas línguas; a secção 4.2.1 debruça-se sobre as construções elípticas no PE; a secção 4.2.2 dá conta das referidas construções no Umbundu; a secção 4.3 debruça-se sobre as principais propriedades comuns e distintivas entre a Elipse do SV, Anáfora do Complemento Nulo (ACN), Objeto Nulo e de Despojamento no PE e no Inglês. Procuramos nesta secção, essencialmente, evidenciar as principais propriedades que caracterizam estas construções nessas línguas, assinalando que, o PE se afasta, por vezes, das línguas românicas e se aproxima do Inglês. Procuramos igualmente evidenciar que as construções de Elipse do SV se distinguem das construções como ACN, Objeto Nulo e de Despojamento (TP-elipses). Na secção 4.4 caracterizamos essas construções no Umbundu, procurando estabelecer as principais diferenças que aproximam essa língua ao PE. Na secção 4.5 apresentamos algumas propostas discutidas na literatura para dar conta da Elipse do SV, nomeadamente no Inglês, no PE e nas LB. E apresentamos, igualmente, propostas de legitimação e distribuição das construções elípticas no Umbundu. Finalmente, na secção 4.7 apresentamos as principais notas finas deste capítulo.

4.1. Conceito de elipse. Elipse vs. Categoria vazia

A elipse é um fenómeno linguístico que afeta quer domínios frásicos quer domínios nominais. Ela pode elidir qualquer expressão linguística, desde que o contexto situacional ou discursivo permita a recuperação do material elidido. Nas construções elípticas em que a recuperação do material elíptico é feita linguisticamente, este é tipicamente idêntico ao que lhe serve de antecedente e é essa identidade que permite a sua recuperação. Nestes casos elipse pode ter uma natureza anafórica, podendo seguir ou preceder o seu antecedente linguístico. O material elíptico corresponde a partes delimitáveis da oração ou do sintagma nominal, e nem sempre aparenta ser um constituinte único, Matos (2013:2385). A elipse com antecedentes linguísticos limita-se tipicamente a casos em que a omissão pode ser interpretada como uma estratégia para evitar a repetição redundante, (cf. Matos, 2003:872, 2013:2356-2357).

Na tradição gramatical a elipse abarcava um conjunto vasto de fenómenos desde as omissões presentes na derivação imprópria à omissão de constituintes sintáticos, nomeadamente, a não realização do sujeito em línguas de sujeito nulo (cf. Cunha & Cintra, 1984).

No âmbito da Gramática Generativa (GG) os trabalhos sobre as categorias vazias (cf. Chomsky (1981, 1982)), permitiram separar determinados contextos que na tradição gramatical eram vistos como construções elípticas, como é o caso, p.e., do Sujeito Nulo e do Objeto Nulo (cf. Raposo, 1986). A razão dessa separação decorre do facto de que a literatura atual admite a existência de diferenças estruturais entre as categorias vazias nominais e as elípticas (cf. Matos, 1992), no sentido em que contrariamente às categorias vazias nominais, as elipses podem ter estruturas sintáticas internas, e algumas construções elípticas parecem envolver material aparentemente não analisável como um único constituinte, (*Ibdem*).

Assim, os exemplos seguintes não podem ser interpretados como construções elípticas, mas sim como construções de Sujeito Nulo, (cf. 1a-b) e de Objeto Nulo (cf. 1c).

- (1) a. [-] Vou trabalhar no estrangeiro.
- b. Nós vimos o João quando [-] saía da sala de reuniões.
- c. A bibliotecária pegou nos livros e guardou [-] na estante.

Não são também considerados elípticos os usos intransitivos de certos verbos de atividade, nos quais se infere um complemento direto implícito com um valor culturalmente consagrado, (cf. 2a-b). Também, não são consideradas construções elípticas as orações que

apresentam constituintes opcionais, quando não existe um contexto linguístico que sirva de antecedente ou uma situação pragmática saliente que permita inferir o conteúdo do constituinte em causa, (cf. 2c-e).

- (2)
- a. A criança não come.
 - b. Ele fuma mas não bebe.
 - c. Os alunos requisitaram o livro (à bibliotecária).
 - d. Os alunos requisitaram o livro (na biblioteca da faculdade).
 - e. Os alunos requisitaram o livro.

(os exemplos são de Matos, 2013:2357).

Como dissemos, na elipse, os constituintes omitidos são tipicamente recuperados através do contexto, como mostram as frases em (3), onde a anotação “[-]”, indica os constituintes omitidos. Doravante, neste trabalho, estes serão representados ou pela anotação “[-]”, ou por rasurado. Com efeito, é fundamental que o material omitido se identifique com um fragmento frásico, (cf. 3) e/ou discursivo concreto, Matos (1992:73).

- (3)
- a. O Carlos vai assistir ao concerto e o Félix também vai [-]. ([-] = assistir ao concerto)
 - b. O Carlos vai assistir ao concerto e o Félix também [-]. ([-] = vai assistir ao concerto)

A frase (3a) é ilustrativa de elipse do SV e a frase (3b) é ilustrativa de Despojamento.

Na GG a preocupação inicial foi determinar que tipo de regras dava conta das construções elípticas. Por forma a encontrar uma explicação, a propósito do assunto, surgiram no final dos anos 60 duas perspetivas de análise: a perspetiva transformacionista e a perspetiva interpretativista, Matos (1992:73).

No entender dos transformacionistas, a elipse seria o resultado da operação de regras de supressão que atuam por meio de identidade sobre o material lexicalmente realizado. Já os interpretativistas afirmavam que a derivação de uma estrutura elíptica implica a presença na base de categorias linguísticas sem realização lexical, na medida em que a atribuição de conteúdos a estas categorias decorre da atuação de regras de interpretação, que não diferem

de regras de interpretação dos pronomes anafóricos, (*Ibidem*). Para eles, a elipse é um subdomínio da anáfora²⁸.

É importante salientar que, apesar de as duas propostas apresentarem perspectivas de análise diferente, ambas têm um ponto de convergência, no sentido em que em ambas teorias a interpretação de um constituinte omitido é fixado por um antecedente, tipicamente linguístico (cf. Matos, 1992). É o que acontece nos exemplos em (3), retomados em (4), onde a anotação “[-]” retoma os constituintes omitidos “assistir ao concerto” (cf. 4a) e “vai assistir ao concerto” (cf. 4b), respetivamente.

- (4) a. O Carlos vai *assistir ao concerto* e o Félix também vai [-].
b. O Carlos *vai assistir ao concerto* e o Félix também [-].

4.2. Tipos de Elipse no PE e no Umbundu

4.2.1. O PE e as construções elípticas

Os estudos sobre elipse permitiram identificar diferentes tipos de elipse. Considerando os constituintes que podem ser afetados pela omissão e o material linguístico realizado remanescente, no PE, as elipses podem ser agrupadas em dois grupos distintos, nomeadamente, elipses do domínio frásico e do domínio sintagmático. No domínio frásico podem ser encontrados, os seguintes tipos de elipse: Anáfora do Complemento nulo (ACN)²⁹, Elipse do SV³⁰, Despojamento³¹, Elipse Lacunar³², Truncamento, Perguntas e Respostas Abreviadas, Réplicas Retificadoras. No domínio sintagmático, destaca-se a Elipse Nominal, Matos (2003:884, 2013:2362). Estas construções diferem entre si pelo tipo de propriedades que cada uma exhibe. Como se ilustra nos exemplos em (5) e seguintes.

- (5) a. O Félix tem faltado muito às aulas e o Custódio também tem [-].
b. O Carlos comprou uma prenda de aniversário à namorada e o Laércio também comprou [-].
c. O F.C. Porto ganhou ao SL. Benfica por 2-1 e o Sporting [-] ao Nacional.
d. A Ana tem andado muito triste ultimamente e a Carla [-] muito alegre.

²⁸ O presente trabalho não pretende entrar em debate sobre essa matéria. Para melhor esclarecimento sobre o assunto ver Brito, Matos & Duarte (2003, cap. 20).

²⁹ Designado por “Elipse do Complemento Oracional”, (em Matos, 2013).

³⁰ Designado por “Elipse parcial do predicado”, (em Matos, 2013).

³¹ É designada por “Elipse polar da oração”, (em Matos, 2013).

³² Designada “Elipse Verbal”, (em Matos, 2013).

- e. A Ana tem andado muito apressada ultimamente e a Carla também [-].
- f. Esse assunto foi já discutido e aquele também [-].
- g. A Maria não consultou esse livro, mas devia [-].
- h. Ainda que queiras [-], não pode resolver esse problema com facilidade.
- i. O João ofereceu um livro, mas eu não sei a quem [-].
- j. O presidente angolano vai retirar-se da vida política, embora ninguém saiba quando [-].

As frases em (5a-b) são representativas de Elipse do SV, em (5c-d) ilustram-se casos de Elipse Lacunar (*Gapping*), em (5e-f) os exemplos são ilustrativos de Despojamento (TP-ellipsis), e em (5g-h) são representativos de ACN e, os de (5i-j) são representativos de Truncamento (*Sluicing*).

Muitas vezes em diálogos, sobretudo quando estes contêm perguntas e/ou respostas (cf. (6)) e retificações (cf. (7)) omitimos constituintes (cf. Matos, 1992, 2003, 2013). Os constituintes omitidos, tipicamente, exibem propriedades de elipse, na medida em que podem ser recuperados a partir da frase antecedente. Os exemplos a seguir ilustram essa situação.

- (6) a. A – Compraste o jornal?
B – Não./Sim
- b. A - Onde compraste o jornal?
B – No quiosque
- c. A – Os portugueses vão raramente ao teatro.
B – E ao cinema?
- d. A – Vamos sair daqui imediatamente.
B – Para onde?
- (7) A – Eles ofereceram uma moto à filha.
B – (Não,) ao filho!

(Matos, 2013:2376-2377)

Os exemplos em (6a-b) são ilustrativos do tipo de elipse designada na literatura do PE de Respostas Abreviadas, em (6c-d) ilustra-se construções elípticas designadas de Perguntas Abreviadas, e em (7) ilustram-se exemplos de Réplicas Retificadoras Abreviadas. Estes fenómenos podem ser caracterizados da seguinte forma: na Elipse do SV o foco da elipse é o SV, em Despojamento a elipse incide sobre toda expressão predicado, encontrando-se

realizado um sintagma e o advérbio de polaridade. Na Elipse Lacunar a elipse abrange o núcleo verbal deixando realizado dois constituintes, dos quais geralmente o sujeito. A Elipse Nominal incide sobre o nome que funciona como núcleo do sintagma nominal e na ACN a elipse incide sobre um constituinte frásico ou um pronominal (cf. Matos, 1992, 2003, 2013).

Em (8), (9) e (10) retomam-se os exemplos de (5), (6) e (7) explicitando os constituintes omitidos, onde o rasurado representa o material omitido.

- (8)
- a. O Félix tem faltado muito às aulas ultimamente e o Custódio também tem ~~faltado muito às aulas ultimamente~~.
 - b. O Carlos comprou uma prenda de aniversário à namorada e o Adão também comprou ~~uma prenda de aniversário à namorada~~.
 - c. O F.C. Porto ganhou ontem ao SL. Benfica por 2-1 e o Sporting ~~ganhou~~ ontem ao Nacional.
 - d. A Ana tem andado muito triste ultimamente e o Calivala ~~tem andado~~ muito alegre ultimamente.
 - e. A Ana tem andado muito apressada ultimamente e a Carla também ~~tem andado~~ muito apressada ultimamente.
 - f. Esse assunto foi já discutido e aquele também ~~foi já discutido~~.
 - g. A Maria não consultou esse livro, mas devia ~~consultar esse livro~~.
 - h. Ainda que queiras ~~resolver esse problema~~, não podes resolver esse problema com facilidade.
 - i. O João ofereceu um livro (a alguém), mas eu não sei a quem ~~ofereceu o livro~~.
 - j. O presidente angolano vai retirar-se da vida política, embora ninguém saiba quando ~~se vai retirar da vida política~~.
- (9)
- a. A – Compraste o jornal?
B – Não./Sim. ~~Comprei o jornal~~
 - b. A - Onde compraste o jornal?
B – ~~Comprei o jornal~~ no quiosque
 - c. A – Os portugueses vão raramente ao teatro.
B – E ao cinema, ~~os portugueses vão raramente?~~
 - d. A – Vamos sair daqui imediatamente.
B – Para onde ~~vamos sair?~~
- (10)
- A – Eles ofereceram uma moto à filha.
B – Não, ~~eles ofereceram uma moto~~ ao filho!

4.2.2. O Umbundu e as construções elípticas

A presente secção pretende especificar as principais construções elípticas frásicas no Umbundu. Nessa língua, à semelhança do PE, podem ocorrer no domínio frásico os seguintes tipos de elipses: Elipse do SV, Despojamento, ACN, Elipse Lacunar, Truncamento, Perguntas e Respostas Abreviadas e Réplicas Retificadoras, como a seguir se ilustra:

- (11) a. Tate o-yongol-a oku-kuliha a-sukiyo vi-oseteko vi-omalã aye
pai MS-desejar-VF INF-saber PL-resultado PL-exame PL-criança/filho dele
ina leye vo oyongola [-].
mãe ela também MS-desejar
“O pai deseja saber os resultados dos exames dos filhos e a mãe também deseja.”
- b. Joana wa-echya ekandu l’okupya k’ulongisi Maria leye
Joana MS-entregar culpa Pre.reprovar Prep.professor Maria ela
vo wa-echya [-].
também MS-entregar
“A Joana atribuiu a culpa da reprovação ao professor e a Maria também atribuiu.”
- (12) a. Maria wa-echya ekandu l’okupia k’ulongisi Joana l’eye
Maria MS-dar/Pret culpa Prep.reprovar Prep.professor Joana com.ela
vo [-]
também
“A Maria atribuiu a culpa da reprovação ao professor e a Joana também.”
- b. João wa-sangã ekongamelã eli avanjale Maria l’eye vo [-].
João MS-encontrar livro esse procurar Maria com.ela também
“O João encontrou o livro que procurava e a Maria também.”
- (13) a. Maria wa-echya ekongamelã ku Marta Joana [-] olapi ku Luís.
Maria MS-dar-APL-VF livro Prep Marta Joana lápis Prep Luís
“A Maria deu livro à Marta e a Joana [-] um lápis ao Luís.”

- b. Joana wa-ech-el-e ekandu l'okupya k'ulongisi Maria [-]
 Joana MS-entregar-APL-VF culpa Pre.reprovar Prep.professor Maria
 k'eye mwele
 DET.ela própria.
 “A Joana tinha atribuído a culpa da reprovação ao professor e a Maria [-] a ela própria.”
- (14) a. Ndaño o-yongola [-] ku-pondol-a oku-tang-ulul-a otchitange
 ainda MS-querer NEG-poder-VF INF-resolver-VF problema
 eci l'leluko.
 DEM prep.facilidade
 “Ainda que queiras não podes resolver esse problema com facilidade.”
- b. Ol'owatise ka-vi-enda-da oloneke viosi k'ochitungila, pwāyi
 PL.colaborador NEG-MS.2ªPL-ir-RV.RED todos dias Prep.fábrica mas
 va-tchi-sukila [-].
 MS.3ªPL -PRON-necessitar
 “Os colaboradores não vão frequentemente à fábrica, mas necessitam.”
- c. Eye wa-yongol-a oku-ka-nhula epata kwenda ol.ondjali vi.atava [-].
 3ªSG MS-querer-VF INF-FUT-visitar familia e PL.pai CS.aceitar
 “Ela quis visitar a família e os pais aprovaram.”
- (15) A – Pwāyi Ene helã wa-denli oku-tala obunje?
 afinal vocês ontem MS.3ªPL-ir/Pret INF-ver/assistir jogo
 “Afinal vocês ontem foram assistir ao jogo?”
 B – Twandele/ka.twandele.
 “Fomos/não fomos.”
- (16) A – Noke wenda.
 “Depois vais.”
 B – Pi?
 “Aonde?”

- (17) A – Maria helã liya w-enda kepia?
 Maria amanhã MS-ir lavra
 “A Maria vai à lavra amanhã?”
 B – wend-a k’ochitanda!
 Ø-ir-VF Prep.praça
 “Vai à praça.”³³

Os exemplos ilustram os tipos de elipses que podem ocorrer no Umbundu. Em (11a-b) ilustram-se contextos de Elipse do SV, em (12a-b) exemplifica-se Despojamento; em (13a-b) ilustra-se Elipse Lacunar, em (14a-b) os exemplos são ilustrativos de ACN. Em (15) os exemplos ilustram casos de Respostas Abreviadas com elipse do SV, em (16) Perguntas Abreviadas, e em (17) Réplica Retificadora.

Como se pode ver no Umbundu podem ocorrer, igualmente, diversos tipos de elipse. No entanto, no presente trabalho só serão considerados os seguintes tipos de elipse: Elipse do SV, Despojamento e ACN, procurando distinguir a Elipse do SV das construções com as quais, por vezes se confunde, como são os casos de Despojamento e de ACN e do Objeto Nulo. Procura-se igualmente evidenciar que apesar das diferenças morfológicas e não tanto estruturais, o Umbundu exhibe muitas propriedades que o aproximam do PE.

4.3. Elipse do SV, ACN, Objeto Nulo e Despojamento – propriedades comuns e distintivas no PE e no Inglês

Na presente secção, num primeiro momento, procuramos caracterizar e distinguir ainda que brevemente, as principais propriedades da Elipse do SV, ACN, Objeto Nulo e de Despojamento, no PE e no inglês, buscando pontos de convergência e divergência entre as duas línguas. Tendo em conta que no PE essas construções por vezes se confundem, procuramos, igualmente, assinalar que apesar das semelhanças entre si não são iguais. No segundo momento, procuramos caracterizar as referidas construções no Umbundu, língua que constitui o nosso objeto de estudo.

³³ “Praça” no português falado em Angola designa o mercado informal ou paralelo. Usamos aqui essa expressão por ser muito familiar no contexto angolano.

4.3.1. Caracterização da Elipse do SV no PE e no inglês

A Elipse do SV designa um fenómeno elíptico que afeta o SV, uma categoria sintática constituída pelo verbo e pelos seus complementos e, opcionalmente, pelos seus adjuntos (Matos, 1992:99). As frases seguintes (cf. (18) e (19)) exemplificam casos de Elipse do SV, respetivamente no PE e no inglês.

- (18) a. O João visitou ontem o fórum de Almada e a Joana também visitou [-].
(...também visitou_i [VP [visitou]_i ~~ontem o fórum de Almada~~])
- b. O João tinha visitado ontem o fórum de Almada e a Joana também tinha [-].
- c. O Pedro comprou o livro de semântica e a Ana também comprou [-].
- d. O Pedro tinha comprado o livro de semântica e a Ana também tinha [-].
- (19) a. *I asked Bill to leave, but he did not [-].* ([-]= leave) (Hankamer & Sag, 1976)
- b. *I didn't ride a camel, but Ivan did [-], and now the office is infested with its
feas.* ([-]= ride a camel) (Hankamer & Sag, 1976)
- c. **Sally Tomato made Mag laugh, and then José made [-].* (Johnson, 2001)
- d. **Sally Tomato started running down the street, but only after José started [-].*
(Johnson, 2001)
- e. *He said one of us had to give up his seat, so Sue volunteered to [-].*
[-]= give up her seat) (cf. Hankamer & Sag, 1976)

Os exemplos em (18) e (19), em PE e em Inglês, manifestam propriedades distintas, no sentido em que em alguns contextos o verbo realizado junto do constituinte omitido exhibe propriedades de Vaux e noutros de Vprincipal. Por isso, em PE essas construções diferem entre si pelo tipo de constituintes verbais realizados. Pelo contrário em inglês, o verbo junto do constituinte omitido não pode ser um verbo principal. Assim, em (19a) a elipse incide sobre o verbo principal, em (19b) sobre o verbo principal e o seu complemento, em (19c-d) a elipse incide sobre o verbo principal e os seus constituintes *Mag laugh* e *running down the street*, respetivamente, deixando realizado o Vprincipal. Contudo, no Inglês a Elipse do SV só é legitimada pelo Vaux e por “to” infinitivo (cf. (19e)), o que explica a agramaticalidade de (19c-d), em que ocorre um Vprincipal junto ao constituinte elíptico. Pelo contrário, no PE, como os exemplos (cf. 18a-c) mostram, a Elipse do SV pode ser legitimada tanto pelo Vprincipal (cf. 18a-c), que se move para I deixando um vestígio, ou uma cópia, que pode funcionar como núcleo do SV omitido (cf. Matos, 2003), como pelo Vaux (cf. 18b-d).

De realçar que, em todos domínios de ocorrência da elipse o constituinte omitido pode ser interpretado a partir do contexto linguístico ou do contexto discursivo. Neste sentido, no PE, a Elipse do SV pode ocorrer em frases coordenadas, em subordinadas e em contexto de diálogo³⁴:

- (20) a. O MPLA está preocupado com as eleições gerais de 2017 e os partidos políticos também estão ~~preocupados com as eleições gerais de 2017~~.
- b. O Carlos tem ido a biblioteca todos os dias mas o Edgar não tem ~~ido a biblioteca todos os dias~~.
- c. O Félix já tinha oferecido o livro de semântica a Ana antes que o Carlos oferecesse ~~o livro de semântica à Ana~~.
- d. Antes que o Félix oferecesse [-] já o Carlos tinha oferecido o livro de semântica à Ana.
- e. A: A Ana tem estudado?
B: Sim, tem [-].

As frases (20a-b) ilustram a Elipse do SV, ocorrendo em construções coordenadas, em que a elipse ocorre no segundo membro coordenado, em (20c) e (20d) os exemplos são ilustrativos de frases subordinadas, sendo a segunda oração subordinante a hospedeira da elipse. No PE, a Elipse do SV mostra maior flexibilidade de ocorrência nos domínios de coordenação e de subordinação adverbial (cf. 20c), podendo ocorrer na oração principal ou na oração subordinada³⁵. Tendo em conta que esta construção no PE pode ocorrer com verbos principais, por vezes, confunde-se com as construções de ACN e de Objeto Nulo, como veremos na secção a seguir.

³⁴ É importante referir que, embora se admita a possibilidade de a elipse poder ocorrer em todos domínios frásicos, admite-se também que nem todas construções elípticas ocorrem em todos contextos no PE, é o caso, p.e., de *Gapping* (em Matos, 2013, designada como *elipse verbal*) que pode ocorrer em frases coordenadas, mas não em frases subordinadas, nem em frases justapostas. Igualmente, *Despojamento* (designado Elipse polar da oração em Matos, 2013) pode ocorrer em frases subordinadas completivas, mas não em frases subordinadas adverbiais (cf. Matos, 2013:2358).

³⁵ Entretanto, a literatura mostra que as construções elípticas, nos domínios da subordinação, estão sujeitas ao requisito da não-circularidade. O requisito de não-circularidade é um dos factores importantes na determinação dos contextos das construções elípticas, nomeadamente, Elipse do SV e Despojamento. Este requisito determina que uma categoria elíptica não pode estar inserida dentro do seu antecedente no nível em que a reconstrução atua, portanto, em forma Lógica (cf. May, 1985, Haik, 1987, 1989 *apud* Matos, 1992:82). Assim, a agramaticalidade das frases seguintes em (i) resulta da violação desse requisito (não-circularidade).

(i) *O Carlos tinha dito ao Edgar que o Félix também tinha [-].

*O Edgar acha que o Adão também [-].

De salientar que no presente trabalho não nos alongaremos sobre este tópico. Para melhor discussão sobre o assunto ver bibliografia aqui indicada e Matos (1992).

4.3.1.1. ACN, Elipse do SV vs. Objeto Nulo no PE

Nos estudos sobre a construção de Anáfora de Complemento nulo (ACN) têm surgido várias propostas (cf. Hankamer & Sag, 1976, Hankamer, 1978, Sag & Hankamer, 1984, Thompson, 2014). Hankamer & Sag (1976) distinguem dois tipos de anáforas, anáfora de superfície em que se incluem Elipse do SV, Elipse Lacunar “*Gapping*”, Despojamento “*Stripping*” e Truncamento “*Sluicing*” e anáforas profundas como Anáfora do Complemento Nulo “*Null Complement Anaphora*”. Hankamer & Sag caracterizam esta construção, no inglês, com um conjunto de propriedades. Na perspectiva dos autores, as anáforas profundas são construções que resultam de operações de apagamentos que se aplicam tardiamente na derivação sintática, depois das operações relevantes que implicam a presença da estrutura sintática relevante e não exibem estrutura interna na sintaxe, pelo contrário, as anáforas de superfície são construções inseridas nula ou lexicalmente realizadas nas derivações sintáticas e exibem estrutura interna na sintaxe.

Depiante (2000, 2001), na esteira do trabalho de Hankamer & Sag (1976), analisando ACN em Espanhol e Italiano, considera que é uma anáfora profunda. A autora considera que o constituinte não realizado é uma proforma nula sem estrutura interna na sintaxe, independentemente de ser interpretado como supressão em Forma Fonética ou como cópia em Forma Lógica, (Depiante, 2001 *apud* Cyrino & Matos, 2006:122).

Cyrino & Matos (2006) assinalam que a ausência da estrutura interna em sintaxe não é suficiente para eliminar o problema da Restruturação em Forma Lógica, no sentido em que há anáforas de superfície explícitas que a requerem. As autoras assumem que ACN em português é uma anáfora de superfície, uma vez que apresenta estrutura interna em LF (cf. Cyrino & Matos, 2006:122).

Tem-se assumido na literatura linguística que em ACN o constituinte nulo é, tipicamente, interpretado a partir de um antecedente linguístico, ou através de um contexto situacional não-linguístico, i.e., pragmático (cf. Hankamer & Sag, 1976). O conjunto de características que esta construção exhibe permite distingui-la da Elipse do SV. Vejam-se alguns exemplos do inglês:

- (21) a. *I asked Bill to leave, but he refused [-].* ([-]= *to leave*)
b. *We needed somebody to carry the oats down to the bin, but nobody volunteered [-].* ([-]= *to carry the oats down to the bin*)
c. *Sue was attempting to kiss a gorilla, and Harry didn't approve [-].*

- ([-]= *Sue to kiss a gorila*)
- d. [*indulgent father feeds baby chocolate bar for dinner*].
Mother: I don't approve [-]! (-)= that you feed him chocolate bar for dinner
- (22) a. *He said one of us had to give up his seat, so Sue volunteered to [-].*
 ([-]= *give up her seat*)
- b. *We needed somebody to carry the oats down to the bin, but nobody volunteered to [-]. (-)= carry the oats down to the bin*
- c. *I asked Bill to leave, but he did not [-]. (-)= leave*
- d. [*Hankamer attempts to stuff a 9-inch ball through a 6-inch hoop*]
Sag: # It's not clear that you'll be able to [-].
- (cf. Hankamer & Sag, 1976)

Em (21) ilustram-se construções de ACN e em (22) construções de Elipse do SV. Como se pode constatar a ACN, no inglês, distingue-se da Elipse do SV tendo em conta as seguintes propriedades:

Na construção da ACN o constituinte nulo apresenta um conteúdo frásico (cf. 21a), podendo ser recuperado por um antecedente linguístico, estruturalmente diferente do constituinte selecionado pelo verbo que lhe legitima, no sentido em que nesta construção, a recuperação do material omitido não está sujeita a paralelismo lexical estrito (cf. 21b) também pode, o constituinte omitido, ser recuperado pelo contexto pragmático (cf. 21d).

Contrariamente ao que sucede na ACN, na Elipse do SV o constituinte omitido corresponde a um predicado verbal (cf. 22a). Nesta construção, independentemente de o constituinte omitido poder ser recuperado por um antecedente linguístico (cf. 22d) tem, obrigatoriamente, que ser idêntico ao seu antecedente (cf. 22b), o que mostra que esta construção exige paralelismo lexical.

É ainda de salientar que no inglês, na ACN o constituinte nulo é localmente legitimado pelo Vprincipal (cf. 21a), e não apresenta estrutura interna (cf. 23a), contrariamente à Elipse do SV, i.e., nesta construção, a elipse apresenta estrutura interna (cf. 23b) e pode ser legitimada pelo Vaux (cf. 22c).

- (23) a. **He said one of us had to give up his seat, so Sue volunteered [-],*
because it was too narrow for her anyway.
- b. *I didn't ride a camel, but Ivan did [-], and now the office is infested with its fleas.*
- (cf. Hankamer & Sag, 1976)

No PE, como já foi assinalado, a delimitação de Elipse do SV da construção de ACN e de Objeto Nulo não é, por vezes, muito nítida, pelo facto de manifestar características diversas quando comparada, p.e., com línguas como o inglês, Espanhol ou o Italiano³⁶ (cf. Cyrino & Matos, 2006a, 2006b). Vejam-se exemplos de (24), (25) e (26).

- (24) a. Pedimos ao João que deixasse a discussão para mais tarde, mas ele recusou-se [-].
b. Pedimos ao Pedro que saísse, mas ele recusou-se [-]. (Cyrino & Matos 2006)
- (25) a. O Carlos disse que tinha comprado um livro de sociologia ao Edgar e tinha [-].
b. O Carlos comprou um disco e a Teresa também comprou [-].
- (26) a. Encontrei o livro de linguística que procurava, e comprei [-] imediatamente.
b. A Joana comprou um disco e ofereceu [-] ao sobrinho.

Em (24) ilustram-se contextos de ACN, em (25) exemplifica-se casos de Elipse do SV, em (26) os exemplos são ilustrativos de Objeto Nulo. Como se pode observar, em (24), nesta construção o alvo da elipse é um complemento frásico em que o constituinte omitido pode ser substituído pelo sintagma preposicional contendo o pronome “*isso*” (cf. para (24a) “...mas ele recusou-se a *isso*”). Essa é uma das propriedades que permite distinguir ACN de Elipse do SV.

Considerando o facto de o PE ser uma língua de movimento generalizado do verbo para I (FLEX) (cf. Raposo, 1986; Matos, 1992, 2003, 2013, Martins, 1994, Thompson, 2014, Cyrino & Matos, 2016), a Elipse do SV nessa língua, pode ocorrer com Vaux (cf. (25a) ou com Vprincipal (cf. 25b). Tendo por base as suas características, esta construção, no PE, distingue-se de ACN, pelo seguinte:

Em PE, como vimos, a Elipse do SV com Vprincipal, Vaux ou semiauxiliares exige paralelismo lexical e estrutural entre o verbo que legitima a elipse e o verbo do seu antecedente (cf. 27), (cf. Matos, 1992, Cyrino & Matos, 2006).

- (27) a. *O João disse que devia comprar o jornal, pois tinha [-] para estar bem informado.
([-]= de comprar o jornal)
- b. No ano passado ele não tinha a possibilidade de comprar o jornal de manhã, mas agora tem [-]. ([-]= [~~tem~~] a possibilidade comprar o jornal de manhã)
- c. No ano passado ele ainda não tinha ido ao dentista, mas agora tem [-].
([-]= ido ao dentista)

³⁶ No presente trabalho, por uma questão de delimitação do estudo, não serão considerados dados do Espanhol e do Italiano.

A agramaticalidade de (27a) vs. a gramaticalidade de (27b-c) mostra que a ausência de paralelismo lexical impede a interpretação da frase como Elipse do SV, quer esta seja legitimada por um verbo principal (cf. 27b), quer por um Vaux (cf. 27c). Pelo contrário, como (24) e (28) mostram, a ACN não requer paralelismo lexical.

- (28) No ano passado ele não tinha a possibilidade de comprar o jornal de manhã, mas agora pode [-]. ([-]= comprar o jornal de manhã)

No PE, a ocorrência da ACN é lexicalmente determinada, uma vez que só é possível com determinados verbos semiauxiliares (modais, aspetuais) e com certos verbos de complementação (cf. Cyrino & Matos, 2006, Gonçalves & Matos, 2009). Veja-se o contraste entre as frases (29a), (29b) e (29c) com as de (29d), (29e) e (29f), em que os predicados com sentido próprio (cf. 29d), (29e) e (29f) estão excluídos desta construção.

- (29) a. Ainda que precisas/ necessites / possas/ devas [-] não podes resolver esse problema com facilidade.
b. A Maria não escreveu o livro todo mais já começou [-].
c. A Maria já começou a escrever a tese, e vai acabar [-] em breve.
d. ??Ainda que anseies [-], não podes resolver esse problema com facilidade.
e. ??Os médicos não queriam que a doente voltasse para casa logo, mas ela implorou [-].
f. (?) Elas quis fazer um curso de pós-graduação e os pais aceitaram [-].

(Matos, 2003:886)

Existem no PE verbos semiauxiliares e auxiliares que não legitimam a ACN. É o caso dos verbos como *ter* de, (*ter* dos tempos compostos e *estar* aspetual) (cf. 30).

- (30) a. *O Laércio não abre o correio, mas tinha [-].
(cf. O Laércio não abre o correio, mas devia.)
b, *O Edson disse ao Laércio para não abrir o correio, porque ele já tinha [-].
c. *O Riquelme não teve a possibilidade de assistir os desenhos animados hoje de manhã, mas agora está [-].

Assim sendo, as frases em (30) não podem ser reinterpretadas nem como construções de ACN porque os verbos junto dos constituintes elípticos não legitimam ACN, nem como

Elipse do SV porque não há paralelismo lexical entre o verbo que ocorre junto da elipse e o verbo da frase antecedente.

Em (26) mostrou-se frases que instanciam a construção de Objeto Nulo, no PE. Tipicamente, essa construção tem por alvo um único constituinte nominal, o constituinte com a função de Objeto. Todavia, esta construção apresenta algumas características que a assemelham a ACN, nomeadamente, tanto na primeira como na segunda, o material omitido pode ser substituído por um pronome, o que não significa que estas construções sejam idênticas. Assim, essas construções (Objeto Nulo e ACN) distinguem-se uma da outra pelo seguinte:

No Objeto Nulo, o constituinte alvo da omissão denota uma entidade (cf. 31a, b) e não uma proposição, como acontece na ACN (cf. 31c).

(31) a. O Riquelme apanhou um lápis e devolveu [-] imediatamente ao dono.

b. Quando encontrou o vestido que queria, a Maria comprou [-] imediatamente.

[-] = o vestido

(Cyrino & Matos, 2006)

c. O Laércio não sabe andar de bicicleta, mas gostava [-].

([-]= de saber andar de bicicleta).

Em PE, em Objeto Nulo, o constituinte omitido é legitimado por um Vprincipal que seleciona um OD (cf. 31c), por oposição a ACN, que pode ser legitimado por verbos que pedem complemento OD ou complemento oblíquo. Ou seja, no PE, os verbos que legitimam ACN não são totalmente coincidentes com os que ocorrem em Objeto Nulo ou Elipse do SV. Assim, ACN não pode ser legitimada por Vprincipal que selecione complementos sem conteúdo proposicional (cf. Cyrino & Matos, 2006, Gonçalves & Matos, 2009). Admite-se que a construção de Objeto Nulo mostra maior flexibilidade de ocorrência em PE do que em outras línguas românicas (cf. Matos, 2003, Duarte & Costa, 2013). Não obstante a isso, esta construção, no PE, manifesta restrições de ocorrência, na medida em que o objeto Nulo está limitado a frases principais, coordenadas ou não, e a frases subordinadas complemento de um núcleo verbal, e encontra-se excluído de frases adverbiais e relativas que são domínios ilha (cf. Raposo, 1986), (cf. (32d), (32e)).

(32) a. A: A RTP transmitiu o jogo ontem.

B: Eu só vi [-] hoje.

- b. A RTP transmitiu o jogo ontem, mas eu só vi [-] hoje.
- c. RTP transmitiu o jogo ontem, mas acho *que muita gente só viu [-] hoje*.
- d. ?? A TV Zimbo transmitiu o debate ontem *apesar de eu só ter visto [-] hoje*.
- e. ?? A TV Zimbo transmitiu o debate ontem, *mas houve várias pessoas que só viram [-] hoje*.

Refira-se que as limitações presentes em (32d), (32e) não afetam a construção de ACN (cf. 33), já que esta construção pode ocorrer em domínios ilha. Confronte-se (32d), (32e) com os exemplos de (33).

- (33) a. Tu não vais assistir ao debate ainda que queiras [-], pois a TV Zimbo vai transmiti-lo de madrugada.
- b. A RTP cancelou a transmissão do jogo de ontem e houve muito adeptos de ambos que não aprovaram [-].

(cf. Matos, 2003)

Considerando essas características, assume-se que existem no PE duas construções de omissão de complemento com propriedades estruturais e distribucionais distintas, nomeadamente ACN e Objeto Nulo e que só a construção da ACN tem sido admitida na literatura como manifestação de elipse (cf. Matos, 2003).

Tem sido assumido na literatura (cf. (Huang, 1984 para o Chinês) e (Raposo, 1986, Duarte & Costa, 2013, Cyrino & Matos, 2016 para o PE)) que os efeitos de ilha em Objeto Nulo são interpretados como uma evidência de que o constituinte omitido em Objeto Nulo é uma categoria vazia que resulta do movimento e não uma elipse. Admite-se que as elipses omitem sempre algum material basicamente gerado, i.e., não resultante de movimento para além da cópia do verbo movido para FLEX.

Em resumo, tendo por base os dados apresentados e de acordo com a literatura (cf. Hankamer & Sag, 1976, Matos, 1992, 2003, 2013, Cyrino & Matos, 2006) estas construções, nomeadamente Elipse do SV, ACN e do Objeto Nulo, são construções distintas umas das outras.

4.3.1.2. Despojamento vs. Elipse do SV no PE

Hankamer & Sag (1976) afirmam que Despojamento (*stripping*)³⁷ é uma construção que omite, por identidade com as partes correspondentes de uma oração antecedente, todos os constituintes, exceto um único e, tipicamente um advérbio de polaridade. Os contrastes entre (34) e (35) mostram essa situação:

- (34) a. A Maria atribuiu as culpas do desastre ao motorista e a Teresa também [-].
b. A Maria atribuiu as culpas do desastre ao motorista e/mas a Teresa não [-].
c. A Maria atribuiu as culpas do desastre ao motorista e a Teresa sim [-].
d. A Maria não atribuiu as culpas do desastre ao motorista e a Teresa também não [-].
- (35) *A Maria atribuiu as culpas do desastre ao motorista e a Teresa [-].

(os exemplos são de Matos, 1992:106-107)

A construção de Despojamento no PE, está sujeita à presença de partículas de polaridade negativa ou positiva, nomeadamente, *sim*, *também*, *não*, *também não*, como se ilustra em (34). Refira-se que nesta construção, a ocorrência das partículas de polaridade é obrigatória, uma vez que permitem interpretar o constituinte omitido como um domínio frásico, Matos (1992:106, 2003:898). Como se pode ver em (35), a agramaticalidade presente nesta frase decorre da ausência das partículas de polaridade. Assinale-se que, a escolha do item de polaridade depende da polaridade da frase antecedente (cf. Matos, 1992, 2017), no sentido em que a natureza afirmativa ou negativa da frase antecedente determina a ocorrência da partícula de polaridade na frase elíptica, como se ilustra em (36).

- (36) a. *A Maria atribuiu as culpas do desastre ao motorista e/mas a Teresa também não [-].
b. *A Maria não tinha atribuído as culpas do desastre ao motorista e/mas a Teresa também [-].

³⁷ “*Stripping is a rule that deletes everything in a clause under identity with corresponding parts of a preceding clause, except for one constituent (and sometimes a clause-initial adverb or negative).*” Hankamer & Sag (1976:409).

c. A Maria não atribuiu as culpas do desastre ao motorista e/mas a Teresa também não [-].

(Matos, 1992:106)

Independentemente das suas características, Despojamento partilha algumas características com a Elipse do SV, nomeadamente tanto em Despojamento como em Elipse do SV o predicado elíptico é fixado pelo predicado da oração antecedente (cf. Matos, 1992, 2003).

- (37) a. *A Maria atribuiu as culpas do desastre ao motorista e/mas a Teresa atribuiu [-].
b. * A Maria tinha atribuído as culpas do desastre ao motorista e/mas a Teresa tinha (atribuiu) [-].

(cf. Matos, 1992:108)

Tanto em Elipse do SV em (36) como em Despojamento em (37), nestes contextos, são agramaticais. A agramaticalidade que se verifica nessas construções é explicada pela ausência da partícula de polaridade, na medida em que em alguns contextos, a Elipse do SV requer a presença da partícula de polaridade³⁸ (cf. 37). Apesar disso, Despojamento e Elipse do SV manifestam características que distintas. Assim, a construção de Despojamento só pode ocorrer em frases subordinadas se estas forem frases subordinadas completivas complemento do verbo (cf. 38a), pelo contrário, a Elipse do SV ocorre livremente nos domínios de subordinação (cf. 39).

- (38) a. O Carlos está a terminar a dissertação de mestrado, mas o Edgar acha que o Manel *não* [-].
b. *O João tem cumprimentado todas as pessoas *que a Maria também/não* [-].
c. *O Luís não vai comprar livros *quando tu também não* [-].

- (39) a. O Carlos está a terminar a dissertação de mestrado, mas o Edgar acha que o Manel *não* está [-].
b. O João tem cumprimentado todas as pessoas *que a Maria tem* [-].

³⁸ Importa salientar que, apesar de a construção de elipse requerer, em alguns contextos, como dissemos, a presença da partícula de polaridade, com efeito, não o determina. A sua função é pois, de permitir o confronto entre as duas predicções distintas, mas com conteúdo parcialmente idêntico, Matos (1992:109).

c. O Luís não vai comprar livros *quando tu também não vais* [-].

(cf. Matos, 2003:897-898)

Importa assinalar que apesar da construção de Despojamento poder ocorrer em contextos de subordinação é sensível a contextos ilha³⁹. Assim, Despojamento não pode ocorrer em contexto de ilha do Sujeito Frásico (cf. 40a), ilha do SN Complexo em orações relativas (cf. 40b) ou em orações completivas de nome (cf. 40c), bem como em ilha da frase adjunto (cf. 40d).

(40) a. ??*Que o João vá ao cinema é bom, mas [que a Maria não [-]] é péssimo.

b.*O João fala japonês e eu tenho [um aluno que também [-]].

c. *O João está doente mas a Maria não admite [a hipótese de (que) ela também [-]].

d. *O João tem posto os livros na estante sempre que a Maria não [-].

(os exemplos são de Matos, 1992:113)

Contrariamente a Despojamento, a Elipse do SV não é sensível a contextos de ilha, como se ilustra nos exemplos de (41):

(41) a. Que o Carlos tenha entregue já a tese é bom mas que o Adão não tenha [-] é mau.

b. O Félix tem falado Umbundu algumas vezes e eu tenho um aluno que também tem [-].

c. O Carlos está doente mas a Ana não admite a hipótese de que ela também esteja [-].

d. O Laércio tem posto os livros na estante sempre que o Riquelme não tem (posto) [-].

A frase em (41a) é ilustrativa de ilha do sujeito frásico, em (41b) exemplifica contexto de ilha do SN complexo em frases relativas, em (41c) é ilustrativa de ilha do SN complexo em frases completivas do nome e, em (41d) exemplifica-se contexto de ilha de frase adjunto. Assim, e como os dados mostram, Despojamento e Elipse do SV são construções elípticas distintas.

³⁹ Para uma melhor discussão sobre o assunto ver (Matos, 1992, 2003, 2013, Cyrino e Matos, 2016 e Matos, 2017, data prevista da publicação, Agosto).

4.4. Elipse do SV, ACN, Objeto Nulo e Despojamento no Umbundu – propriedades comuns e distintivas

4.4.1. Elipse do SV vs. ACN vs. Objeto Nulo no Umbundu

À semelhança do PE, o Umbundu manifesta as construções de ACN, Objeto Nulo e Despojamento, para além da Elipse do SV (cf. (42), (43), (44) e (45)). No entanto, a questão passa fundamentalmente por determinar que propriedades as diferenciam. Nesta secção, procuraremos, tentativamente, evidenciar algumas características que distinguem essas construções no Umbundu, procurando igualmente, pontos de consonância entre o Umbundu e o PE.

- (42) a. Ndañgo o-yongola [-] ku-pondola oku-tangulula otchitangi etchi l'ulelo.
ainda MS.2ªSG-querer NEG-poder INF-resolver problema esse Prep.facilidade
“Ainda que queiras não podes resolver esse problema com facilidade.”
- b. Etu twa-pinga ku Teresa otcho a-tyukile l'ondjanga k'ondjo, eye pwāyi
1ªPL MS-pedir à Teresa para MS-voltar Prep.depressa prep.casa ela mas
ka-tavele [-].
não-v.aceitar
“Nós pedimos a Teresa para que voltasse depressa a casa, mas ela recusou-se.”
- (43) a. João wa-sanğa ekongamelã a-vanjal-e⁴⁰ Maria leye vo
João MS-encontrar livro MS-procurar-VF Maria ela também
wa-sanğa [-].
MS-encontrar
“O João encontrou o livro que procurava e a Maria também encontrou.”
- b. Maria okasi l'okulinga upange likalye Joana leye vo okasi [-].
Maria Aux,estar Prep.fazer trabalho sozinha Joana ela também Aux.estar
“A Maria está a fazer o trabalho sozinha e a Joana também está.”

⁴⁰ No Umbundu, assim como nas LB em geral, não existem pronomes relativos estabelecidos. Estes são tipicamente representados por prefixos com marcas de pessoas e pronominais que ocorrem como sujeitos ou Objecto de orações subordinadas, (cf. Nascimento, 1894:50). Porém, nessa língua é frequente na oralidade fazer-se recursos a expressões equivalentes, ou que se traduzam por pronome relativo, como p.e., as expressões okuti, eci, etc., mediante o contexto. Neste exemplo a função de “que” (REL), é desempenhada pelo morfema “a-” com a MO.

- (44) a. Joana wa-landa ombolo kwenda wa-*i-et*chya [-] k'omola aye.
 Joana MS-comprar pão e CS-MO-dar Prep.filho(a) aye
 “A Joana comprou pão e deu ao filho/ deu-o ao filho.”
- (45) a. João wa-sanga ekongamelã eli a-vanjal-e Maria leye vo [-].
 João MS-encontrar livro DEM MS-procurar-VF Maria ela também
 “O João encontrou o livro que procurava e a Maria também.”

Em (42) ilustram-se contextos de ACN, em (43) Elipse do SV, em (44) a construção de Objeto Nulo, e em (45) o exemplo é ilustrativo de Despojamento, sobre o qual nos debruçaremos na secção seguinte. Como vimos, no PE, em frases como as de (42), o complemento frásico pode alternar com o pronome clítico “o” ou pronome demonstrativo invariável “isso”. Ao que parece, o mesmo não sucede no Umbundu, pois, nestes contextos a clitização ou a alternância do complemento frásico com um dos pronomes indicados, *li* ou *chi*⁴¹, origina frases agramaticais, (cf. (46a, b).

- (46) a. *Ndaño o-*chi*-yongola [-] ku-pondola okutangulula ochitangi eci
 Ainda MS-Pron-querer NEG-poder resolver problema DEM
 l'ulelo.
 prep.facilidade
 “Ainda que o queiras não podes resolver esse problema com facilidade.”
- b. *Ndaño o-*li*-yongola [-] ku-pondola okutangulula ochitangi eci
 Ainda MS-Pron-querer NEG-poder resolver problema DEM
 l'ulelo.
 prep.facilidade
 “Ainda que o queiras não podes resolver esse problema com facilidade.”
- c. ?Etu twa-pinga ku Telesa otcho a-tyukile l'ondjanga k'ondjo, eye
 1ªPL MS-Pron/cl-pedir a Teresa para MS-voltar depressa prep.casa ela
 pwāyi ka-*chi*-tavele [-].
 mas NEG-*Pron*-aceitar
 “Nós pedimos a Teresa para que voltasse depressa a casa, mas ela recusou-se a isso.” (a isso = a voltar depressa para casa)

⁴¹ Designados prefixos pronominais em Nascimento (1894:24).

Tipicamente, quando estes ocorrem denotam entidades e não uma proposição. Assim, p.e., a reinterpretação de (46a) com o constituinte “-chi-” denota um Objeto Nulo e não ACN, como seria de esperar em PE, p.e., e, a reinterpretação com o “-li-”, (cf. (46b) dá uma ideia de reciprocidade (REC) ou de reflexividade (REFL), correspondendo no PE, a frases como: “O João e a Ana amam-se.” ou “*O João gosta de si mesmo.*” A estranheza de (46c), ao que nos parece, é resultante da presença do morfema “-chi-”, pelo facto de este não estabelecer relação de concordância com o seu antecedente, o que torna a frase não interpretável nem como uma construção de ACN e nem como uma de Objeto Nulo, portanto, é uma frase marginal no sentido pretendido. Compare-se (46b) com as frases em (47a) e (47b) ilustrativas de ACN e de Objeto Nulo, respetivamente.

- (47) a. Etu twa-pinga ku Teresa otcho a-tyukil-e l’ondjanga k’ondjo, eye
 1ªPL MS-Pron/cl-pedir a Teresa para MS-voltar-VF depressa prep.casa ela
 pwāyi ka-ta-vele [-].
 mas NEG-MS.3ªSG-aceitar
 ([-] = okutyukila l’ondjanga k’ondjo (a voltar para casa depressa))
 “Nós pedimos a Teresa para que voltasse depressa a casa, mas ela recusou-se.”
- b. Joana wa-landa ombolo kwenda wa-i-echya [-] k’omola aye.
 Joana MS-comprar pão e CS-MO-dar Prep.filho(a) POSS
 “A Joana comprou pão e deu ao filho.”

Veja-se que com os verbos modais, “semiauxiliares”, e aspetuais a construção de ACN no Umbundu produz, a par do PE, frases marginais. Porém, a marginalidade que se verifica com os referidos verbos será, ao que nos parece, mais de natureza morfológica e semântica do que propriamente sintática. Primeiro, porque nem todos os verbos modais ocorrem no Umbundu, por isso são geralmente substituídos por outros predicados de sentido próximo. Segundo, a não existência, basicamente de verbos semiauxiliares propriamente ditos. Os exemplos em (48) ilustram essa situação.

- (48) a. ?Ol.ondonge ka-vi-enda-nda k’ohondo y’ovisonehwa pwāyi nda
 pl.aluno NEG-MS.3ªPL-ir-RV/RED Prep.sala Prep.estudo mas se
 va-chi-kuetela ekiciko [-].
 MS.3ªPL-PRON-ter obrigação
 “Os alunos não vão frequentemente à biblioteca, mas deviam.”

- b. ?Ol.ondonge ka-vi-enda-nda k'ohondo y'ovisonehwa pwāyi nda
 pl.aluno NEG-MS.3^aPL-ir-RV/RED Prep.sala Prep.estudo mas se
 va-*chi*-sukila
 MS.3^aPL-PRON-necessitar
 “Os alunos não vão frequentemente à biblioteca mas necessitam.”

A marginalidade que se verifica nas frases de (48a-b), como já foi assinalado é decorrente da ambiguidade causada pela presença do morfema “-*chi*-” na estrutura do verbo, pela impossibilidade de a construção ser interpretada como ACN. No Umbundu, o Objeto Nulo, como já foi salientado, pode ser substituído ou pelo morfema “-li-” ou “-i-”equivalentes aos clíticos “o” em PE, tal como se pode ver nos exemplos em (49).

- (49) a. Maliya w-ambata ekongamelã k'onjo Ana noke wa-*li*-nena [-] k'ohondo
 Maria MS-levar livro Prep.casa Ana depois MS-MO-trazer Prep.sala
 Y'ovisonehwa.
 Prep.estudo
 “A Maria levou o livro para casa e a Ana trouxe-o para à biblioteca depois.”
- b. João wa-landa a-kongamelã avali kwenda wa-*va*-tcha [-]
 João MS-comprar PL-livro dois e MS-MO-oferecer
 k'omala aye.
 Prep.criança/filho dele
 “O João comprou dois livros e ofereceu-os ao filho.”

Confrontando o Umbundu e o PE verifica-se que no Umbundu o Objeto Nulo não pode ocorrer sem a presença do marcador do objeto na estrutura interna do verbo, o que não se verifica no PE, uma vez que nesta língua não tem marcas de concordância de objeto como no Umbundu. Assim, no Umbundu a não realização do marcador do Objeto resulta em frases marginais, na medida em que só a MO legitima o Objeto Nulo, como se ilustra nos exemplos de (50).

- (50) a. ?Maliya w-ambata ekongamelã k'onjo Ana wa-nena [-] k'ohondo
 Maria MS-levar livro Prep.casa Ana MS-MO-trazer Prep.sala
 yo.visonehwa.
 Prep.estudo
 “A Maria levou o livro para casa e a Ana trouxe – para a biblioteca.”

- b. ?João wa-landa a-kongamelã a.vali kwenda wa-echya [-] k'omala
 João MS-comprar PL-livro PL.dois e MS-MO-oferecer Prep.criança/filho
 aye.
 dele
 “O João comprou dois livros e ofereceu ao filho.”

A marginalidade que se verifica nos exemplos de (50), decorre da ambiguidade ausência do marcador do Objeto, no sentido em que estas frases não podem ser interpretadas como construção prototípica de Objeto Nulo. A ausência do MO torna também as frases ambíguas. O exemplo (50a) pode ter duas interpretações. Primeira interpretação: “A Maria levou o livro para casa e a Ana trouxe o mesmo livro para a biblioteca”. Segunda interpretação: “A Maria levou o livro para casa e a Ana trouxe um livro que não é o mesmo do da Maria para a biblioteca.” Em (50b) igualmente se pode depreender duas interpretações. Primeira interpretação: “O João comprou dois livros e ofereceu-os à criança”. Segunda interpretação: “O João comprou dois livros e ofereceu alguma coisa e não os livros à criança”.

Em síntese, embora o Umbundu manifesta construções de ACN e de Objeto Nulo, estas diferem entre si em termos das suas propriedades. Assim, em ACN a alternância do constituinte frásico pelo clítico ou pelo pronome invariável origina frases agramaticais, no sentido em que a sua reanálise denota entidade e não proposição. Apesar disso, pode dizer-se que, tanto no PE como no Umbundu ocorrem construções de Elipse do SV, ACN, Despojamento e de Objeto Nulo.

4.4.2. Construção de Despojamento no Umbundu – expressão “vo” como único legitimador de Despojamento

Para além da elipse do SV, o Umbundu possui outras construções de elipse que afetam o predicado verbal, como se pode ver nos exemplos seguintes, em que surge Despojamento:

- (51) a. Marta o-landa-landa a-kongamelã alwa oloneke evi Maria leye vo [-].
 Marta MS-comprar-RV/RED PL-livros muitos dias esses Maria ela também
 “A Marta tem comprado muitos livros ultimamente e a Maria também.”
- b. João wa-sanga ekongamelã eli a-vanja-e Maria leye vo [-].
 João MS-encontrar livro que MS-procurar-VF Maria ela também

“O João encontrou o livro que procurava e a Maria também.”

De acordo com a literatura linguística do português (cf. Matos, 1992, 2003, 2013, 2017), a possibilidade de ocorrência da elipse do SV repousa na presença do verbo que seleciona o constituinte elíptico. Esta propriedade permite distinguir construções de Elipse do SV e de Despojamento, nos casos em que ambas têm escopo sobre o predicado verbal, uma vez que em Despojamento o verbo também é omitido.

No Umbundu porém, há ocorrência generalizada de Elipse do SV, visto que Despojamento, nessa língua, é legitimada apenas por um único constituinte “vo” equivalente a “também” no PE. Nessa língua não há casos de Despojamento legitimados pelos itens de polaridade negativa e positiva, *não*, *sim*, como no PE, respetivamente, pelo facto destes não possuírem autonomia relativamente ao verbo.

Tal faz antever que a distinção entre ambas construções (Elipse do SV vs. Despojamento) seja determinada por restrições morfológicas e/ou semânticas. Contraste-se os exemplos de (52) e (53).

(52) a. Omala v'ove va-ka-pitil-a n̄go ocipito tch'ocupwa k'ulima ko
criança PL.POSS MS.3^aPL-FUT-ir-VF só festa Prep.terminar Prep.ano no
Huambo nda ove vo w-anda [-].
Huambo se tu também MS-ir
“Os teus filhos só irão passar o fim do ano no Huambo se tu também fores.”

(53) a. Maria w-enda k'Ngola ulima wiya João leye vo [-].
Maria MS-ir prep.Angola ano próximo João ele também
“A Maria vai/irá à Angola no próximo ano e o João também.”

b. *Omola v'ove va-ka lapitil-a ocipito tch'ocupwa k'ulima
criança PL.POSS MS.3^aPL-FUT-IR-VF festa Prep.terminar Prep.ano
ko Huambo, ove ka
no Huambo tu NEG

“Os teus filhos irão passar o fim do ano no Huambo e tu não.”

c. *Carlos ka.echele ekandu l'ocupia kulongise pwai Edgar sio [-].
Carlos não.atribuir culpa prep.reprovação professor mas Edgar sim

Como se pode notar, as construções em (52) e (53a) ambas tem por escopo o predicado verbal. Apesar disso, como dissemos, no PE estas construções não são iguais uma vez que exibem propriedades distintas (cf. Matos, 1992, 2003, 2017), entre as quais o facto de o verbo ser elidido. Assim, a construção presente em (52) é ilustrativa de Elipse do SV e a de (53a) é ilustrativa de Despojamento. A agramaticalidade de (53b) decorre do facto de que o Umbundu não tem um marcador de negação autónomo, no sentido em que não ocorre como uma unidade lexical isolada como no PE ocorre sempre ligado a estrutura do verbo. E em (53c) a agramaticalidade decorre da presença na frase da expressão *sio*, equivalente a “sim” no PE. Embora a partícula “sio” seja atestada na gramática do Umbundu como advérbio de afirmação, é usada como item de polaridade negativa. Por esta razão, este constituinte não legitima Despojamento, originando a agramaticalidade de (53). Assim, a frase de (53c) não tem o seu correlato no PE como “O Carlos não atribuiu a culpa da reprovação ao professor, mas o Edgar sim.” Por isso, não é possível ocorrer no Umbundu construções de Despojamento com partículas de polaridade positiva e nem partículas de polaridade negativa. Se por um lado, a semântica da partícula de polaridade positiva condiciona essa construção, por outro lado, por a partícula de polaridade negativa deve ocorrer sempre como um morfema verbal, tipicamente, em posição pré-verbal (cf. Cap. II deste trabalho).

Como vimos para o PE, Despojamento é sensível a contextos de ilha. No Umbundu, de acordo com os dados, a semelhança do PE, Despojamento não pode ocorrer em domínios de ilha.

- (54) a. *Ame nda-landa ekongamelã eli, pwāyi ndi-kuete a.kamba
 1ªSG MS-comprar livro DEM e MS.1ªSG-ter pl.amigos
 okuti vo [-].
 que também
 “Eu comprei esse livro, e tenho amigos que também.”
- b. *Okuti João w-enda k’ochitanda chiwa, pwāyi okuti Maria leve vo [-] chivi.
 que João MS-ir Prep.mercado bom mas que Maria ela também mau
 “Que o João vá ao mercado é bom, mas que a Maria também é mau.”
- (55) *Tiago w-anda kepia la Ana etali Maria wa-salel-a emumu okuti
 Tiago MS-ir lavra com Ana hoje Maria MS-espalhar-VF boato que
 k’onembele vo [-].
 Prep.igreja também

“O Tiago foi à lavra com a Ana hoje e a Maria espalhou o boato de que a igreja também.”

- (56) a. *João ka.ndi k'ocikola etali Maria wa-pula elye oco [-].
João NEG.Ø-ir Prep.escola hoje Maria MS-perguntar quem sim
“O João não vai à escola hoje e a Maria perguntou quem sim.”
- b. *João w-enda k'ocikola etali Maria wa-pula elye vali vo [-]
João MS.ir Prep.escola hoje Maria MS-perguntar quem mais também
“O João vai à escola hoje e a Maria perguntou quem mais também.”
- (57) a. ?João wa-sanjuka nda Maria vo [-].
João MS-Adj.contente se Maria também
“O João está contente se a Maria também.”

Assim, a frase de (54a) ilustra a Restrição do SN Complexo em SNs em orações relativas, (54b) é ilustrativa de Restrição do Sujeito frásico, em (55) a frase ilustra contextos de Restrição do SN complexo em orações completivas de nome, em (56) o exemplo ilustra contextos de Restrição da ilha-Q, em (57) o exemplo ilustra Restrição da ilha adjunto.

Como se pode observar, os dados sugerem que em domínios-ilha de SN complexo em orações relativas, do Sujeito Frásico, ou da frase adjunto, no Umbundu, Despojamento não pode ocorrer.

Em síntese, como os dados sugerem, tanto no Umbundu como no PE Despojamento é sensível a ilhas. Porém, o Umbundu distingue-se do PE dado que nessa língua Despojamento só pode ser legitimado por um único constituinte, *vo* “também” ao passo que no PE Despojamento pode ser legitimado tanto por partículas de polaridade positiva, como por partículas de polaridade negativa.

4.5. Elipse do SV

4.5.1. Tratamentos Propostos na Literatura para o Inglês e o PE

No inglês, para dar conta de Elipse do SV várias propostas têm sido assumidas (cf. Zagana, 1988a, Lobeck, 1995, Johnson, 2001, Aelbrecht & Haegeman, 2012, entre outros).

Segundo os autores, nessa língua, a Elipse do SV é legitimada pelo Vaux, pelo “to” infinitivo e pelo verbo “to be” (cf. 58a, c).

(58) a. *John isn't leaving town but Mary is/will/has/did [-].*

b. **First fire began pouring out of the building, and then smoke began [-].*

(Lobeck, 1995:148)

c. *John is considering eating rutabagas and Holly definitely wants to [-].*

d. **Mag Wildwood wants to read Fred's story, and I also want [-].*

(Johnson, 2001)

A agramaticalidade em (58b) e (58d) mostra que os verbos principais no inglês, não legitimam a Elipse do SV.

Johnson (2001)⁴² apresenta uma proposta baseada na topicalização do constituinte omitido. O autor propõe uma análise por movimento da Elipse do SV, argumentando que as condições de licenciamento da Elipse do SV exibem paralelismos com as condições de licenciamento na cópia do SV topicalizado (do inglês *VP-Topicalization* (VPT)). Para o autor, a Elipse do SV é obtida através da topicalização do SV (VPT), (cf. Johnson, 2001). Veja-se o contraste entre (60) e (61).

(59) *Madame Spanella claimed that...*

a. *eat rutabagas, Holly wouldn't t.*

b. *eaten rutabagas, holly hasn't t.*

c. *eating rutabagas, Holly should be t.*

(60) *Madame Spanella claimed that...*

a. **would eat rutabagas, Holly t.*

b. **hasn't eaten rutabagas, Holly t.*

c. *?*eating rutabagas, holly started t.*

(Johnson, 2001:5)

Os argumentos do autor assentam no facto de que tanto a Elipse do SV como a Topicalização do SV em inglês, serão ambas legitimadas pelo Vaux e por “to” infinitivo, sendo que a ausência do Vaux ou de “to” infinitivo torna o VPT agramatical, como se ilustra em (61).

Lobeck (1987) afirma que a Elipse do SV no inglês, quando é legitimada por “to” infinitivo só pode ocorrer em frases complementos do verbo. Partindo dessa evidência, e,

⁴² Este artigo pode ser consultado em: http://people.umass.edu/kbj/homepage/Content/what_vpe_can_do.pdf

tendo por base os paralelismos que ambas as construções estabelecem, Johnson propõe que a sintaxe da Elipse do SV é parcialmente assimilada à sintaxe do VPT. Por isso, o autor sugere que para que um SV seja omitido deverá primeiro topicalizar. Na perspectiva do autor, os constituintes sem realização lexical, representativos da cópia do constituinte movido, dão a Elipse do SV uma análise paralela ao fenómeno *Topic Drop*⁴³ discutido entre outros por Huang (1984).

No entanto, a proposta do autor não reúne consenso. Aelbrecht & Haegeman (2012) contrapõem aos argumentos de Johnson (2001) que a topicalização não pode ser tida como caso de elipse, apesar de a topicalização do SV apresentar algumas propriedades semelhantes à Elipse do SV. As autoras mostram que os contextos sintáticos de licenciamento da Elipse do SV ou (VPE) são muito mais amplos do que os de licenciamento de Topicalização do SV (VPT). Segundo elas, a Elipse do SV e a Topicalização do SV distinguem-se, fundamentalmente pelo seguinte:

(i) A topicalização não pode ocorrer em domínios ilha, pelo contrário a Elipse do SV pode. Confronte-se os exemplos de (61) e (62).

(61) **[Elaborate the analysis on his own] he made [the claim that he did t].*

(62) a. *I knew that some students presented this article in my class but I couldn't recall [which of the students didn't Ø].*

b. *I know that some students presented this article in my class but I can't recall the students [who didn't Ø].*

(Aelbrecht & Haegeman, 2012)

Em (61), o exemplo é representativo de ilhas DP. A agramaticalidade que se verifica neste exemplo mostra que o VPT não pode ocorrer nesses domínios, por oposição às frases de (62), que instanciam Elipse de SV.

(ii) A VPT não pode ocorrer em contextos de orações adverbiais (cf. 63), pelo contrário a Elipse do SV pode (cf. 64).

(63) *Mary wanted to move to London*

a. *and [move to London] she did t.*

b. **and after [move to London] she did t, her life changed entirely.*

⁴³ Raposo (1986), restringindo a sua análise nos contextos de elipse em que a elipse é legitimada por um V principal, evidencia que em PE a Elipse do SV não é sensível a contextos de ilha. O autor mostra que esta não sensibilidade a domínios de ilhas é uma propriedade que distingue a Elipse do SV de Objecto Nulo, construção analisada pelo autor, como um caso de Topicalização, (cf. Raposo, 1986, ver também Duarte, 1987, Matos, 1992).

c. **Before [move to London] she did t, she was totally unmotivated.*

(64) *Mary wanted to move to London*

a. *and eventually she did \emptyset .*

b. *and after she did \emptyset , her life changed entirely.*

c. *Before she did \emptyset , she had been totally unmotivated.*

(Aelbrecht & Haegeman, 2012)

Com efeito, as autoras não excluem a possibilidade de existirem semelhanças entre ambas construções. Não obstante a isso, elas assumem que as diferenças entre os dois fenómenos são devidas ao facto de que, contrariamente a abordagem de Johnson (2001), a Elipse do SV não envolve movimento. Consequentemente, Elipse do SV não é restringido da mesma forma que VPT, que envolve movimento para a periferia esquerda. Por exemplo, os efeitos de intervenção que são relevantes para o componente de movimento da Topicalização de SV não serão relevantes para Elipse do SV (Aelbrecht & Haegeman, 2012).

Matos (1992) para o português, já mostrara igualmente que Elipse do SV e VPT são construções distintas. A autora assinala ainda que em todos estes contextos de legitimação, a Elipse do SV não é sensível a ilhas (cf. 65), contrariamente a Topicalização do SV que é sensível a ilhas (cf. 66), indicando que em PE, na Elipse do SV o constituinte elíptico envolve, para além da subida do verbo para um núcleo funcional frásico local ao SV elidido, constituintes basicamente gerados no SV elidido.

(65) a. O João não tem visitado os amigos ultimamente, mas a Maria conhece um rapaz que tem [-].

b. O João só teria visitado os amigos se a Maria também tivesse [-].

(66) a. **Visitado os amigos ultimamente, a Maria lamenta o facto de que só ela tenha [-].*

b. **Visitado os amigos ultimamente, que a Maria tem [-] é evidente.*

(cf. Matos, 1992:134-135)

Nesta perspetiva, Matos (1992, 2014) e Aelbrecht & Haegeman (2012) mostram que não é possível atribuir a origem da Elipse do SV a Topicalização do SV, na medida em que se poderia prever de forma errada que não seriam lícitos nos mesmos contextos. Deste modo, Matos mostra que a elipse é legitimada por um núcleo funcional frásico local, de natureza verbal, lexicalmente preenchido (cf. Matos, 1992, 2003, 2013, 2015).

Matos (1992, 2003) & Cyrino & Matos (2005) mostram, na sequência do trabalho de Raposo (1986) que no PE a Elipse do SV é distinta do Objeto Nulo que foi tratado em Huang (1984), para o Chinês e por Raposo (1986), para o PE, como um caso de *Topic Drop*, i.e., envolvendo topicalização de um complemento nulo do verbo.

Cyrino & Matos (2005) assumem que a legitimação do constituinte elíptico em Elipse do SV ocorre quando um elemento com traços-v lexicalmente realizado ocupa o núcleo funcional que é combinado com o vP elíptico e o c-comanda localmente.

Tal como já foi referido, os trabalhos de Cyrino & Matos (2005) e de Aelbrecht & Haegeman (2012), Matos (2015) apresentam pontos de convergências claros. Não obstante as autoras mostrarem que tanto a Elipse do SV (VPE) como a Topicalização do Sintagma Verbal (VPT) são ambas legitimadas por um núcleo verbal, elas assumem que Elipse do SV não é uma construção de movimento.

4.5.2. Elipse do SV vs. Objeto Nulo nas LB

Poucos são os estudos realizados no âmbito da elipse, nas LB. É, no entanto, o caso dos trabalhos de Ngonyani (1996a, 1996b, 1998, 2001), Ngonyani & Githinji (2006), Goldeberg (2005), Funakoshi (2014). A ausência de trabalhos vastos virados para as LB, em geral e para o Umbundu em particular, torna a tarefa de descrever as construções de elipse bastante complexa. Apesar disso, os autores aqui referidos trazem ao debate alguns contributos, embora não permitam fazer grandes observações.

Algumas LB, como p.e., Ndendeule, Swahili, Kikuyu e Chingoni (cf. Ngonyani, 1996a, 1996b, 1998, 2001, Goldberg, 2005 e Funakoshi, 2014) manifestam Elipse do SV e de Objeto Nulo. Tanto Goldberg, como Funakoshi admitem a ausência de dados abundantes para às referidas línguas, o que faz com que os resultados apresentados não sejam suficientemente elucidativos, i.e., não permitem fazer observações fortes no domínio da elipse. Adicionalmente, os dados apresentados não mostram a existência de ACN e de Despojamento, nomeadamente nas línguas estudadas, como o Swahili, o Chingoni, Ndendeule e Kikuyu. No entanto, os dados que fornecemos neste estudo mostram que o Umbundu possui as referidas construções de elipse.

Na esteira do trabalho de Ngonyani (1996a, 1996b, 1998), Goldberg (2005) parte do pressuposto de que sendo a Elipse do SV uma estratégia disponível em línguas com subida do verbo e, por se considerar que as LB manifestam esta característica (subida do verbo), podem

exibir Elipse do SV. A autora afirma que tendo em conta que as LB são ricas em morfologia flexional, e por se verificar ausência do Vaux, nessas línguas, a Elipse do SV é legitimada pelo Vprincipal, no sentido em que o Vprincipal suporta toda morfologia flexional, Goldberg (2005:42). Veja-se alguns casos do Swahili e Ndendeule:

Swahili:

- (67) a. A: Mariamu a-li-nunu-a nyumba?
 Mariamu MS-PRET-comprar-VF casa
 “O Mariamu comprou uma casa?”
 B: Ndiyo, a-li-nunu-a.
 sim MS-PRET-comprar-VF
 “Sim, (3ªSG) comprou (uma casa).” (Ngonyani, 1998)
- b. Juma a-li-beb-a mtoto na Kumau a-li-beb-a [-]
 Juma MS-PRET-trazer-VF criança e Kamau MS-PRET-trazer-VF
 pia.
 também
 “A Juma trouxe uma criança, e Kamau também trouxe (uma criança).”
 (Ngonyani, 1996a)

Ndendeule:

- (68) a. Joni a-ki-hemé nyumba na Malia a-ki-hemé [-]
 João MS-PRET-v.comprar casa e Maria MS-PRET-comprar
 helahe.
 também
 “O João comprou uma casa, e a Maria também comprou (uma casa).”
 (Ngonyani, 1996a)

Embora se admita a ocorrência de Elipse do SV, os dados não são à primeira vista muito esclarecedores. Em (67a) e em (68) omite-se o constituinte *nyumba* “casa”, e em (67b) omite-se o constituinte *mtoto* “criança”. Dado que os verbos *alinunua*, *akihemé*, *alibeba* “comprar” e “trazer”, em Swahili e Ndendeule, respetivamente, são verbos transitivos, tipicamente, seria de esperar que os constituintes omitidos fossem interpretados como Objeto Nulo e não como Elipse do SV.

A Elipse do SV pressupõe subida do V para uma posição funcional local (cf. Matos, 1992, 2003, 2013). Em línguas como o PE, p.e., em que há sempre subida do V para projeções

funcionais frásicas só conseguimos distinguir a Elipse do SV quando mais algum material basicamente gerado foi elidido. Assim, se tivermos um verbo intransitivo, p.e., sozinho, não temos Elipse do SV, e se tivermos um verbo transitivo com objeto direto omitido, ocorrer uma marca de objeto podemos ficar na dúvida se estamos perante uma elipse ou se estamos perante um caso de Objeto Nulo.

Note-se que, no Umbundu, p.e., como o Objeto Nulo implica, tipicamente, marca de objeto, esta ambiguidade não se verifica.

Do mesmo modo, Ngonyani (1996a, 1996b, Goldberg, 2005) mostram que as LB (cf. Swahili e Ndendeule) manifestam omissão de Objeto, nessas línguas a omissão do Objeto está sujeita à presença obrigatória, na estrutura do verbo, do MO (cf. (69b) e (70b)), sendo que a sua ausência resulta em frases agramaticais (cf. (69c) e (70c)).

- (69) a. Kamau a-li-m-beb-a mtoto.
 Kamau MS-PRET-MO-trazer-VF criança
 “O Kamau trouxe a criança.”
- b. Kamau a-li-m-beb-a.
 Kamau MS-PRET-MO-v.trazer-VF
 “O Kamau trouxe (a criança).”
- c. *Kamau a-li-beb-a.
 Kamau MS-PRET-trazer-VF
 “O Kamau trouxe (a criança).”
- (70) a. βa-ki-n-damukí hokolo.
 MS.3^aPL-PRET-MO-cumprimentar avô
 “(Eles) cumprimentaram o avô.”
- b. βa-ki-n-damukí. [pro]
 MS.3^aPL-PRET-MO-cumprimentar
 “(Eles) cumprimentaram-no.”
- c. *βa-ki-lamukí.
 MS.3^aPL-PRET-cumprimentar
 “(Eles) cumprimentaram-me.”

(cf. Ngonyani, 1996a:86-87 e Goldberg, 2005:55-56)

Assim, os exemplos em (67) e (68) devem ser interpretados como casos de Elipse do SV.

Funakoshi (2014) com base em trabalhos de Ngonyani (1996), Ngonyani & Githinji (2006), para línguas como Kikuyu, Chingoni, Ndendeule e Swahili faz a generalização de que as LB exibem construções de Objeto Nulo e de Elipse do SV, como se ilustra nos seguintes exemplos (72):

(71) (Chingoni)

a. Juma i-gul-a nyumba na Amina i-gul-a mewa [-].

Juma PROG-comprar-VF casa e Amina PROG-comprar-VF também

“A Juma está a comparar uma casa e a Amina também está a comprar.”

(Kikuyu)

b. Juma ni-a-ra-gur-a nyumba ona Amina ni-a-ra-gur-a [-].

Juma Foc-MS- PROG-comprar-VF casa e a Amina Foc-MS-PROG-comprar-VF

“A Juma está a comparar uma casa e a Amina também está a comprar.”

(Ndendeule)

c. Joni a-ki-hemé nyumba na Malia a-ki-hemé helahe [-].

Joni MS-PRET-comprar casa e Malia MS-PAS-comprar também

“O Joni comprou uma casa e a Maria também comprou.”

(Swahili)

d. Juma a-li-beb-a m-toto, na Kumau a-li-beb-a pia [-].

Juma MS-PRET-leva-FV criança e Kamau MS-PRET-leva-VF também

“A Juma levou uma criança, e o Kamau também levou.”

(cf. Ngonyani, 1996, Ngonyani & Githinji, 2006)

Contrariamente a Goldberg (2005), Funakoshi aproxima a Elipse do VP (vP/VP) do Objeto Nulo, no sentido em que o autor trata ambas as construções como um caso de movimento do VP. Atentando na proposta do autor fica-se com a ideia de que tanto a Elipse do VP como Objeto Nulo apresentam as mesmas propriedades, o que não se verifica em PE nem em Umbundu que são construções distintas, apesar de haver casos ambíguos em PE (que não tem marcas de objeto), como foi assinalado acima. O autor considera mesmo que tal

proposta já tinha sido assumida em Ngonyani (1996a, 1996b) e em Ngonyani & Githinji (2006). Segundo o autor, Ngonyani afirma que o Objeto Nulo é derivado por Elipse de vP/VP sem núcleo (Funakoshi, 2014:256).

Porém, Ngonyani (1996a, 1996b, 1998) Ngonyani & Githinji (2006) afastam-se de Funakoshi (2014) uma vez que consideram que o movimento do verbo para I é necessário para a elipse de VP nas linguas Bantu estudadas, e distinguem elipse do VP de Objeto Nulo. Baseando-se nas marcas de acordo do objeto, estes autores consideram que nas LB quando não há um antecedente linguístico evidente, o Objeto Nulo requer acordo de objeto obrigatório na estrutura interna do verbo, (Ngonyani, 1996a:86, Ngonyani & Githinji, 2006), como se ilustra nos exemplos seguintes:

(72) (Chingoni)

a. Va-geni va-u-gul-i mgunda.

PL-convidado MS.3^aPL-MO-comprar-PERF fazenda

“Os convidados compraram a fazenda.”

b. Va-geni va-u-guli.

PL-convidado MS.3^aPL-MO-comprar-PERF

“Os convidados compraram-na.”

c. *Va-geni va-gul-i.

PL-convidado MS.3^aPL-comprar-PERF

(73) (Kikuyu)

a. Kamau ne-a-ku-ire mwana.

Kamau FOC-MS.1^aSG-levar-PERF criança

“A Kamau levou uma criança.”

b. Kamau ne-a-mo-ku:-ire.

Kamau FOC-MS.1^aSG-MO-levar-PERF

“A Kamau levou-na.”

c. *Kamau ne-a-ku-ire.

Kamau FOC-MS.1^aSG-levar-PERF

(cf. Ngonyani & Githinji, 2006)

(74) (Ndendeule)

a. βa-ki-n-damukí hokolo.

MS.3^aPL-PAS-MO-cumprimentar avô

“Eles cumprimentaram o avô.”

b. ßa-ki-n-amukí. [pro]

MS.3^aPL -PAS-MO-cumprimentar

“Eles cumprimentaram-lhes.”

c. *ßa-ki-amukí.

MS.3^aPL -PAS-cumprimentar

(75) (Swahili)

a. Kamau a-li-m-beb-a m-toto.

Kamau MS.3^aSG-PAS-MO-levar-FV criança

“A Kamau levou a criança.”

b. Kamau a-li-m-beb-a.

Kamau MS.3^aSG -PAS-MO-levar-FV

“A Kamau levou-a.”

c. *Kamau a-li-beb-a.

Kamau MS.1ps-PAS-levar-FV

(cf. Ngonyani, 1996a)

No entanto, apesar de nas LB, tipicamente, o Objeto Nulo não poder ocorrer sem a presença do MO, existem línguas em que mesmo quando ocorre na frase um objeto visível ou lexicalmente realizado, este pode requerer a presença do MO a co-ocorrer com o objeto lexical. É, nomeadamente, o que acontece em Chingoni, Ndendeule, Swahili, (ver também cap. II deste trabalho para o Umbundu); exceptua-se o Kikuyu, em que o MO não pode co-ocorrer com o objeto lexicalmente realizado. Neste sentido, Funakoshi (2014), observando os dados de Ngonyani considera que este Objeto Nulo só pode ser caracterizado como um *pro*, pelo facto de não haver antecedente linguístico evidente, o que indica que nessas línguas um objeto *pro* requer um marcador de Objeto, Funakoshi (2014:257).

Corroborando os autores, os dados são muito limitados, só um conjunto de dados mais robustos será capaz de elucidar a totalidade dessas construções nessas línguas. Com efeito, apesar das limitações dos dados, pode dizer-se que as LB em geral, e o Umbundu, em particular, manifestam Elipse do SV e Objeto Nulo.

Tendo em conta as propostas apresentadas para o Inglês, o PE e para as LB, no presente trabalho descartamos a proposta de Funakoshi dado ao facto de que o Umbundu se comporta como o PE, por isso adotamos fundamentalmente a proposta de Matos (1992, 2003, 2013, 2017, Cyrino & Matos, 2005, 2016, para o PE) e as propostas de Ngonyani (1996a, 1996b, 1998), Ngonyani & Githinji (2006) e Goldberg (2005), para as línguas Bantu e de Aelbrecht & Haegeman (2012), para o Inglês.

4.6. Elipse do SV no Umbundu – distribuição e legitimação

4.6.1. Distribuição da Elipse do SV no Umbundu

Como vimos, no PE, a construção de Elipse do SV apresenta uma distribuição que se assemelha ao Inglês, i.e., tanto no PE como no Inglês esta construção pode ocorrer em frases coordenadas e em frases subordinadas. Atente-se nos seguintes exemplos do Umbundu:

(76) a. João wa-ling-a oseteko yo Matemática kwenda Carlos leye vo

João MS-fazer-VF exame de Matemática e Carlos ele também
wa-ling-a [-].

MS-fazer-VF

“O João fez o exame de Matemática e o Carlos também fez o exame de
Matemática.”

b. Mateus wa-popia ati wa-mbat-el-e omola kosikola Maria ati leye
Mateus MS-dizer-VF que MS-levar-APL-VF criança escola Maria que ela
vo wa-mbat-el-e [-].

também MS-levar-APL-VF

“O Mateus disse que tinha levado a criança à escola e a Maria disse que
também tinha levado.”

(77) A - Ene wa-tali helã lyapita obunge?

vocês MS-ver/assistir ontem jogo

“Vocês assistiram ontem ao jogo?”

B - Etu ka-twatal-el-e pwayi João wa-tala [-].

Nós NEG-ver/assistir-APL-VF mas João MS-ver/assitir

“Nós não assistimos, mas o João assistiu ~~ontem ao jogo.~~”

Os dados mostram que no Umbundu a semelhança do PE e do inglês, a Elipse do SV pode, ocorrer em todos os domínios frásicos, apesar de se admitir a existência de restrições de ocorrência em alguns contextos, como se ilustra em (78). Assim, em (76a) exemplifica-se uma construção coordenada, em (76b) ilustra-se um contexto de subordinação e, em (77) exemplifica-se contexto de diálogo.

Tipicamente as frases subordinadas adverbiais, coordenadas e as de contextos de perguntas e respostas constituem os domínios de ocorrência da Elipse do SV (cf. Matos, 1992, 2003, 2013). No entanto, essa situação parece à primeira vista, não se verificar no Umbundu, na medida em que nessa língua, a construção da Elipse do SV ocorre com restrições em certos domínios. Confronte-se (78) com (79):

(78) a. *Nda ove wa-longek-el-e onjo, eye ka-longek-el-e [-].
 Se 2ªSG MS-arrumar-APL-VF casa ele NEG-arrumar-APL-VF
 “Se tu arrumasses a casa, ele não arrumaria.”

b. *Nda ove wa-ling-il-e okulia, eye ka-ling-il-e [-].
 se 2ªSG MS-fazer-APL-VF comida ele NEG-fazer-APL-VF
 “Se tu fizesses a comida ele não faria.”

(79) a. Nda ove wa-longek-el-e onjo, eye nda ka-longek-el-e [-].
 Se 2ªSG MS-arrumar-APL-VF casa ele se NEG-arrumar-APL-VF
 “Se tu tivesses arrumado a casa, ele não arrumaria.”

b. Nda ove wa-ling-il-e okulia, eye nda ka-ling-il-e [-].
 se 2ªSG MS-fazer-APL-VF comida ele se NEG-fazer-APL-VF
 “Se tu tivesses feito a comida ele não faria.”

A explicação possível para as frases em (78) é de que a agramaticalidade nestas frases decorre da ausência da partícula *nda* equivalente a “se” com valor condicional, no PE, na frase legitimadora da elipse. Ou seja, no Umbundu, nestas construções, para que a frase seja reinterpretada como uma construção elíptica requer a presença da partícula *nda* no segundo membro, no sentido em que a partícula *nda* quando ocorre apenas no primeiro membro não tem escopo sobre toda frase, como tal requer que este constituinte ocorra também no segundo membro.

4.6.2. Legitimação de Elipse do SV no Umbundu

O termo Elipse do SV, como já vimos, designa o fenómeno de elipse que afeta o SV, uma categoria sintática constituída pelo verbo, pelos seus complementos e, opcionalmente pelos seus adjuntos. Em português, como vimos, a elipse pode ser legitimada pelo Vprincipal e pelo Vaux. No Inglês, esta categoria sintática só pode ser legitimada pelo Vaux ou pelo “to” infinitivo.

No presente estudo, assumiremos que, apesar das diferenças morfológicas entre ambas línguas, Umbundu e Português, respetivamente, apresentam semelhanças relativas à Elipse do SV.

Como vimos, Goldeberg (2005) assume que devido a ausência do Vaux nas LB, o Vprincipal suporta toda morfologia flexional e, nestas línguas, a Elipse do SV é legitimada pelo Vprincipal (cf. secção 4.2).

Importa referir que apesar das semelhanças morfológicas que as LB apresentam entre si, não se pode assumir que todas línguas do grupo Bantu apresentam as mesmas características do ponto de vista sintático, como se pode ver nas frases (80), (81) e (82), no Umbundu. Estes exemplos parecem contradizer as generalizações de Goldberg, uma vez que em (83) há de facto a realização lexical do Vaux no Umbundu.

Assim, em (80) e (81) apresentam-se contextos de Elipse do SV, em que a elipse é legitimada pelo Vprincipal, pelo contrário em (82) a elipse é legitimada pelo Vaux (*okukala*) “estar”:

- (80) a. Maria wa-echy-a ekandu l’okupia k’ulongisi Joana leye
Maria MS-dar -VF culpa Prep.reprovar Prep.professor Joana com.ela
vo wa-echy-a [-].
também MS-dar -VF
“A Maria atribuiu a culpa da reprovação ao professor e a Joana também atribuiu.”
- b. João wa-sanğa ekongamelã eli⁴⁴ avanjale Maria leye vo wa-sanğa [-].
João MS-encontrar livro esse procurar Maria ela também MS-encontrar
“O João encontrou o livro que procurava e a Maria também encontrou.”
- (81) a. Maria wa-soneh-el-a ukanda w’ochisola k’ukwachisola chaye Ana

⁴⁴ A expressão “eli” no Umbundu é equivalente aos pronomes demonstrativos *esse este*, em português. No entanto, nesta construção parece estar a desempenhar a função de “que”, já que este geralmente não tem realização lexical em português.

Maria MS-escrever-APL-VF carta Prep.amor Prep.namorado dela Ana
leye vo wa-sonéh-el-a [-].

ela também MS-escrever-APL-VF

“A Maria escreveu uma carta de amor ao namorado e a Ana também escreveu.”

b. Tate wa-nen-el-a ombanjale y'onjivaluko yeteke ku ina
pai MS-vtrazer-APL-VF oferta Prep.lembrança dia a mãe
omolã leye vo wa-nen-el-a [-].

criança/filho ele também MS-trazer-APL-VF

“O pai trouxe um presente de aniversário à mãe e o filho também trouxe.”

(82) a. Maria o-kasi l'ókulinga upange likalye Joana ka-kasi [-].

Maria MS-AUX Prep.fazer trabalho sozinha Joana NEG-estar

“A Maria está a fazer o trabalho sozinha e a Joana não está [-].

b. Luís o-kasi l'oku-tangel-a ekongamelã k'omala Maria ka-kasi [-].

Luís MS-AUX Prep.ler livro Prep.criança Maria NEG-estar

“O Luís está a ler o livro à criança e a Maria não está.”

Recorde-se que numa língua com morfologia verbal rica como o Umbundu, a ausência lexical do Vaux⁴⁵, não impede que as frases sejam interpretadas numa língua com morfologia verbal mais pobre, como o PE, como se o verbo auxiliar ocorresse, como se verifica em (83):

(83) a. Maria wa-ech-el-e ekandu l'okupia k'ulongisi Joana

Maria MS-dar-APL-VF culpa Prep.reprovar Prep.professor Joana

leye vo wa-ech-el-e [-].

3ªSG também MS-dar-APL-VF

“A Maria tinha atribuído a culpa da reprovação ao professor e a Joana também tinha.”

⁴⁵ Usamos aqui a expressão “ausência lexical do verbo auxiliar”, por acharmos que, se por um lado, há de facto ausência do Vaux, por outro lado, a presença, na estrutura do verbo, do morfema aplicativo para além de ter a função típica de ampliar a valência do verbo (verbo transitivo para verbo transitivo), (cf. Bresnan & Mochi, 1990, Nurse & Phillipson, 2003, Nurse, 2008, Cumbane, 2008, entre outros), como foi discutido no capítulo II, também transporta propriedades de Vaux. Apesar de a inserção do APL na estrutura do V ser uma das características das LB, com efeito, o seu papel gramatical parece não reunir consenso, na medida em que é analisado por alguns teóricos como uma preposição, (cf. Cumbane, 2008:228). Segundo o autor, em Xitshwa as construções que envolve um APL nem sempre se verifica esse reforço a valência do V, tendo em conta que a sua ocorrência não é obrigatória, sobretudo para efeito de licenciamento de um segundo DP.

b. Maria wa-ech-el-e ekandu l'okupia k'ulongisi Ana.

Maria MS-dar-APL-VF culpa Prep.reprovação Prep.professor Ana

ka-echel-e [-]

NEG-dar-VF

“A Maria tinha atribuído a culpa da reprovação ao professor e a Joana não tinha.”

c. Marta o-landa-landa a-kongamelã alwa oloneke evi Maria leye

Marta MS-comprar-RV/RED pl-livros muitos dias esses Maria ela

vo o-landa-landa [-].

também MS-comprar-RV/RED

“A Marta tem comprado muitos livros ultimamente e a Maria também tem.”

Os dados mostram que no Umbundu a Elipse do SV pode ser legitimada, tanto pelo Vprincipal (cf. (80), (81)), como pelo Vaux (cf. 82). Refira-se que a legitimação da Elipse do SV pelo Vaux só é possível com o verbo *okukala* “estar”, no presente e no pretérito imperfeito do indicativo e pelo verbo *Okwenda* “ir”, em alguns contextos. A ausência (do Vaux) que se verifica no Umbundu (cf. 83) pode manifestar-se na ausência, de tempos verbais compostos. Essa ausência é compensada, por um lado, pela presença do morfema APL na estrutura do verbo, portanto, pela morfologia (cf. 83a-b), por outro lado, pela estratégia de reduplicação da raiz verbal (RV) (cf. 83c) que as LB adoptam.

Neste sentido, as generalizações de Goldeberg (2005), quanto a nós, não parecem, captar integralmente as estratégias de legitimação da Elipse do SV no Umbundu, já que nesta língua nem sempre o Vaux está ausente.

Em síntese, pode dizer-se que no Umbundu a Elipse do SV pode ser legitimada pelo Vprincipal e pelo Vaux.

4.7. Notas finais

Neste capítulo, procuramos compreender a noção de elipse e identificar diferentes tipos de elipse que podem ocorrer numa língua. Debruçamo-nos, fundamentalmente, sobre as características e propriedades da Elipse do SV, ACN e do Objeto Nulo, buscando pontos de convergência e/ou divergência entre o Umbundu e o PE.

Como vimos, o PE apresenta algumas características que o aproximam e outras que o afastam do Inglês, com particular realce às características da Elipse do SV. Enquanto no Inglês a elipse é legitimada pelo Vaux e por “*to*” infinitivo, no PE a elipse pode ser legitimada por Vprincipal, Vaux e semiauxiliares (cf. Matos, 1992, 2003, 2013).

Relativamente às construções de Objeto Nulo e de ACN, o PE admite mais generalizadamente complementos nulos, em particular, Objeto Nulo do que o Inglês (cf. Matos, 2003, Cyrino & Matos, 2006, 2016). Enquanto na ACN o constituinte omitido denota uma proposição, em Objeto Nulo o constituinte omitido denota uma entidade. Nestes contextos, o constituinte omitido pode ser substituído por um pronome invariável “*-isso*” ou por um clítico “*-o*”.

Os dados do Umbundu mostram que essa língua dispõe de Elipse do SV, ACN, Objeto Nulo e Despojamento. Com efeito, apresenta diferenças aparentes em relação ao PE. Nessa língua, a Elipse do SV é legitimada pelo Vprincipal e parcialmente pelo Vaux. Enquanto no PE a elipse ocorre em todos os domínios frásicos, no Umbundu a elipse ocorre preferencialmente nas estruturas coordenadas e de discurso dialógico e ocorre com limitações em domínios de subordinação. Embora o Umbundu manifeste construções de ACN e de Objeto Nulo, no entanto, estas diferem entre si em termos de suas propriedades, tal como sucede no PE. No Umbundu, na ACN a alternância do constituinte frásico pelo clítico ou pelo pronome invariável origina frases agramaticais, no sentido em que não podem ser reanalisadas como ACN, mas sim como Objeto Nulo.

Tal como no PE Despojamento no Umbundu é sensível a contexto ilha. Os dados mostram igualmente que tanto no Umbundu como no PE, a Elipse do SV e Despojamento requerem antecedentes linguísticos. Contudo, admite-se que no Umbundu em particular, e nas LB em geral, o Objeto Nulo não pode ocorrer sem a presença do MO. Note-se que o facto de em línguas, como p.e., Swahili, Ndendeule, e Chingoni, bem como o Umbundu, admitem a co-ocorrência do MO e do objeto lexicalmente realizado sugere que, tal como a marca de concordância MS, MO não deve ser interpretado como um pronome, mas sim como um afixo.

Capítulo – V: Conclusões

Ao terminar o presente estudo, torna-se indispensável relembrar o objeto de estudo que regeu o presente trabalho. Como foi assinalado no texto, o presente estudo tem como foco *a omissão de constituintes pós-verbais no Umbundu, LB, em comparação com o PE*. O presente estudo foi desenvolvido no âmbito da Gramática Generativa atual tendo como questões centrais a determinação da existência ou não da elipse do predicado verbal e de constituintes omitidos pós-verbais no Umbundu, nomeadamente Elipse do SV, Despojamento, ACN e Objeto Nulo; a determinação das condições gerais da sua legitimação; a determinação das propriedades que os referidos constituintes apresentam nessa língua, bem como a determinação das propriedades que os distinguem do PE.

No capítulo I fundamentou-se a questão das línguas em Angola. Tendo em conta a característica (multilíngue) que o país apresenta, e considerando a estrutura do presente estudo, optou-se inicialmente por se fazer uma contextualização sociolinguística do país, considerando, essencialmente, as zonas de difusão das principais LN faladas no território angolano.

Fez-se notar que em Angola, as línguas se classificam segundo, Língua Oficial (LO) (o português) e Línguas Nacionais (LN) (línguas do grupo Bantu). Como é sabido, as línguas constituem o património cultural de um povo, e, as LB igualmente constituem o património étnico-cultural dos países africanos e do povo angolano, em particular. Infelizmente, em virtude dos contornos históricos da colonização, as LN ficaram relegadas ao convívio familiar e religioso, papéis tidos como secundários. E por via disso, o português, gozando do estatuto de ser a LO, ser o principal veículo de comunicação, da administração do estado, da educação, do comércio e da socialização, etc., continua a ser a língua mais falada, representando cerca de 73% da população falante, sendo que cerca de 63,9% da população é falante de LN, e deste número cerca de 23% é falante do Umbundu. É nossa convicção que tal como o português as LN precisam de ter um lugar merecido, tendo em conta a sua importância socio-cultural. Por isso, achamos que são necessários da parte do governo mais esforços, mais políticas linguísticas concretas que passam pela formação de quadros com vista a efetiva valorização, divulgação e ensino das LN, e mais investimentos na investigação, dessas línguas para permitir a produção de mais material didático. Gostávamos desde já de apelar as autoridades competentes no sentido de se pensar no futuro na atribuição às LN o estatuto de línguas Oficiais.

Sobre os aspetos morfológicos gerais e verbais, abordados no Cap. II, verificou-se que tanto os nomes como os verbos apresentam uma base precedida de um ou mais morfemas ligados (cf. Ngunga, 2004, Andrade, 2007), apesar de os verbos apresentarem uma estrutura mais complexa do que os nomes, na medida em que nos verbos cada morfema desempenha uma função sintática específica. Quanto aos verbos, verificou-se que, diferentemente do PE, em que os verbos são agrupados em e três conjugações, os dados do Umbundu mostraram que nessa língua, a classificação de verbos da primeira, segunda e terceira conjugação não se aplica, na medida em que os verbos apresentam a mesma VT [a], tanto nas formas marcadas como nas não marcadas. Em termos da flexão verbal, verificou-se que no Umbundu à semelhança da maioria das LB a flexão verbal é realizada na posição pré-verbal, contrariamente ao que sucede no PE. Em termos das propriedades verbais, considerando os aspetos observados constatou-se que os Vprincipais nas LB em geral, e no Umbundu em particular, são fortemente influenciados pelas Extensões verbais que a ele se podem associar.

No capítulo III, debruçamo-nos fundamentalmente sobre a sintaxe das LB e do Umbundu. Analisamos as propriedades dos verbos principais e auxiliares, e o comportamento dos advérbios ou expressões com valor adverbial, que permitiram determinar a existência de movimento do verbo para a flexão. Os dados analisados mostram que no Umbundu a ordem SVO constitui a ordem não marcada, embora se admita a possibilidade de ocorrência de outras ordens. Relativamente aos Vprincipais, os dados mostram que diferentemente do PE, em que os verbos se organizam tendo em conta o quadro de regência, nas LB e no Umbundu, em particular, essa regra parece que não se verifica, na medida em que nessa língua os verbos dispõem de um conjunto de extensões verbais que se adicionam a RV. Neste sentido, tanto os verbos de um argumento como os de dois argumentos podem ser modificados na sua estrutura pela presença de um morfema de extensão.

Quanto a categoria Vaux, percebe-se que tendo em conta a complexidade com que se analisam essas estruturas, parece evidente que não existem verbos auxiliares propriamente ditos mas sim morfemas que afetam a estrutura morfológica do verbo, excepto nos contextos em que podem ocorrer os verbos *Okukala* e *Okuenda* “estar e ir”, respetivamente. Por isso, achamos que o que existe são apenas generalizações relativamente a categoria AUX. Corroborando Raposo (2013), pensamos, igualmente que, só um inventário poderia dar conta dos verdadeiros verbos auxiliares e perceber que critérios de auxiliaridade que o Umbundu adota e verificar que morfema carrega essa informação, nos contextos em que esta categoria de verbo (Vaux) ocorre como um morfema na estrutura do verbo.

Salientou-se ainda que os advérbios modificadores de frase e os ADV modificadores de predicado apresentam um comportamento semelhante ao PE. Ou seja, no Umbundu, os primeiros modificam a frase e podem ocorrer em qualquer posição na frase, e os segundos modificam o predicado e apenas ocorrem em posição pós-verbal, i.e., ou em adjunção à direita do verbo ou à esquerda do verbo, tal como sucede no PE.

Os dados observados permitiram-nos verificar que no Umbundu, não existem verdadeiros advérbios de modo. Para satisfazer a ausência destas palavras o Umbundu recorre a palavras autónomas, i.e., preposições, adjetivos, intensificadores e/ou nomes para desempenhar na frase a função de advérbio.

Tendo em conta as categorias lexicais e funcionais, com base nos dados do Umbundu, parece-nos que a proposta de Stowell (1981) permite representar adequadamente a estrutura simplificada de frase nesse língua.

Levando-se em conta os aspetos observados no capítulo II e III, conclui-se que tendo em conta a importância da morfologia na sintaxe nas LB, e no Umbundu, em particular, não se pode conceber um estudo puramente sintático se não se tiver em conta a morfologia e a sua interação com a sintaxe.

No capítulo 4, fez-se a caracterização e a descrição das construções, tais como: Elipse do SV, ACN, Despojamento e Objeto Nulo. Na caracterização apresentada procurou-se essencialmente distingui-las umas das outras, tendo por base as propriedades que cada uma exhibe. Assim, os dados do Umbundu mostraram que as construções em referência apresentam diferenças aparentes em relação ao PE. Nesta língua, a Elipse do SV é legitimada pelo Vprincipal e parcialmente pelo Vaux, ao passo que no PE a Elipse do SV pode ser sistematicamente legitimada por Vprincipal ou por Vaux. Enquanto no PE a elipse ocorre em todos os domínios frásicos, no Umbundu a elipse ocorre preferencialmente nas frases coordenadas e de discurso dialógico e, ocorre com limitações em domínios de subordinação.

Verificou-se igualmente que as construções de ACN e de Objeto Nulo diferem entre si em termos de suas propriedades, tal como sucede no PE. Assim, no Umbundu, na construção da ACN a alternância do constituinte frásico omitido pelo clítico ou pelo pronome invariável origina frases agramaticais, no sentido em que o constituinte omitido não pode ser reanalisado como ACN, mas sim como Objeto Nulo.

Sobre a construção de Objeto Nulo, os dados mostraram que na construção de Objeto Nulo, o constituinte omitido não pode ocorrer sem a presença do MO. A par disso, verificou-

se igualmente que algumas línguas admitem a co-ocorrência do MO e do objeto lexicalmente realizado.

Quanto a construção de Despojamento no Umbundu, distingue-se do PE pelo facto de esta construção ser legitimada apenas por um único constituinte (vo) “*também*”, na medida em que nesta língua não existem partículas de polaridade negativas autónomas, por um lado, e, por outro lado, por as partículas de polaridade positiva serem condicionadas pela semântica, o que mostra que no Umbundu ocorre generalizadamente a Elipse do SV. Verificou-se também que tanto no Umbundu como no PE a Elipse do SV e Despojamento requerem antecedentes linguísticos.

No Umbundu, à semelhança do PE, Despojamento não pode ocorrer em domínios ilha.

Finalmente, gostávamos de assinalar que como toda investigação linguística não se esgota, muitas vezes se torna evidente que determinadas análises precisam de ser revistas não são aplicáveis a determinadas línguas ou estão equivocadas. O que é importante referir é que a descrição aqui apresentada serve como hipóteses que se podem ter em conta para um conjunto de diagnósticos de Elipse do SV nas LB em geral e, no Umbundu em particular. Todavia, queremos, desde já admitir que os dados e/ou análises aqui apresentados/as poderão, em trabalhos futuros realizados por nós, ou por outros linguistas que se interessem pela sintaxe do Umbundu, ser revistos com um perfil linguístico mais preciso que dê conta da emergência deste fenómeno nessa língua.

Desde já, estamos abertos às sugestões, por reconhecermos, à partida que não existem trabalhos científicos perfeitos e por acharmos que muitas vezes há intuições contrárias sobre determinados fenómenos.

Referências bibliográficas

- ABNEY, Steven Paul. (1987). *The English Noun Phrase. In Its Sentential Aspect*. Doutoral dissertation, Massachusetts Institute of Technology.
- ADGER, David (2002). *Core Syntax: a Minimalist Approach*. Oxford: Oxford University Press. (e-book 2002)
- AELBRECHT, Lobke & HAEGEMAN, Liliane (2012). Remarks and Replies. VP-Ellipsis Is Not Licensed by VP-Topicalization. *Linguistic Inquiry*, Vol. 43, Nº 4, pp. 591–614. Disponível em: <http://www.gist.ugent.be/file/402>
- AMBAR, Maria Manuela (1992). *Para uma Sintaxe da Inversão Sujeito-Verbo em Português*. Edições Colibri, Lisboa.
- ANDRADE, Ernesto De (2007). *Línguas Africanas. Breve Introdução à Fonologia e à Morfologia*, 1ª edição, Portugal.
- AZUAGA, Luísa (1996). Morfologia. In Faria, Hub Isabel; Pedro, Ribeiro Emília; Duarte, Inês; Gouveia, M., A., Carlos, (org.). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, pp. 215-244. Lisboa: Editorial Caminho, SA, 2ª edição.
- BATIBO, Herman M. (2008). The Circumstances of Language Shift and Death. In Cécile B. and MUFWENE Salikoko S. (Edited). *Globalization and Language Vitality: Perspectives from África*, pp. 51-69. VIGOROUX, Continuum international Publishing Group, (2008).
- BEATH, Thomas (2003). Syntax. In Derek Nurse & Gérard Philippson (Eds.). *The Bantu Languages*, pp. 121-139. First Published (2003) by Routledge, New York.
- BENMAMOUN, Elabbas (2000). *The Feature Structure of Functional Categories: a comparative study of Arabic dialects*. Oxford University Press, Inc.
- BRESNAN, Joan & MOSHI, Liola (1990). Object Asymmetries in Comparative Bantu Syntax. *Linguistic Inquiry*, Vol. 21, Nº 2, pp. 147-185. The MIT Press. Disponível em: <http://www.jstor.org/page/info/about/policies/terms.jsp>
- CHICUMBA, Segunda, Mateus (2012). *A Formação de Professores de Português, Língua Segunda (PL2) em Angola: O caso da Universidade Katyavala Bwila/Benguela*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de Lisboa.
- CHOMSKY, Noam (1981). *Lectures on Government and Binding Theory*. Foris Publications, Dordrecht/Cinnaminso: Foris Publications.

- CHOMSKY, Noam (1986). *Knowledge of language: its nature, origins and use*. New York: Praeger
- CHOMSKY, Noam (1993). *A Minimalist Program for Linguistic Theory. The view from Building, 20*, 1-52.
- CHOMSKY, Noam (1995). *The Minimalist Program*, Mass.: The MIT Press [tradução portuguesa: Eduardo Paiva Raposo (1999), *O Programa Minimalista*. Lisboa: Caminho.
- COSTA, Ana & COSTA, João (2001). *O que é um advérbio?* Lisboa: Edições Colibri/APP.
- COSTA, João & LOBO, Maria (2011). Objeto nulo na aquisição do português europeu: pro ou variável? *Textos Seleccionados, XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, 2011, pp. 197-207
- COSTA, João (2008). *O Advérbio em Português Europeu*. Lisboa: Edições Colibri
- CRUZ, Arsénio Silva Da (2013). Estudo comparativo entre o perfil linguístico do falante urbano do Lubango e do Huambo e suas implicações no ensino do Português. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade Nova de Lisboa.
- CUMBANE, Rui Marcelino Matsimbe (2008). *As Construções de Duplo Objecto em Xitshwa – Repercussões em Falantes do Português língua não materna*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- CUNHA, Celso & CINTRA, F., L., Lindley (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 1ª edição, Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- CYRINO, Sonia & MATOS, Gabriela (2005). Local licensers and recovering in VP ellipsis. *Journal of Portuguese Linguistics*, 4:2, Edições Colibri-AEJPL, Lisboa, pp. 79-112.
- CYRINO, Sónia & MATOS, Gabriela (2006a). Anáfora do Complemento Nulo: anáfora profunda ou de superfície? Evidência do Português Brasileiro e Europeu. *Letras de Hoje. Porto Alegre*. v. 41, nº 1, p. 121-141
- CYRINO, Sónia & MATOS, Gabriela (2006b). “Null Complement Anaphora in Romance: Deep or Surface Anaphora?”. In Doetjes, Jenny & Paz González (eds.). *Romance Languages and Linguistic Theory* (2004), pp. 95-120. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins. ISBN 90 272 47935
- CYRINO, Sónia & MATOS, Gabriela (2016). Null Objects and VP Ellipsis in European and Brazilian Portuguese. In *The Handbook of Portuguese Linguistics*, First Edition. Edited by W. Leo Wetzels, João Costa & Sergio Menuzzi. © 2016 John Wiley & Sons, Inc. Published 2016 by John Wiley & Sons, Inc.

- DRYER, S. Matthew (2005). Prefixing versus Suffixing in Inflectional Morphology. In HASPELMATH, Martin, DRYER, S. Matthew, GIL, David & SCHMIDT, Claudia (eds.) (2005). *The Word Atlas of Languages Structures*. Oxford University Press Inc., New York, pp. 110 - 113.
- DUARTE, Inês (1987). A Construção de Topicalização na Gramática do Português: regência, ligação e condições sobre movimento. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- FERNANDES, João & NTONDO, Zavoni (2002). *Angola: Povos e Línguas*. Editorial Nzila, Luanda.
- FREIXO, Manuel J. Vaz (2011). *Metodologia Científica – Fundamentos Métodos e Técnicas*, Instituto Piaget, 3ª edição, Lisboa.
- FUNAKOSHI, Kenshi (2014). Syntactic Head Movement and Its Consequences. Doctoral Dissertation, University of Maryland. Disponível em: <http://ling.umd.edu/assets/publications/Funakoshi-14-HeadMovement-Dissertation.pdf>
- GOLDBERG, M. Lotus (2005). Verb-Stranding VP Ellipsis: A *Cross-Linguistic Study*. Doctoral Dissertation, McGill University, Montréal, Québec, Canadá.
- GONÇALVES, Anabela & Costa, Teresa da (2002). *(Auxiliar a) Compreender os verbos auxiliares*. Edições Colibri e Associação de Professores de Português, Lisboa.
- GONÇALVES, Anabela & GABRIELA, Matos (2009). Ellipsis and Restructuring in European Portuguese. In Aboh, Enoch, Elisabeth Linden, Josep Quer & Petra Sleeman (Eds.). *Romance Languages and Linguistic Theory*, 2007. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 109-129.
- GONÇALVES, Perpétua (2013). As variedades angolana (PA) e moçambicana (PM) do português. In Raposo et al. (2013). *Gramática do Português*, Fundação Calouste Gulbenkian Volume I., pp. 161-178.
- GUTHRIE, Malcolm (1967). *An Introduction to the Comparative Linguistics and Prehistory of the Bantu Languages*, Gregg Press, Ltd.
- HANKAMER, Jorge & IVAN, Sag (1976). Deep and Surface Anaphora. *Linguistic Inquiry*, Vol. 7, Nº 3, pp. 391-428. Disponível em: <http://babel.ucsc.edu/~hank/Hankamer+Sag76.pdf>
- HANKAMER, Jorge (1978). On the Nontransformational Derivation of Some Null VP Anaphors. *Linguistic Inquiry*, Nº 9, pp. 66-74.

- HUANG, James (1984). On the Distribution and Reference of Empty Pronouns. *Linguistic Inquiry*, Vol. 15, Nº 4, pp. 531-574. The MIT Press.
- HYMAN, Lary, M. & KISSEBERTH, Charles, W. (1998). *Theoretical Aspects of Bantu Tone*. Center for the Study of Language and Information, Leland Stanford Junior University.
- INE (2016). *Resultados Definitivos do Recenseamento Geral da População e da Habitação de Angola*, Luanda, Angola.
- INVERNO, Liliana (2009). “A transição de Angola para o português vernáculo: estudo morfossintático do sintagma nominal”, In Ana Carvalho (ed), *Português em contacto*. Madrid, Frankfurt: Iberoamericana /editorial vervuert. Disponível em: http://www.uc.pt/creolistics/research/angola/inverno_forthcoming, consultado à 23/10/2015.
- JOHNSON, Kyle (2001). What VP Ellipsis Can Do, and What it Can't, but not Why. In *The Handbook of Contemporary Syntactic Theory*, Mark Baltin & Chris Collins (eds.) Blackwell, pp. 439-479. Disponível em: http://people.umass.edu/kbj/homepage/Content/what_vpe_can_do.pdf
- KATAMBA, Francis (2003). Bantu Nominal Morphology. In Derek Nurse & Gérard Philippson, *The Bantu Languages*, pp. 103-120. First Published by Routledge, New York.
- Lobeck, Anne (1987). Syntactic Constraints on Ellipsis. Doctoral Dissertation, University of Washington.
- LOBECK, Anne (1995). *Ellipsis. Functional Heads, Licensing, and Identification*. Oxford University Press, Inc.
- MARCONI, Marina Andrade DE & LAKATOS, Eva Maria (2003). *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo, Editora Atlas S.A, 5ª Edição.
- MARTINS, Ana Maria (1994). Clíticos na História do Português. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MATEUS, M., H., Maria (1990) – *Fonética Fonologia e Morfologia do Português*, Lisboa: Universidade Aberta.
- MATEUS, M., H., Maria; BRITO, Ana Maria, DUARTE, Inês, FROTA, Sónia, MATOS, Gabriela, OLIVEIRA, Fátima, VIGÁRIO, Marina & VILLALVA, Alina (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, SA, 7ª edição.

- MATOS, Gabriela (1992). Construções Elípticas do Predicado no Português – SV Nulo e Despojamento. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MATOS, Gabriela (2003) Construções elípticas. In Mateuset al., *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa: Editorial Caminho, pp. 869-913.
- MATOS, Gabriela. 2013. “Eclipse”. In Raposo et al., *Gramática do Português*, vol.2, 2351-2386. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- MATOS, Gabriela (2014). Anteposição de Constituintes Verbais, cópias e Elipse. In Alexandra Fiéis, Maria Lobo e Ana Madeira *O Universal e o particular: uma vida a comparar – Homenagem a Maria Francisca Xavier, 231-251. Lisboa: Edições Colibri.*
- MATOS, Gabriela (2017). TP Ellipsis with Polarity Particles. In Lopes, Ruth E. V., Juanito O. Avelar & Sónia M. L. Cyrino (eds.) *Romance Languages and Linguistic Theory 12*, pp:143-158. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- MCHOMBO, Sam (2004). *The Syntax of Chichewa*, Cambridge University Press.
- MOTA, Maria Antónia (2016). Morfologia das interfaces. In Ana, Maria Martins & Ernestina, Carrilho, (eds.). *Manual de Linguística Portuguesa*, pp. 156-177. Walter de Gruyter, GmbH, Berlin/Boston (2016).
- MUTAKA, Ngessimo & TAMANJI, Ngwa, Pius (2000). *Introduction to African Linguistics*, LINCOM Europa.
- MYERS, Scott (1998). AUX in Bantu Morphology and Phonology. In HYMAN, Lary, M. & KISSEBERTH, Charles, (eds.). *Theoretical Aspects of Bantu Tone*, pp.231-264. Center for the Study of Language and Information, Leland Stanford Junior University.
- NASCIMENTO DO, José Pereira (1894). *Gramática do Umbundu. Língua de Benguela*. Imprensa Nacional.
- NGONYANI, Deogratias Stan (1996). *The Morphosyntax of Applicatives*. Doctoral Dissertation, University of California, Los Angeles.
- NGONYANI, Deogratias Stan (1996). *VP ellipsis in Ndendeule and Swahili applicatives*. In *Syntax at sunset: UCLA working papers in syntax and semantics 1*, ed. Edward Garrett and Felicia Lee, 109 –128. UCLA.
- NGONYANI, Deogratias Stan (1998). *V-to-I movement in Kiswahili*. In *Agrikanistische arbeitspapiere 55, Swahili forum V*, ed. Rose Marie Beck, Thomas Geider, and Werner Graebner, 129–144. Köln: Institute für Afrikanistik, Universität zu Köln.

- NGONYANI, Deogratias Stan (2001). Evidence for Head Raising in Kiswahili Relative Clauses. *Studies in African Linguistics*, Volume 30, Numbers 1, Michigan State University.
- NGUNGA, Armindo (2002). *Elementos de Gramática de Yao*. Maputo, Imprensa Universitária.
- NGUNGA, Armindo (2004). *Introdução à Linguística Bantu*. Maputo, Imprensa Universitária.
- NURSE, Derek & Philippson, Gérard (2003). *The Bantu Language*, First Published by Routledge, New York.
- NURSE, Derek (2008). *Tense and Aspect in Bantu*, Oxford University Press Inc., New York.
- NZAU, Domingos; VENÂNCIO, Carlos; SARDINHA, Maria (2012). Em torno da consagração de uma variante do português: Subsídios para uma reflexão. *Limite*, nº 7, 2013, pp. 159-180.
- NZAU, Gabriel Ndele Domingos (2011). *A Língua Portuguesa em Angola: Um Contributo para o Estudo da Sua Nacionalização*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade da Beira Interior, Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- PANZO, João Boaventura Ima (2013). *As representações dos Professores sobre o Português Língua Segunda: Linhas de Actuação*. Programa de Formação Contínua para Professores do Ensino Primário em Angola. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade da Beira Interior.
- POLLOCK, Jean-Yves (1989). Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP. *Linguistic Inquiry*, Vol. 20, Nº. 3, pp. 365-424. The MIT Press
- RAPOSO, Eduardo Paiva (1986) *On the Null Object in European Portuguese*. In *Studies in Romance Linguistics* (O. Jaeggli, & C. Silva-Corvalán, editors). Dordrecht: Foris Publications.
- RAPOSO, P. B. Eduardo; NASCIMENTO, B. F. Maria; MOTA, A. M. Maria; SEGURO, Luísa; MENDES, Amália, (Org.) (2013). *Gramática do Português*. Lisboa: Editor Fundação Calouste Gulbenkian.
- REGO, Sóstenes Valente (2012). *Descrição Sistémico-Funcional da Gramática do Modo Oracional das Orações em Nyungwe*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras/Universidade de Lisboa. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/7530/1/ulsd064278_td_Sostenes_Rego.pdf

- RUBINO, Carl (2005). Reduplication. In Martin, Haspelmath, Matehew, S. Dryer, David, Gil & Bernard, Comrie, (Eds) (2005). *The World Atlas of Languages Structures*. Oxford University Press, Inc, New York, pp. 114 - 117.
- SAG, Ivan & HANKAMER, Jorge (1984). Toward a Theory of Anaphoric Processing. *Linguistics and Philosophy* N° 7, pp. 325 – 345.
- SANTOS, J. Almeida (1962a). *Gramática comparada dos falares bantos angolanos*. Nova Lisboa.
- SANTOS, J., Almeida (1962b). *As classes Morfológicas nas Línguas Bantu*, Nova Lisboa.
- SCHADEBERG, Thilo C. (1990). *A Sketch of Umbundu*, Köln: Köppe.
- SCHADEBERG, Thilo C. (2003). Derivation. In Derek, Nurse & Gérard, Philippon. *The Bantu Language*, pp. 71-89, First Published by Routledge, New York.
- SEVERO, Gorski, Cristine (2014). Línguas e Estados Nacionais: problematizações históricas e implicações, In Cristine Severo, Bento Siteo, José Pedro, (Org.). *Estão as Línguas Nacionais em Perigo?* Lisboa: Escolar Editora.
- STOWELL, Timothy Angus (1981). *Origins of Phrase Structure*. PhD Dissertation. MIT. Cambridge, Massachusetts.
- THOMPSON, Andrea (2014). *Beyond Deep And Surface: Explorations In The Typology Of Anaphora*. Doctoral dissertation, Santa Cruz, University of Califórnia. Disponível em: <http://www.luisvicente.net/coursematerials/mm2-ss15-readings/thompson---beyond-deep-and-surface-explorations-in-the-typology-of-anaphora.pdf>
- VALENTE, Francisco José & GUENNEC, Grégoire Le (S.D). *Dicionário Português – Umbundu*. Escolar Editora, Angola.
- VALENTE, Francisco, José, P. (1964). *Gramática Umbundu: A língua do Centro de Angola*, Junta de investigação do Ultramar.
- VILELA, Mário (1999). A língua portuguesa em África: tendências e factos. *Africana Studia* (1): 175-195.
- VILLALVA, Alina & SILVESTRE, P. João (2014). *Introdução ao Estudo do Léxico: Descrição e Análise do Português*, Petrópolis, RJ: Vozes.
- VILLALVA, Alina (2003). Estruturas morfológicas básicas. In Mateus, et al., *Gramática da Língua Portuguesa*, pp. 917-938, 2003, Lisboa: 5ª edição, Editorial Caminho, SA, pp. 919-938.
- VILLALVA, Alina (2008). *Morfologia do Português*, Lisboa: Universidade Aberta.
- VILLALVA, Alina (2008). *Morfologia do Português*, Lisboa: Universidade Aberta